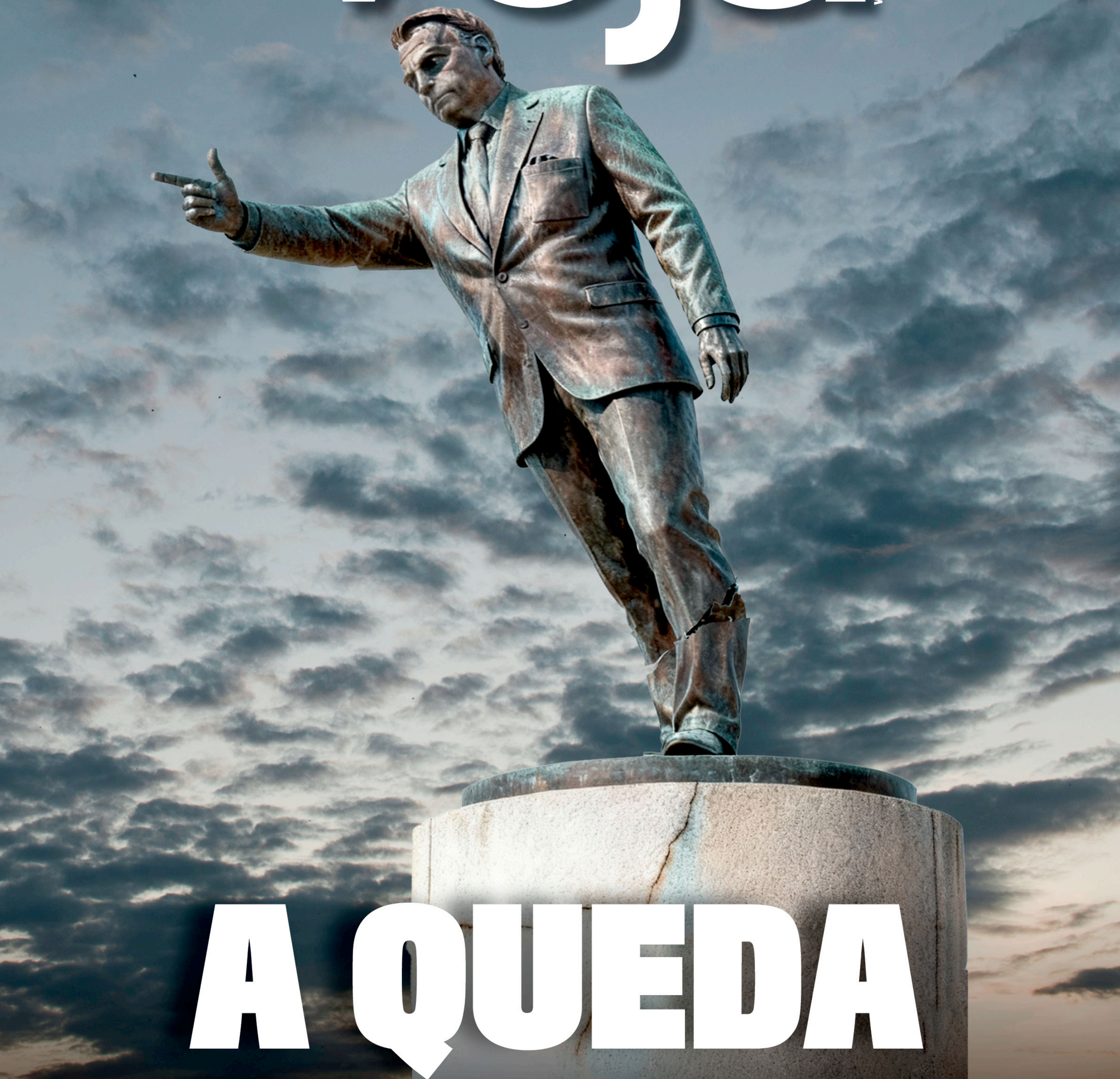
Editora ABRIL
edição 2972 - ano 58 - nº 48
28 de novembro de 2025

veja

www.veja.com



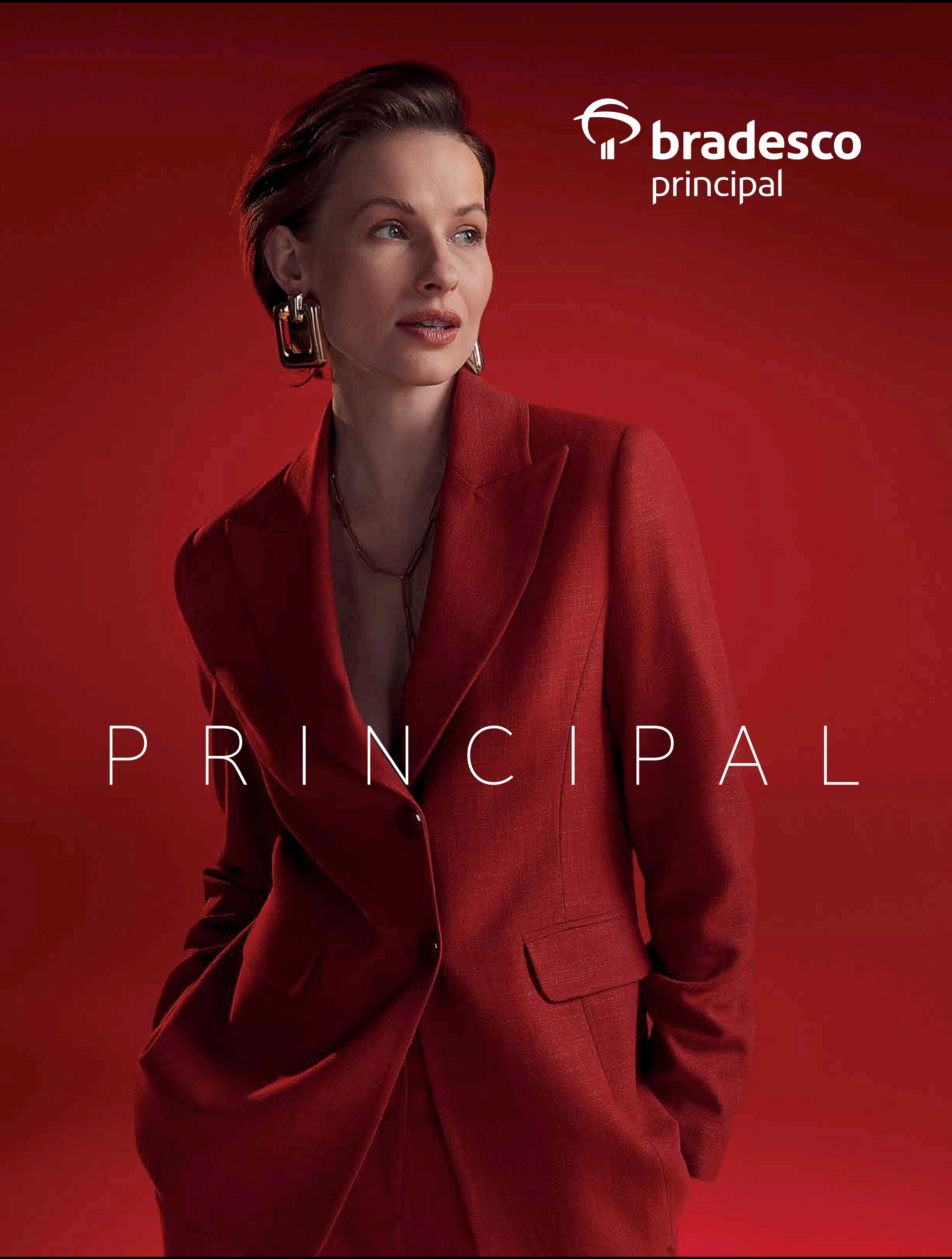
A QUEDA

A prisão do ex-presidente cria sérias dúvidas a respeito do futuro do bolsonarismo enquanto força política e impõe novos desafios à articulação de uma candidatura de direita para as eleições presidenciais de 2026

VISÃO DE FUTURO É O ATIVO QUE MAIS SE VALORIZA.

Investir com Bradesco Principal é ter acompanhamento especializado do seu patrimônio, no Brasil e no exterior, com advisors dedicados e soluções sob medida.

O Bradesco que você já conhece, com a sofisticação que você nem imagina.



bradesco
principal

PRINCIPAL

PECUÁRIA BRASILEIRA PODE REDUZIR ATÉ 92,6% DE EMISSÕES ATÉ 2050

Estudo da FGV e ABIEC aponta que ganhos de produtividade e tecnologias de baixo carbono podem transformar o setor em protagonista da agenda climática

A pecuária de corte brasileira, líder mundial em exportações de carne bovina, está no centro de uma mudança estrutural que pode reposicionar o país nas discussões globais sobre clima. Um estudo produzido pela Fundação Getulio Vargas (FGV) em parceria com a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC) – lançado durante a COP30, em Belém – mostra que o setor vai reduzir em pelo menos 79,9% as emissões de CO_2 equivalente por quilo de carne produzida até 2050, caso mantenha o ritmo atual de modernização.

Os dados mostram que essa transformação vem ocorrendo há décadas. Nos últimos 34 anos, a pecuária aumentou sua produtividade em 183% ao mesmo tempo em que reduziu a área de pastagens em 18%, um indicativo claro de intensificação sustentável. Melhoramento genético, suplementação nutricional, práticas de bem-estar animal e sistemas integrados contribuíram para que mais carne fosse produzida por hectare, com menos impacto ambiental. Esse movimento é reforçado pelo manejo e pela recuperação de pastagens, que permitem concentrar mais animais em áreas já ocupadas.

“A pecuária brasileira tem um papel central na agenda climática e enorme potencial para contribuir com a descarbonização, liberando espaço nas metas do Brasil em relação ao Acordo de Paris. Isso é motivo de muito orgulho, mas também aumenta a nossa responsabilidade”, destaca Roberto Perosa, presidente da ABIEC.

CAMINHOS PARA ACELERAR A DESCARBONIZAÇÃO

O estudo mostra que, mesmo com o crescimento da produção, as emissões líquidas da pecuária, isto é, emissões menos remoções, tendem a cair de forma expressiva: 60,7% até 2050 no cenário de continuidade das tendências atuais, chegando a 85,4% nos cenários mais avançados.

Essa redução é sustentada por ganhos contínuos de produtividade, resultantes da intensificação sustentável, da recuperação de pastagens e da difusão de sistemas integrados, que permitem produzir mais carne por hectare e por animal.

Quando se observa a intensidade de emissões por quilo de carne, fica evidente como a eficiência produtiva impulsiona essa tendência. No cenário atual, a intensidade cai de 80 kg para 16,1 kg de CO_2 até 2050, uma redução de -79,9%. Com desmatamento zero, a redução chega a 86,3%. A adoção integral das tecnologias do Plano ABC+ eleva o potencial para 91,6%, e a incorporação de medidas adicionais, como abate precoce e aditivos que reduzem metano, permite alcançar uma redução de 92,6%.

“Esses resultados evidenciam que a pecuária brasileira pode ampliar sua produção e, ao mesmo tempo, consolidar uma trajetória consistente de descarbonização, atuando como aliada da agenda climática nas próximas décadas”, afirma Camila Estevam, pesquisadora no FGVAgro.

TECNOLOGIA, RASTREABILIDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS

A consolidação de cenários mais ambiciosos, porém, depende de políticas públicas e instrumentos econômicos capazes de viabilizar a adoção dessas tecnologias em escala nacional.

Entre os pontos essenciais estão o combate ao desmatamento ilegal, a implantação de sistemas de rastreabilidade e a expansão dos incentivos para recuperação de pastagens degradadas. A ABIEC destaca o apoio a iniciativas como o Plano Nacional de Identificação de Bovinos, o AgroBrasil+Sustentável e programas estaduais como o Selo Verde e o Protocolo Boi na Linha, que estabelecem diretrizes socioambientais para a cadeia.

Para os pesquisadores da FGV, a combinação entre regulação e apoio financeiro pode ser decisiva para acelerar a transição. A abordagem metodológica utilizada no estudo, baseada em geoanálises pixel a pixel e modelagem econômica, permite mapear com maior precisão a dinâmica de uso da terra e atribuir emissões aos diferentes sistemas produtivos. A expectativa é que tecnologias de baixo carbono se tornem cada vez mais acessíveis, ampliando a capacidade do país de mitigar emissões em larga escala.

PECUÁRIA MODERNA BRASILEIRA FARÁ EMISSÕES CAÍREM PELO MENOS 79,9% ATÉ 2050

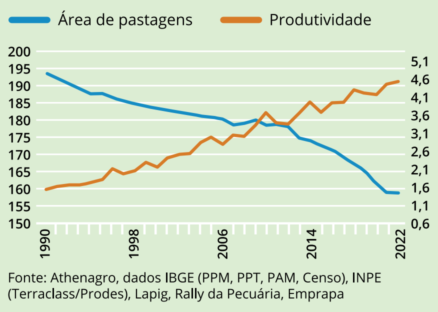
Como a pecuária vai **contribuir positivamente** para a agenda do clima

PECUÁRIA JÁ VEM UTILIZANDO TECNOLOGIAS E PRÁTICAS QUE AUMENTAM EFICIÊNCIA:

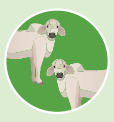
- Área de pastagem caiu **18%** (últimos 34 anos)
- Produtividade subiu **183%** (arrobas por ha/ano)

EVOLUÇÃO NO BRASIL

Milhões ha; @/ha/ano



Fonte: Athenagro, dados IBGE (PPM, PPT, PAM, Censo), INPE (Terraclass/Prodes), Lapig, Rally da Pecuária, Emprapa



MAIS BOI POR ÁREA

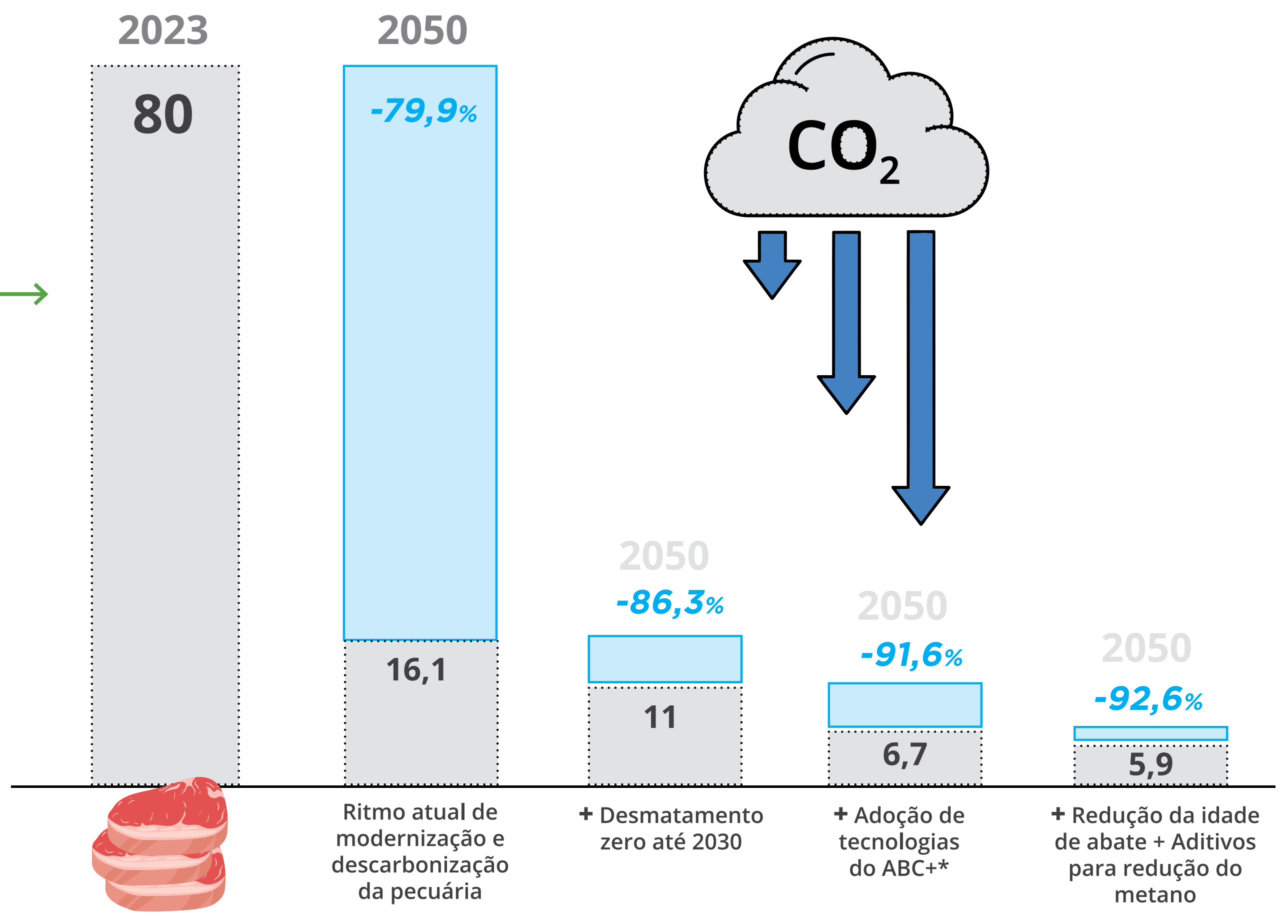
Manejo recuperação de pastagem e sistemas integrados permitem que mais animais sejam produzidos na mesma unidade de área

MAIS CARNE POR BOI

Melhoramento genético, suplementação nutricional, práticas de bem-estar e saúde animal permitem que se produza mais carne por animal

REDUÇÃO DAS EMISSÕES PARA PRODUZIR CARNE

Kg de CO2e para produzir 1 kg de carne (carcaça)



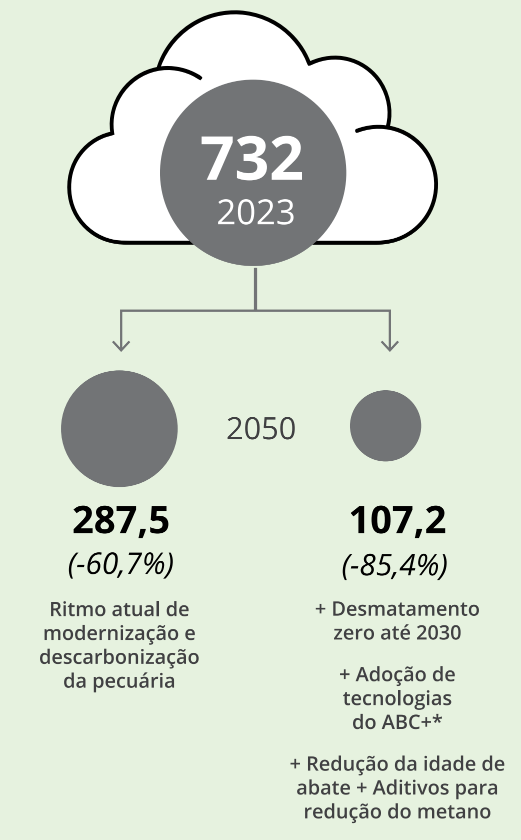
* O Plano ABC+ (Plano Setorial para Adaptação à Mudança do Clima e Baixa Emissão de Carbono na Agropecuária – 2020-2030)

A pecuária brasileira tem um papel central na agenda climática — e um enorme potencial para contribuir com a descarbonização e liberar espaço nas metas da NDC do Brasil

EMISSÕES MENOS REMOÇÕES

BALANÇO LÍQUIDO DE EMISSÕES

(em milhões de toneladas de CO2e)


732
2023
2050
287,5
(-60,7%)
Ritmo atual de modernização e descarbonização da pecuária
107,2
(-85,4%)
+ Desmatamento zero até 2030
+ Adoção de tecnologias do ABC+*
+ Redução da idade de abate + Aditivos para redução do metano

abiec

FGV | CENTRO DE ESTUDOS DO AGRONEGÓCIO

METODOLOGIA

O estudo utiliza geoanálises e modelagem econômica, conectando o uso da terra ao desempenho produtivo e ambiental da pecuária. A principal inovação está na abordagem pixel a pixel, que permite identificar onde o desmatamento ocorreu e atribuir de forma mais precisa as emissões ao setor, aliada ao uso de um modelo econômico global que projeta cenários de produção, produtividade e emissões até 2050 sob diferentes estratégias de mitigação.

ines249

veja

ÀS SUAS ORDENS

Assinaturas
www.assineabril.com.br

Vendas corporativas e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200

Telefones: SAC (11) 3584-9200

Renovação 0800 7752112

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

atendimento@abril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Todo acervo publicado de Veja está
no App Veja. Baixe aqui

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de
reprodução de textos e
imagens, envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

LICENCIAMENTO DE MARCA
Para inserir as marcas do
Grupo Abril em produtos e
negócios, envie um e-mail para:
licenciamento@abril.com.br

PARA ANUNCIAR NO ESPAÇO DIGITAL E IMPRESSO
e-mail: publicidade@abril.com.br

TRABALHE CONOSCO
https://talentosabril.vagas.solides.com.br

EDITORA Abril

Fundada em 1950

Publisher: Fábio Carvalho

CEO e diretor de redação: Mauricio Lima

veja

Diretor-adjunto: Sérgio Ruiz Luz

Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano e Policarpo Junior

Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Sollitto, Daniel Lopes Fernandes, Diogo Massaine Sponchiato, Diogo Xavier Schelp, José Benedito da Silva, Marcela Maciel Rahal, Márcio Juliboni, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias, Sérgio Roberto Vieira Almeida **Editora-assistente:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Amanda Capuano Gama, Anna Carolina Satie Suguihara Silva, Bruno Caniato Tavares, Camila Koester Pati, Carolina Neves Ferraz do Amaral, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Soderini Erlich, Heitor Vinicius Guimarães da Silva, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Marcelo Ribeiro Silva, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nathalia de Oliva Oliveira, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Nascimento Jordão, Pedro do Val de Carvalho Gil, Pedro Henrique Lenzi Pupulim, Simone Sabino Blanes, Thiago Gelli Carrascoza, Valéria França, Valmir Moratelli Cassaro, Victória Ribeiro Carvalho **Sucursais:** ***Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editores-executivos:** Daniel Pereira, Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editor:** Ricardo Ferraz de Almeida **Repórteres:** Anita Prado, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima **Estagiários:** Bárbara Elen Bigas, Beatriz Haddad Ferreira, Flavio Pantoja Monteiro, Julia Sofia Silva, Leticia Viana Gabriel de Souza Yamakami, Ligia Greco Leal de Moraes, Natalia Tiemi Hanada, Valentina Soares Rocha Alves **Arte — Diretor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartsman, Cristovam Buarque, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.abril.com.br

YouTube www.youtube.com/@veja
@vejamais
linkedin.com/company/veja-com
@VEJA
facebook.com/veja
tiktok.com/@revista_veja

VP DE PUBLISHING (CPO) Andrea Abelleira, **DIRETOR DE TECNOLOGIA** Filipe Gomes,
DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto,
DIRETOR DE ASSINATURAS Alberto Pirro, **GERENTE EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

Redação e correspondência: 301 Usina – Av. Alcides Sangirardi, s/nº – Espaço C – Cidade Jardim, São Paulo, SP, CEP 05672-015

VEJA 2 972 (ISSN 0100-7122), ano 58, nº 48. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC | GoRead

GRUPO Abril

www.grupoabril.com.br

CU$TO
BRASIL

MESMO NA
BLACK FRIDAY,
VOCÊ PAGA
POR CUSTOS
QUE NÃO VÊ.

ELES SE ESCONDEM NOS PRODUTOS,
NOS SERVIÇOS, NO SEU DIA A DIA
E CUSTAM R$ 1,7 TRILHÃO POR ANO
PARA O BRASIL.

Acesse e descubra o impacto dos vilões que pesam no seu bolso.

Sistema
INDÚSTRIA
CNI | SESI | SENAI | IEL

IOF

btg pactual
UltraBlue
mastercard

btg pactual

ZERØ

Se você quer viajar
o mundo e não pagar
IOF nas compras,
o BTG é o seu Banco.

No BTG Pactual, você compra mais e paga menos: todos os cartões BTG têm IOF Zero em compras internacionais, sem limite de valor. Além disso, você tem acesso a mais de 1.000 salas VIP e um programa de benefícios completo, com pontos ou cashback, à sua escolha.

*Cartão sujeito à análise de crédito. A Campanha IOF Zero é válida exclusivamente para compras internacionais no crédito e no débito, por tempo indeterminado, e poderá cessar a qualquer momento sem aviso prévio. Não serão consideradas transações no cartão de débito internacional. Consulte o Regulamento.

GABRIELA BILÓ/FOLHAPRESS

NOVEMBRO DE 2025 O capitão: na PF de Brasília

A LEI É PARA TODOS

NAS ÚLTIMAS décadas, os brasileiros acostumaram-se a votar para presidente e, na sequência, ver boa parte dos eleitos serem enviados à cadeia. Essa sina se confirmou com a prisão de Jair Bolsonaro — primeiro de forma preventiva, no sábado 22, e três dias depois em definitivo, já contando o tempo para o início do cumprimento da condenação de 27 anos e três meses em regime fechado por tentativa de golpe de Estado. Relator da ação no STF, o ministro Alexandre de Moraes determinou que ele ficará na Superintendência da Polícia Federal no Distrito Federal, para onde já havia sido

HEULER ANDREY/AFP

ABRIL DE 2018 Lula: encarcerado durante 580 dias

enviado por tentar violar a tornozeleira eletrônica que usava na prisão domiciliar.

Com a detenção do capitão, o Brasil acrescenta mais um número a uma contabilidade espantosa: desde as eleições diretas, quatro dos sete presidentes tiveram o mesmo destino. No momento, aliás, registra-se outra singularidade nacional. Há dois ex-chefes de Estado presos simultaneamente. Além de Bolsonaro, Fernando Collor de Mello cumpre pena pelos crimes de corrupção e lavagem de dinheiro. Ele foi inicialmente levado a um presídio em Alagoas, mas depois recebeu o benefício da prisão domiciliar. Já o atual mandatário, Luiz Inácio Lula da Silva, ficou 580 dias detido em Curitiba, no Paraná, até que a sentença foi anulada pelo

BANDTV/AFP

MARÇO DE 2019 Michel Temer: suspeita de corrupção

Supremo. O quarteto de ex-presidentes com o mesmo histórico se completa com Michel Temer. Suspeito de receber propina nas obras da usina de Angra 3, permaneceu preso por quatro dias. Acabou liberado por uma decisão em segunda instância.

Com exceção de Bolsonaro, os três outros ex-presidentes tiveram sérios problemas na Justiça por casos ligados à corrupção. O histórico pode ser interpretado como um sintoma sério de que esse tipo de crime ainda é institucionalizado no Brasil, sendo que a prática chega até as mais altas esferas do poder. Por outro lado, eis aí o aspecto positivo: as prisões dos ex-mandatários mostram que a cultura política de impunidade passou a ser confrontada com o fortalecimento

REPRODUÇÃO

ABRIL DE 2025 Collor: benefício da prisão domiciliar

dos mecanismos legais ocorrido nos últimos anos. O recado fica cada vez mais claro: ninguém está acima da lei.

A gravidade dos crimes cometidos por Bolsonaro e seu grupo na tentativa de se manterem no poder após a derrota em 2022 recebeu uma resposta à altura do STF. De forma inevitável, o início do cumprimento da sentença acelerou as especulações sobre o futuro político do ex-presidente, de sua família e de seus aliados, tema do pacote de reportagens especiais que começa com a matéria “Fecham-se as cortinas”. Mesmo preso, o capitão é uma peça que precisará ser levada em conta no xadrez eleitoral de 2026. Mas o tamanho de sua influência daqui para a frente passará pela maior prova de fogo. ■

NCL NORWEGIAN CRUISE LINE®

Nesta Black Friday, sinta-se livre para reservar as memórias inesquecíveis do próximo ano.

Torne 2026 ainda mais especial reservando suas férias dos sonhos com a Norwegian Cruise Line®. Aproveite até 50% OFF em cruzeiros e viva a melhor experiência em alto-mar com o programa Free at Sea™, que inclui bebidas premium, restaurantes de especialidade e muito mais.*

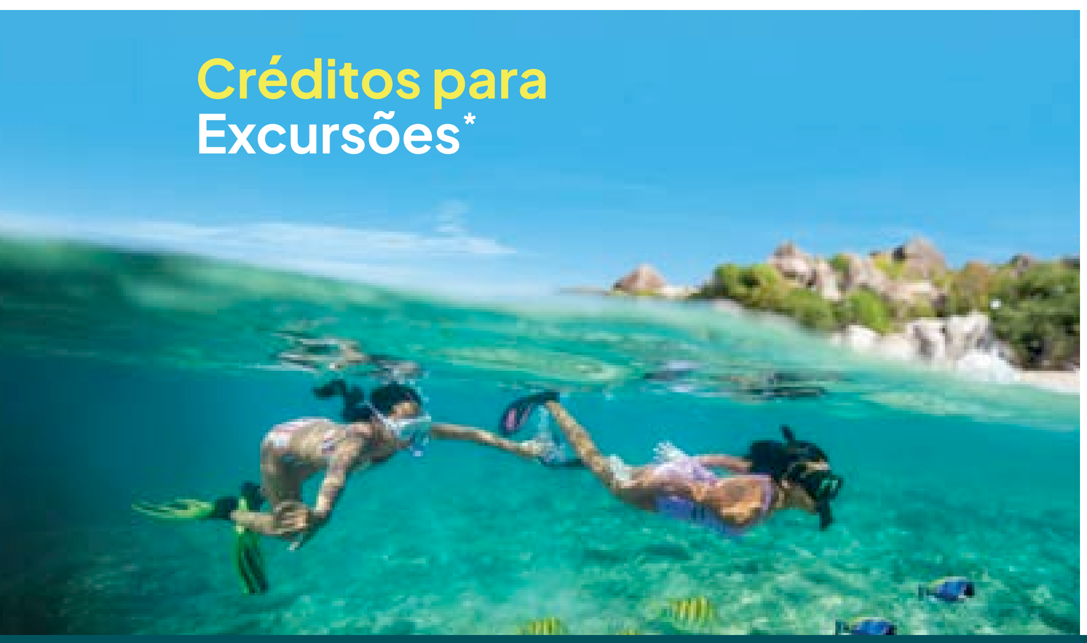
OFERTA BLACK FRIDAY

ATÉ 50% OFF EM CRUZEIROS* + **OPEN BAR ILIMITADO E MAIS!***

*TAXAS NÃO INCLUSAS. RESTRIÇÕES SE APLICAM.

Open Bar Ilimitado*

Restaurantes de Especialidade*



Créditos para Excursões*

Pacote de WI-FI*

3º e 4º Hóspedes*

Atendimento exclusivo: **(11) 3177-3137**
ou consulte o seu **agente de viagens**

*Taxas não inclusas. Restrições se aplicam. Para acessar os termos completos da oferta, acesse ncl.com.br
©2025 NCL Corporation Ltd. Ships' Registry: Bahamas and USA 2901500 11/25

Reserve hoje as férias dos seus sonhos!

15º PRÊMIO

LÍDERES DO BRASIL® 2025

1 DE DEZEMBRO – 19H30 ÀS 22H

HOTEL W – SÃO PAULO

ASSISTA À TRANSMISSÃO AO VIVO EM:

AOVIVO.LIDE.COM.BR

PATROCÍNIO MASTER

BYD

PATROCÍNIO

bradesco

GRUPO FS

hapvida
NotreDame Intermédica

X-VIA
Inteligência Artificial

alpha secure®

APOIO

GrantThornton

Magalu

MRV

TAUIL | CHEQUER
MAYER | BROWN

MÍDIA PARTNERS

JOVEMPAN

LIDE® .com.br

REVISTA LIDE

TV LIDE®

FORNECEDORES OFICIAIS

3corações

Bauducco

ambipar®

Mistral

PRATA DESDE 1876

RCE DIGITAL

Vero Latte

INICIATIVA

LIDE®

INFORMAÇÕES

MAIOR PREMIAÇÃO EMPRESARIAL DO PAÍS

EMPRESA DO ANO
JHSF
AUGUSTO MARTINS

LÍDER EM AGRONEGÓCIO
MBRF
MARCOS MOLINA

LÍDER EM AUTOMOBILÍSTICO
BYD
ALEXANDRE BALDY

LÍDER EM CONSTRUÇÃO CIVIL
MRV
EDUARDO FISCHER

LÍDER EM EDUCAÇÃO
GRUPO SEB
CHAIM ZAHER

LÍDER EM ELETROELETRÔNICOS
SEMP
FELIPE HENNEL FAY

LÍDER EM ENERGIA
LIGHT
ALEXANDRE NOGUEIRA

LÍDER EM FARMACÊUTICA
EMS
MARCUS SANCHEZ

LÍDER EM GRUPO ECONÔMICO
ITAÚSA
ALFREDO SETUBAL

LÍDER EM HOSPITAL & COMPLEXO HOSPITALAR
REDE D'OR
PAULO JUNQUEIRA MOLL

LÍDER EM INDÚSTRIA
EMBRAER
FRANCISCO GOMES

LÍDER EM INDÚSTRIA DO TURISMO
CVC
FÁBIO GODINHO

LÍDER EM INFRAESTRUTURA
ACCIONA
ANDRÉ DE ANGELO

LÍDER EM INOVAÇÃO
IFOOD
DIEGO BARRETO

LÍDER EM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL
X-VIA
ROBERTO FLORENTINO JR

LÍDER EM INSTITUIÇÃO FINANCEIRA
BRADESCO
MARCELO NORONHA

LÍDER EM LOGÍSTICA E TRANSPORTE
JSL
RAMON ALCARAZ

LÍDER EM MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS
CATERPILLAR
CARLOS ALEXANDRE OLIVEIRA

LÍDER EM MINERAÇÃO
VALE
GUSTAVO PIMENTA

LÍDER EM PAPEL, PAPELÃO E CELULOSE
KLABIN
CRISTIANO TEIXEIRA

LÍDER EM PETRÓLEO & GÁS
SHELL
CRISTIANO PINTO DA COSTA

LÍDER EM SEGURANÇA CIBERNÉTICA
FS
ALBERTO LEITE

LÍDER EM SIDERURGIA
GERDAU
GUSTAVO WERNECK

LÍDER EM TECNOLOGIA
TOTVS
DENNIS HERSZKOWICZ

LÍDER EM TELECOM
TIM
AUANA MATTAR

LÍDER EM VAREJO
MAGAZINE LUIZA
LUIZA HELENA TRAJANO

LÍDER EM VEÍCULOS PESADOS
MAN - VW CAMINHÕES
ROBERTO CORTES

DM9

JHSF
SURPREENDENTE

FAZENDA SANTA HELENA
BRAGANÇA PAULISTA

A NOVA FAZENDA
DA JHSF

AGUARDE

SAIBA MAIS

FOTO REAL DA FAZENDA SANTA HELENA

CLAUDIO GATTI

“BANDIDO NÃO É VÍTIMA”

Secretário de Segurança de São Paulo, o deputado defende projeto de lei contra facções do qual foi relator, critica visão da esquerda sobre o tema e diz que é preciso linha dura contra o crime

ISABELLA ALONSO PANHO

O SECRETÁRIO de Segurança Pública de São Paulo, Guilherme Derrite, esteve no centro da polêmica no Congresso Nacional ao reassumir o posto de deputado pelo PP para relatar o projeto de lei contra facções criminosas. Apresentado pelo Executivo como "PL Antifacção", o texto foi modificado por Derrite, que ampliou as penas de prisão e restringiu ou eliminou benefícios, como a progressão de regime, a concessão de auxílio-reclusão e o uso de fiança. Também criou tipos penais como o "domínio social estruturado" (quando grupos armados impõem suas leis sobre territórios e populações), e mudou o nome da proposta para Marco Legal do Combate ao Crime Organizado, o que foi visto pelo governo como uma tentativa de assumir a paternidade da iniciativa. Sob bombardeio de Lula e aliados, sua versão foi aprovada por 370 votos a 110, uma vitória expressiva da oposição. Em entrevista a VEJA, Derrite, que é pré-candidato ao Senado, defende a linha dura e diz que a direita sai na frente na discussão sobre segurança, tema central em 2026. "O governo Lula e o PT têm dificuldade muito grande com isso porque eles têm uma visão de mundo completamente diferente do que a população espera", diz.

O senhor teve muito apoio, mas também muita resistência na tramitação do projeto contra facções. A que atribui as críticas, em especial do governo Lula, e o que achou do resultado final? Em qualquer crítica, meu primeiro ponto de partida é quem está criticando. Quando eu vejo me criticarem aqueles que acham que bandido é coitadinho, que traficante é vítima, que é absurdo a polícia prender criminosos só porque estão roubando celulares para tomar uma cervejinha, para mim é um elogio. Encontrei grande respaldo na população. O projeto de lei é tudo o que a sociedade esperava ao longo de décadas do Congresso. É uma legislação dura, que, infelizmente, não contou com o apoio de todos os parlamentares, porque eles ficaram presos à questão política apenas pelo fato de eu ter sido designado relator.

O governo já está se movimentando no Senado para articular uma possível versão mais próxima da original. O que acha dessa articulação? O governo teve quinze dias para me procurar durante a tramitação na Câmara e não me procurou. No dia em que viram que o projeto foi pautado e não ia ser reti-

“Temos que usar exemplos de países
que tiveram bons resultados,
que adotaram política de tolerância
zero, que recuperaram
o instituto do cumprimento da pena
e acabaram com a impunidade”

rado, governo, PT e esquerda quiseram marcar uma reunião. Depois me atacaram por duas semanas com falsas narrativas, com mentiras, inclusive usando as redes oficiais do governo. Eu avisei o presidente Hugo Motta que não iria me reunir com eles e que íamos enfrentar no voto. Foi o que aconteceu. Agora, a possibilidade de mudança no Senado faz parte do processo democrático no Congresso.

O senhor conversou com Alessandro Vieira (MDB-SE), que é o relator do PL no Senado? Conversei inclusive durante a discussão na Câmara. Ele foi delegado de polícia, conhece o assunto, o que julgo importante. Ele deu sugestões desde o início, assim como os senadores Sergio Moro (União Brasil-PR) e Rogério Marinho (PL-RN). É natural que mudanças aconteçam na outra Casa, mas eu acredito muito pouco que sejam no sentido de voltar ao projeto original do governo.

Além do projeto aprovado, o que mais precisa ser feito para melhorar a segurança pública no Brasil? Precisamos tratar dos crimes comuns, praticados diária e rotineiramente nas ruas. Tem que ter um pressuposto geral de endurecimento da legislação, de encarecimento do custo do crime para qualquer tipo de roubo e receptação. Um tema importantíssimo é a audiência de custódia. Preso reincidente que cometeu crime hediondo ou mediante violência e grave ameaça não tem que ter direito ao benefício. Sou defensor de que a audiência de custódia acabe de uma vez por todas. Só traz benefício ao criminoso. Outra questão é a progressão do regime de cumprimento de pena. É inadmissível cumprir só uma parte da punição. Se um criminoso foi condenado a doze anos de prisão, tem que cumprir os doze anos de prisão. Foi por isso que nós colocamos a exigência de cumprir ao menos 85% da pena no novo marco legal.

Isso demandaria, inevitavelmente, mexer também no sistema penitenciário, não? Porque a realidade de uma grande parcela dos presídios é de superlotação. Quando se fala da população carcerária, contabilizam-se todos que estão cumprindo pena. E tem regime fechado, semiaberto e aberto. E outra: todo país que endureceu as penas para o crime teve, em um primeiro momento, um pico, um aumento da população carcerária, seguido depois de uma queda absurda. Porque o crime deixa de ser atrativo, economicamente viável, para o criminoso. Hoje é o contrário, ele sente um estímulo para a vida delituosa.

Acredita que a linha dura é a melhor alternativa para lidar com o problema? É a única saída. Apesar de eu ser um parlamentar conservador, essa não é uma pauta da direita nem da esquerda. É da sociedade. Temos que usar os exemplos de países que tiveram bons resultados, que adotaram uma política de tolerância zero, que recuperaram o instituto do cumprimento de pena e que acabaram com a impunidade. Porque o grande problema da reincidência criminal é a impunidade. O criminoso sai e entra numa porta giratória do sistema prisional porque ele sabe que, se for condenado por roubo de celular, de aliança, de correntinha a cinco anos de prisão, vai ficar seis ou oito meses no cárcere.

Sobre a PEC da Segurança, também apresentada pelo governo Lula, o senhor acha que a União deve ter mais espaço no combate ao crime organizado? A rede colaborativa é o grande segredo. As melhores respostas vêm sempre quando as polícias Federal e estaduais trabalham em conjunto. A PF tem pouco mais de 13 000 homens, como ela vai dar conta de todos os crimes? Não tem como. O texto da PEC é muito ruim, faz uma centralização de poder absurda no governo federal. Fazer segurança pública no estado do Amazonas é diferente de fazer no Rio de Janeiro. O texto ignora isso e traz uma política nacional de segurança pública tocada por um conselho formado majoritariamente por membros do governo. Eles vão criar um plano e os governadores serão obrigados a seguir, sob pena de não receberem os “vultosos” recursos do Fundo Nacional de Segurança Pública. O tanto que recebemos é uma piada: menos de 50 milhões de reais por ano, sendo que a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo tem um orçamento de 33 bilhões de reais por ano.

A segurança será mesmo o grande tema das eleições em 2026? O governo Lula e o PT têm uma dificuldade muito grande com segurança pública porque eles têm uma visão de mundo completamente diferente do que a população espera. A sociedade não aguenta mais ser vítima de roubo e não tolera mais a impunidade. Chegamos a prender criminoso que rouba celular quinze, trinta vezes, sempre pelo mesmo crime. A esquerda tem tanta dificuldade que no projeto ela incluiu uma proposta que previa redução de pena. O brasileiro quer é o endurecimento das punições.

O senhor pretende antecipar a saída do cargo para disputar a eleição? Sou obrigado a deixar o posto até o final de março, mas existe a possibilidade de ser neste ano por causa justamente da PEC da Segurança Pública, já que o relatório deve ser apresentado em dezembro. Mas tenho ainda que conversar com o governador sobre isso.

A política de segurança em São Paulo recebe muitas críticas por excessos dos policiais. Onde o senhor acha que acertou e onde errou em sua gestão? É difícil fazer essa autoavaliação. Nosso maior acerto foi ter um plano estratégico

“Lula e o PT têm uma dificuldade muito grande com segurança pública porque eles têm visão diferente do que a população espera. O brasileiro quer o endurecimento das punições”

de combate ao crime organizado, que São Paulo nunca teve. Fazer com que as polícias trabalhassem de forma coordenada e integrada, principalmente focadas no serviço de inteligência, foi uma grande vitória. O maior desafio da minha vida foi ter exercido a função de secretário de Segurança Pública. Se fosse para pontuar alguma coisa, não como um erro meu, mas talvez um erro do governo, foi não ter divulgado mais o trabalho que a secretaria e as polícias fizeram. Por exemplo, a gente acabou com a cracolândia.

Se Tarcísio disputar a Presidência, o senhor se colocaria como candidato a governador? Ele teria o meu voto.

E quanto à disputa para o Palácio dos Bandeirantes? Eu tenho o desejo de ser senador. Nunca escondi isso e fiquei muito feliz por ter sido lembrado para disputar essa vaga. É natural que o partido a que eu pertenço tenha as suas pretensões políticas, mas, da minha parte, estou focado na campanha para o Senado. Ao longo desses três anos como secretário, ficou comprovado que o problema da criminalidade não está na governança, na gestão — a questão é da legislação. Eu posso contribuir muito mais estando na Câmara ou no Senado, com novas propostas ou com discussões relevantes.

A prisão do ex-presidente Jair Bolsonaro bagunça o xadrez da direita para 2026 (leia a reportagem “Fecham-se as cortinas”)? Em primeiro lugar, vejo uma grande injustiça sendo cometida contra Bolsonaro. Lamento demais todo esse processo e a forma como ele foi julgado. Estamos falando de um presidente que não tem nenhum escândalo de corrupção, que não foi condenado em primeira ou segunda instância por cometer qualquer tipo de crime no exercício de sua função. Gostaria muito de vê-lo concorrendo à Presidência da República. Se isso não acontecer, como um patriota que sou, vou esperar o cenário ficar mais claro e declarar apoio a quem a direita, que é liderada por Bolsonaro, indicar.

Pretende se juntar aos deputados bolsonaristas e batalhar pela anistia do ex-presidente? Sem dúvida. Não só do ex-presidente, mas de várias pessoas que estão presas até hoje, do 8 de Janeiro, que poderiam estar com as suas famílias. Será que essas pessoas realmente queriam cometer um atentado contra o estado democrático de direito? Eu tenho certeza que não. Muitos ali nem sabiam o que estava acontecendo e foram presos.

Se a campanha ao Senado fosse hoje, quais seriam suas principais bandeiras além da segurança? Sou um político conservador, defensor da família tradicional, dos valores judaico-cristãos, sou católico apostólico romano. Vou à igreja todo fim de semana. Não uso isso como bandeira política, mas eu sou assim. Digo que o povo de direita no Brasil tem que enxergar nessa eleição para o Senado a possibilidade de exercer de fato o sistema de freios e contrapesos da República. Precisamos ter maioria. ■

veja Brasília
COMER & BEBER

CELEBRAÇÃO Os campeões se reuniram sobre o palco após a premiação

DE VOLTA AO PLANALTO

Com dezessete premiados, VEJA COMER & BEBER retorna a Brasília e lança edição que indica mais de 250 endereços

APÓS UM JEJUM DE SETE ANOS, VEJA BRASÍLIA COMER & BEBER retorna à capital do país para celebrar o melhor da gastronomia. No último dia 17, o Complexo Brasil 21, na Asa Sul, recebeu 300 convidados para o lançamento do reativado guia de restaurantes, bares e endereços de comidinhas. O ano de 2025 teve ainda edições em Belém, São Paulo e Rio de Janeiro.

Pelo evento, passaram figuras influentes de Brasília, além dos chefs e proprietários dos estabelecimentos finalistas. A noite foi aberta com um discurso de Mauricio Lima, CEO da Editora Abril e diretor de redação de VEJA. “A gastronomia brasiliense amadureceu, se sofisticou e, mais do que isso, criou uma identidade própria”, disse.

A condução da cerimônia ficou a cargo da colunista e apresentadora de VEJA Marcela Rahal, que para as revelações dos prêmios contou com a ajuda de convidados especiais, entre eles Bruno Dantas, Ministro do Tribunal de Contas da União; Guiomar Mendes, sócia do Bermudes Advogados; e Luiz Lira, campeão do programa *Chef de Alto Nível* da TV Globo e chef-executivo do restaurante-escola do Senac Eixo Monumental.

Também entregaram as placas aos campeões Andrea Abelleira, VP de Publishing da Editora Abril; André Rochadel, colunista do portal GPS; Claudia Kalil, diretora do BTG Pactual Empresas; Daiane Rosa, gerente de vendas Nespresso Professional; Edu Paim, autor do perfil Dicas do Edu; Juliano Nobrega, diretor de comunicação corporativa da JBS; Solon Thomaz Ferreira, diretor comercial da Seara; e Wesley Santos, diretor criativo da grife Verdurão.

A publicação traz mais de 250 locais criteriosamente selecionados pela equipe de COMER & BEBER. Fabio Codeço na coordenação e Saulo Yassuda na edição tiveram o apoio de um time local encabeçado por Luciana Barbo e de um júri especializado de 21 integrantes, que elegeram quinze estabelecimentos e duas personalidades: o Chef do Ano Gil Guimarães (sócio dos restaurantes Baco Pizzaria, Casa Baco e Fina da Baco) e a Chef Revelação Júlia Almeida (titular do Terra Nova Brasília).

Todos os premiados, assim como os demais participantes, podem ser consultados no site de COMER & BEBER e na revista, que chegou às bancas e às casas dos assinantes de VEJA, e também está disponível nos aplicativos GoRead e COMER & BEBER, baixado gratuitamente pelos sistemas iOS e Android.

MOMENTOS ❶ Júlia Almeida recebe a placa de Claudia Kalil, Diretora do BTG Pactual Empresas; ❷ Gil Guimarães, o Chef do Ano; ❸ O chef Luiz Lira, que prestigiou o evento; ❹ Bruno Kzam, da sorveteria premiada Saborella, com Guiomar Mendes; ❺ Luiz Filipe Vieira, da campeã Adélia Padaria, com o Ministro Bruno Dantas; ❻ Max Cajé, Fabio Codeço, Lulu Peters, Luciana Barbo e Saulo Yassuda, da equipe do guia

❶

EF REVELAÇÃO
A A EI
NOV AS

❷

veja Brasíl
MER&B ER
ESTAURANTE
EF D ANO

❸

❹

veja Brasília
COMER&BEBER
COMIDINHAS
SO ETE
AB LLA

❺

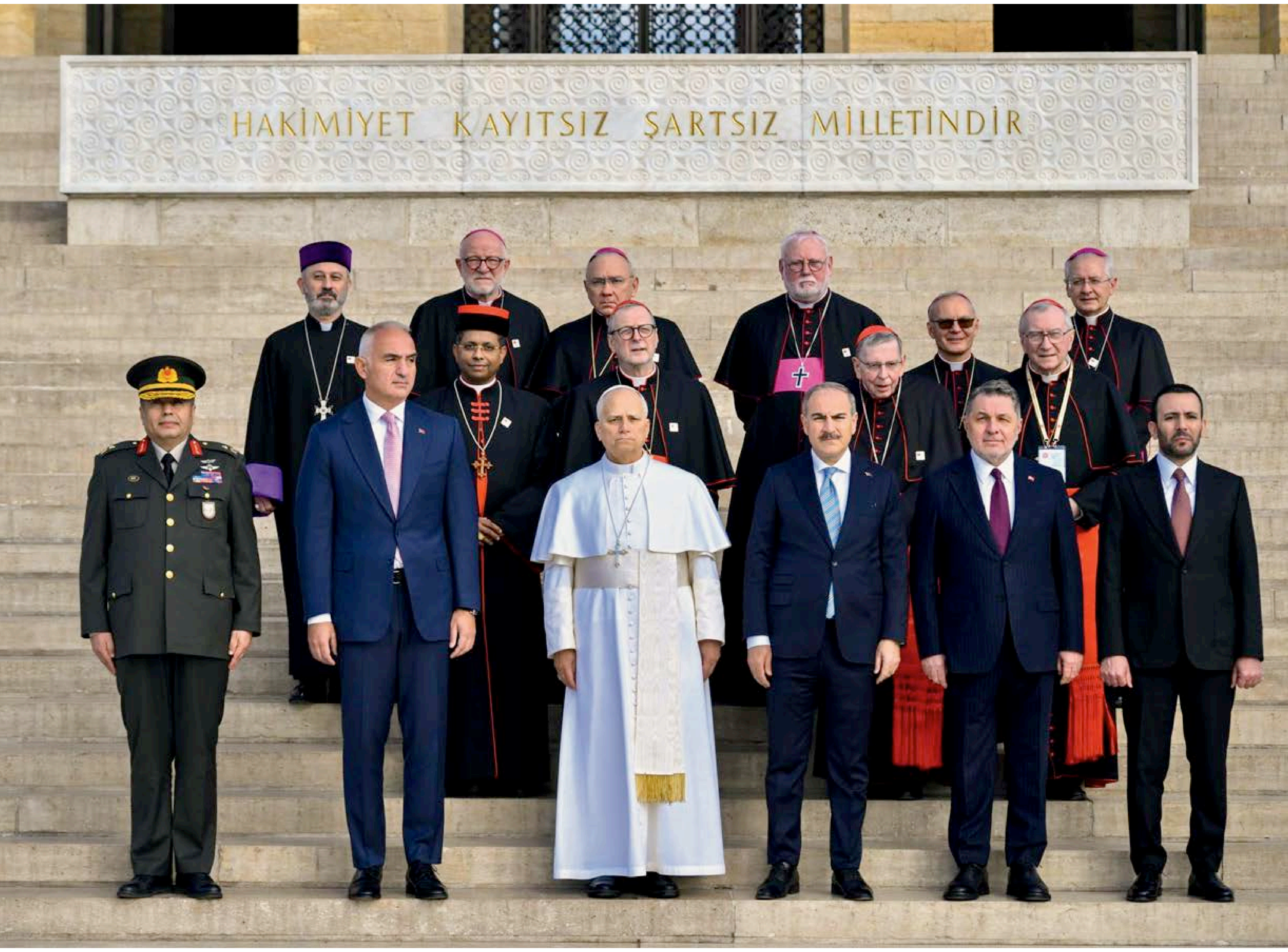
veja Brasília
COMER& BEBE
COMID AS

❻

COMER&BEBER
NESPRESSO
JBS
btg pactual

PATROCÍNIO MASTER btg pactual PATROCÍNIO JBS APOIO NESPRESSO PROFESSIONAL PARCERIA SALTON

NA ESTRADA PARA CONSTRUIR PONTES


HAKİMİYET KAYITSIZ ŞARTSIZ MİLLETİNDİR

OS PAPAS viveram quase sempre entre quatro paredes no Vaticano, com raras exceções. Até João Paulo II, que chegou ao trono de Pedro em 1978 e reinventou a história, com 129 viagens apostólicas, em recorde absoluto. Bento XVI e Francisco puseram menos as sandálias da

ALESSANDRO DI MEO/EPA/EFE

humildade na estrada, mas também tomaram gosto pela pregação longe de Roma. Na semana passada, o discreto pontífice **Leão XIV,** entronizado em maio deste ano e afeiçoado à discrição, decidiu, enfim, também sair por aí. **Na quinta-feira 27, ele iniciou seu primeiro périplo internacional.** Imaginava-se que visitaria os Estados Unidos, onde nasceu, ou o Peru, país de sua formação litúrgica. O trajeto definido: Turquia e Líbano. **Na Turquia, onde foi recebido por autoridades políticas e religiosas,** participará das festas de 1700 anos do Concílio de Niceia, rezará com o patriarca ecumênico Bartolomeu e assinará uma declaração conjunta como gesto de unidade entre católicos e ortodoxos. No Líbano, buscará apoiar cristãos e outras comunidades afetadas pela crise, além de rezar no local da explosão do porto de Beirute, em 2020. Falará em inglês na Turquia e em inglês e francês no Líbano. Os destinos fazem sentido. A região foi o berço e o centro do cristianismo. Istambul — então Constantinopla — foi a capital dos impérios romano e bizantino por mais de um milênio, e no coração de uma fenda religiosa centenária. A escolha do americano Robert Francis Prevost mostra interesse bonito em construir pontes. ■

Fábio Altman

ines249

COMPROMISSO Ativismo ambiental: em busca do que é natural e coerente no mundo atual

GREG SALIBIAN/FOLHAPRESS

“O SÉCULO XXI EXIGE RESPONSABILIDADE”

Engajada nas questões do meio ambiente, a atriz reflete sobre o casamento da beleza que o público enxerga com a permanente necessidade de zelo com a natureza – além de falar da volta à TV

Sua conexão com a pauta ambiental tem se intensificado. De onde vem essa urgência e como você avalia o momento atual do Brasil? Sou paulistana, mas minha alma pede verde. Preciso de mar e cachoeira. Hoje, como embaixadora do Instituto Terra, do Sebastião Salgado, uso minha voz para cutucar e inspirar. Sobre o Brasil, sou otimista. Com a COP30, o mundo olhou para nós. Não é possível tanta mobilização sem efeito, precisamos cuidar da Amazônia de fato. Regenerar dá muito mais trabalho do que não degradar. O século XXI exige responsabilidade.

No dia a dia, você busca conciliar a postura pública com a individual, sobretudo no que consome? Tento escolher marcas conectadas com a sustentabilidade. Quando sou homenageada em festivais regionais, por exemplo, faço questão de vestir estilistas locais que valorizam artesãs e a cultura da região, como Marina Bitu e Catarina Mina no Ceará.

Seu gosto por joias é notório. Também com elas há cuidado em usar peças que respeitem o ambiente? Faço as campanhas da Julio Okubo. Tudo ali tem simbolismo — o tsuru, um pássaro japonês, a serpente, a carpa. Quando mergulhei na experiência da pérola dourada nas Filipinas, acompanhando a comunidade, percebi que é um ato quase ritualístico. A extração responsável gera emprego, preserva a natureza.

Dá trabalho manter-se em evidência e, de algum modo, ser porta voz de um comportamento ético? Busco o que é natural e coerente. Quero cuidar sem mudar quem sou. Recentemente aderi a um tratamento para estímulo de colágeno, um método não invasivo e que me permite sair do consultório direto para o trabalho. A estética tem que se somar à saúde e autoestima, não apagar traços ou impor padrões. É sobre se sentir bem, não sobre se uniformizar.

E na carreira profissional, consegue fugir dos padrões que lhe foram impostos? Estou na próxima novela das 9, do Walcyr Carrasco, *Quem Ama, Cuida*, sobre cuidadoras de idosos, que estreará no ano que vem. Hoje, posso selecionar papéis que tenham responsabilidade histórica — não cabe mais falar de certos temas sem o cuidado necessário. Além disso, estou em projetos com camadas poéticas e sociais, como um filme sobre Cacilda Becker e documentários sobre mudanças climáticas e meditação. Corpo, mente e terra: é um combo que faz muito sentido para mim, agora. ■

Simone Blanes

VALE

O que a Vale tem a ver com as pesquisas e a bioeconomia na Amazônia?

A cantora Gaby Amarantos e o fotógrafo Bob Wolfenson observam o tempo como elemento transformador da floresta. Acompanhando Tereza Giannini, pesquisadora do Instituto Tecnológico Vale, eles conhecem uma plantação de cacau com mais de 120 anos.

Estamos há 40 anos na Amazônia, aprendendo, pesquisando e contribuindo para a sua proteção. Investindo em pesquisas como a dos polinizadores do cacau e sua influência na manutenção de agroflorestas – um dos projetos estudados por Tereza. Porque entender os tempos da floresta é um dos caminhos para manter todo esse ecossistema em pé.

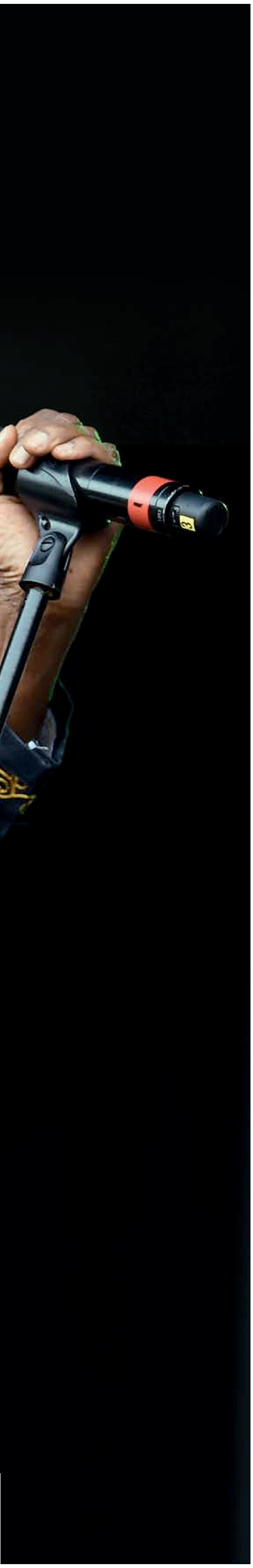
Fazer a diferença para a Amazônia, juntos.
Tem a ver com a Vale.

Saiba mais

ines249

UM GIGANTE DO REGGAE

TABATHA FIREMAN/REDFERNS/GETTY IMAGES



Quando se fala em reggae, é inescapável pensar em Bob Marley — o grande nome do ritmo que saiu da Jamaica para percorrer o mundo. Antes dele, contudo, no país da América Central, despontou **Jimmy Cliff,** cuja voz melodiosa e postura em nome da paz rapidamente ganharam adeptos e fama. Em 1969 ele chegou às paradas britânicas com *Wonderful World, Beautiful People*. Em 1972, estrelou o filme *Batalha Sangrenta — The Harder They Come,* no título original em inglês, emplacando na trilha sonora hits que viraram clássicos do gênero, a começar pela faixa que dá título ao longa. Da mesma safra veio a balada *Many Rivers to Cross.* Fez imenso sucesso também com *I Can See Clearly Now* e *Reggae Night* — acusadas, pelos puristas, de terem acento pop demais, longe das raízes do ritmo da ilha caribenha. Cliff foi também criticado por ter trocado a cultura rastafári pelo islamismo. Nos anos 1980, muito amigo de Gilberto Gil, ele chegou a morar em Salvador, na Bahia, como se passeasse por Kingston. Cliff morreu em 24 de novembro, aos 81 anos, em decorrência de uma convulsão seguida de pneumonia.

BEAUTIFUL PEOPLE Jimmy Cliff: o sucesso internacional veio antes de Bob Marley

SENTADA À BEIRA DO CAMINHO

Há um quê de Brasil no estrondoso sucesso da cantora italiana **Ornella Vanoni.** Em 1970, ela gravou uma das mais bonitas canções de Roberto e Erasmo Carlos, *Sentado à Beira do Caminho*, que no idioma de Dante foi batizada de *L'Appuntamento*. Em 1976, ela lançaria o álbum *La Voglia, La Pazzia, L'Incoscienza, L'Allegria* (o desejo, a insanidade, a inconsciência, a alegria), com repertório de composições de Vinicius de Moraes e Baden Powell, além, é claro, de Tom Jobim. Conhecida pelo tom sempre irônico, nos últimos anos ria da própria morte, sugerindo que em seu funeral fosse vestida de Dior. "Que irritante essa coisa de morrer justamente quando você entende a vida", disse. Ornella morreu em 21 de novembro, aos 91 anos.

VERSÕES
Ornella Vanoni: Roberto, Erasmo, Vinicius e Tom no idioma de Dante

VITTORIANO RASTELLI/GETTY IMAGES

PAPÉIS FORTES

O ator alemão **Udo Kier** fez mais de 200 filmes ao longo da carreira, atuando em obras de diretores renomados como Werner Herzog, Rainer Werner Fassbinder e Lars von Trier — quase sempre em papéis secundários, mas sempre fortes. Recentemente, ganhou relevo em dois longas do brasileiro Kleber Mendonça Filho. Em *Bacurau*, de 2019, ele fez o vilão Michael, em interpretação a um só tempo delicada e assustadora. Em *O Agente Secreto*, de 2025, em cartaz, aparece como um judeu alemão maltratado pelos policiais. “Não existirá nunca jamais outra pessoa e artista como Udo Kier. Que senso de humor, que bom gosto, que alegria de viver. Que sorte a nossa”, escreveu Mendonça Filho nas redes sociais. Kier morreu em 23 de novembro, aos 81 anos. ■

RICH FURY/GETTY IMAGES

O AMIGO ALEMÃO
Udo Kier: ator de *Bacurau* e *O Agente Secreto,* filmes de Kleber Mendonça Filho

PATROCINADO POR GOVERNO DO PARÁ POR TODO O PARÁ

PARÁ REGISTRA QUEDA DE 67% NOS ALERTAS DE DESMATAMENTO

ESTADO TEVE DIMINUIÇÃO EXPRESSIVA NOS ALERTAS DE DESMATAMENTO EM OUTUBRO E ALCANÇA O MENOR VALOR DA SÉRIE HISTÓRICA PARA O MÊS

O Pará registrou uma redução expressiva nos alertas de desmatamento e alcançou, em outubro de 2025 (Ano Prodes 2026), o menor valor da série histórica para o mês, iniciada em 2019. De acordo com o Boletim do Desmatamento nº 010/2025, divulgado pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Clima e Sustentabilidade (Semas), a área sob alertas caiu para 85 km^2, representando queda de 67% em relação a 2024 e 83% na comparação com o pico de 2022.

O governador Helder Barbalho destacou que o desempenho reafirma o protagonismo do Pará na agenda ambiental da Amazônia. “Esse resultado demonstra que as ações de comando e controle, aliadas a políticas de regularização e ao apoio às atividades sustentáveis, estão dando resultado. O Pará mostra que é possível proteger a floresta, gerar desenvolvimento e garantir qualidade de vida para quem vive no território”, disse.

TRIMESTRE TAMBÉM REGISTRA MENOR NÍVEL DA SÉRIE HISTÓRICA

No acumulado de agosto a outubro, que marca o início do Ano Prodes, o Pará também apresentou o menor valor da série histórica para o período, com 266 km^2, uma redução de 59% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, quando foram registrados 653 km^2.

A Amazônia Legal também apresentou retração significativa, com queda de 40% no acumulado trimestral, passando de 1.081 km^2 para 647 km^2, reforçando o avanço regional nas ações de controle do desmatamento.

MUNICÍPIOS PRIORITÁRIOS REDUZEM 74% EM OUTUBRO

Entre os 15 municípios considerados prioritários para ações de prevenção e combate ao desmatamento, o boletim aponta uma redução média de 74% em outubro. A área sob alerta caiu de 146,31 km^2 em 2024 para 37,59 km^2 em 2025. Os maiores recuos ocorreram em Uruará (-97%), Altamira (-85%), Portel (-81%) e Medicilândia (-93%).

A vice-governadora Hana Ghassan ressaltou que os resultados refletem o fortalecimento das políticas públicas e o trabalho integrado das equipes em campo. “A queda sustentada no desmatamento é fruto de planejamento, tecnologia e presença efetiva do Estado. Essa atuação coordenada garante que a proteção da floresta avance junto com o desenvolvimento das comunidades e com a valorização das atividades sustentáveis”, ressaltou.

O secretário de Meio Ambiente, Raul Protázio, afirmou que os dados reforçam a consolidação de um novo modelo de governança ambiental no Pará: “estamos unindo inteligência territorial, fiscalização estratégica e regularização ambiental para enfrentar as causas do desmatamento. A redução contínua é um sinal claro de que as ações integradas estão funcionando e de que o Pará segue no caminho de uma economia moderna e de baixa emissão”.

PRODUZIDO POR **ABRIL BRANDED CONTENT**

INSTAGRAM @DUALIPA

BRASIL
RIO DE JANEIRO

“Jeito carioca.”

DUA LIPA, ao se despedir do Rio de Janeiro, depois de uma temporada de shows no Brasil

“Se a eleição presidencial de 2020 não tivesse sido FRAUDADA e ROUBADA, a única coisa que os democratas da esquerda radical sabem fazer, não haveria guerra entre Ucrânia e Rússia.”

DONALD TRUMP, na rede social Truth Social, olhando para o retrovisor que ele mesmo inventa, usando mal-educadas palavras escritas em maiúsculas

“Se você quer investir para ter retorno já no próximo trimestre, não venha para a Amazônia. Aqui é investimento de longo prazo.”

JOÃO PAULO FERREIRA, CEO da Natura

“O coração da cultura brasileira vem da periferia.”

STEVE MCQUEEN, diretor britânico de *Doze Anos de Escravidão*, vencedor do Oscar de melhor filme em 2014

“Voltei! Cuidei de mim, fiquei com a minha família e estou pronto para retornar às atividades como técnico.”

TITE, ex-treinador da seleção brasileira, anunciando estar no mercado

“Se começasse agora, seria diretora, algo impensável na minha juventude.”

ISABELLA ROSSELLINI, atriz e modelo

“Deixei de fazer fotografias de moda, o mundo está interessante demais.”

ANNIE LEIBOVITZ, fotógrafa

“O que mantém o corpo saudável também mantém o cérebro saudável.”

EDVARD MOSER, Nobel de Medicina

“Não escolhi, peguei os bondes.”

PEDRO BIAL, apresentador e jornalista, ao rememorar sua carreira

“Eu me dou o direito de não precisar dividir tudo e falo com tranquilidade sobre isso. Compreendo o interesse das pessoas e de quem prefere se expor. Mas não é o meu jeito de fazer as coisas.”

SOPHIE CHARLOTTE, a Gerluce da novela *Três Graças*, ao defender o direito à privacidade possível

ANDRE NICOLAU/INSTAGRAM @SOPHIECHARLOTTE1

SOBE

BUTANTAN

A Anvisa aprovou o registro da vacina contra a dengue criada pelo instituto de São Paulo, a primeira 100% brasileira e a única do mundo em dose única.

ESTÊVÃO

Após atuação de gala na vitória sobre o Barcelona por 3 a 0 pela Champions, o atacante passou a ser citado na imprensa europeia como a maior sensação do ano.

GAME OF THRONES

A série terá dois spin-offs no ar em 2026 (*A Casa do Dragão* e *O Cavaleiro dos Sete Reinos*, que estreia em janeiro) e mais “cinco ou seis” em gestação, segundo o seu criador, George R.R. Martin.

DESCE

GRETA THUNBERG

A ativista ambiental sueca foi multada e banida de Veneza após pintar com tinta verde as águas do Grande Canal, um dos mais célebres destinos na Itália.

NEYMAR

Com o Santos ameaçado de rebaixamento, o atleta de 33 anos sofreu uma lesão no joelho, não deve jogar mais neste ano e vê cada vez mais distante o seu sonho de ir à Copa em 2026.

RAINHA DA SUCATA

A reprise da novela estrelada por Regina Duarte acendeu o alerta na TV Globo ao derrubar a audiência do fim de tarde, a pior desde *Paraíso Tropical*, em 2007.

NICHOLAS SHORES

Com reportagem de Marcelo Ribeiro e Pedro Pupulim

Problema do passado

Dados em poder da CPMI do INSS jogam nova luz sobre o tempo em que **Hugo Motta** empregou em seu gabinete o diretor de políticas públicas da Conafer, segunda entidade que mais lucrou com a fraude bilionária de descontos em aposentadorias.

Pagamentos suspeitos

Como assessor de Motta, Jerônimo Arlindo da Silva Júnior ganhava 1 500 reais por mês. A Conafer complementava a renda dele: só de novembro de 2020 a janeiro de 2021, pagou, segundo o Coaf, uma bolada de 227 000 reais ao então funcionário da Câmara.

MARINA RAMOS/CÂMARA DOS DEPUTADOS

NA MIRA Hugo Motta: aliado que trabalhou em seu gabinete é alvo da CPMI

Caiu o Pix

Júnior do Peixe, como é conhecido o aliado de Motta, sacou nesses três meses ao menos 175 000 reais em espécie. Sempre abaixo de 50 000 reais por vez, limite que obrigaria seu banco a alertar o órgão de controle financeiro.

Próximos passos

O relatório de inteligência do Coaf aponta “tentativa de burla da identificação do destino” do dinheiro vivo. Agora, a comissão de inquérito quer aprofundar a investigação com novas quebras de sigilo bancário.

Não colou

Os dados enviados à CPMI contrariam a versão de Júnior do Peixe de que “não mantinha qualquer vínculo” com a Conafer quando trabalhou para Hugo Motta. Procurado por VEJA, o presidente da Câmara não quis comentar.

Cela de luxo

Se os advogados de Bolsonaro vissem a cela na Papudinha preparada como plano B para o capitão, pediriam transferência da sala na PF na hora, dizem investigadores. Tem mais espaço, área externa e comporta até visita íntima, ao contrário da superintendência.

Só rezando

Cheia de misericórdia, Michelle disse aos bolsonaristas na sede do PL que ora pelo marido assim como ora por Alexandre de Moraes. Um nada misericordioso deputado a cortou: “Ora para o capeta abraçar ele, né?”.

Faltou combinar

Tarcísio de Freitas vinha se dedicando ao projeto da dosimetria das penas do 8 de Janeiro de olho na eleição presidencial, mas ficou contrariado ao ver o PL voltar à trincheira da anistia irrestrita para livrar Bolsonaro.

Muita calma

Gente graúda da política baiana já se movimenta em Brasília com medo de novas fases da Operação Overclean. Interlocutores da investigação minimizam: Nunes Marques, relator no Supremo, não é dado a "pirotecnias".

Mudou de ideia

Um senador que Jorge Messias havia acabado de visitar recebeu telefonema de Alcolumbre. Foi pressionado a votar contra o indicado de Lula ao STF — e assim prometeu fazer.

Lembrou ACM

Mesmo pintado para a guerra, o chefe do Senado ainda recebe elogios no Planalto por sua "força" política. "Nos faz reviver um pouco dos tempos áureos do presidente ACM e sua sagacidade", diz um auxiliar palaciano.

Corte rachada

No Supremo, os ministros André Mendonça e Kassio Nunes Marques são os dois grandes cabos eleitorais de Messias. Alexandre de Moraes e Flávio Dino, por outro lado, jogam contra.

Placar humilhante

O advogado-geral da União tem ouvido o conselho de convencer Lula a entrar em campo para tentar desarmar Alcolumbre. Hoje, receberia até 50 votos contrários — uma humilhação.

Segue o jogo

Pego de surpresa com a missão de ser relator da indicação de Messias na CCJ, **Weverton Rocha** avisou colegas de que vai fazer "o melhor possível", sem descumprir o calendário do presidente da Casa, seu aliado, com a sabatina na comissão em 10 de dezembro.

Defesa diplomática

O advogado Lissandro Sampaio, que conseguiu para o tenente-coronel Ronald de Araújo Júnior a menor pena da ação do golpe, diz que usou uma estratégia ignorada por outras defesas: não criar "clima bélico" no Supremo.

WALDEMIR BARRETO/AGÊNCIA SENADO

SURPRESA Weverton: não estava nos planos dele cuidar da sabatina

Cerco da concorrência?

A defesa de Daniel Vorcaro vê "forças políticas" no cerco ao banqueiro, preso em Guarulhos. "É mais barato para a concorrência pagar 10 bilhões de reais do fundo garantidor que ver um grupo forte comprar o Master", diz o advogado Roberto Podval.

Foi por pouco

Lula, aliás, deve gratidão aos dois gerentes da Caixa Asset que barraram uma transação com o Master em 2024 e acabaram demitidos. Livraram o petista de mais um escândalo em estatal que explodiria no colo do governo.

Haja picanha

Perto de alcançar 500 novos mercados abertos no exterior, o Ministério da Agricultura prepara um grande churrasco em dezembro para celebrar a marca com Lula e entidades do agro.

Perdão paraguaio

Depois de o Paraguai perdoar a espionagem da Abin sobre Itaipu, o embaixador Juan Ángel Delgadillo reassumiu o posto em Brasília e o presidente do Senado do país vizinho, Basílio Núñez, fechou uma visita à capital federal.

Dinero habla

A reaproximação, costurada pelo Itamaraty, vai destravar em breve as negociações sobre a tarifa da energia vendida pela usina binacional — justamente o objeto da arapongagem brasileira. As tratativas valem bilhões de dólares.

Caso encerrado

O MPF arquivou uma representação do governador Eduardo Leite contra Jean Wyllys que pedia reparação de dano moral coletivo à população gaúcha por “manifestações homofóbicas” do ex-deputado federal.

INSTAGRAM @ALCIONEAMARROM

TURNÊ Alcione: a cantora será a sétima homenageada do Sambabook

Viva a Marrom

A produtora Musickeria vai captar 6 milhões de reais via Lei de Incentivo para o Sambabook **Alcione.** A gravação do audiovisual será no ano que vem, no Rio, e a Marrom sairá em turnê com catorze músicos, apresentando o projeto nos palcos de capitais como São Paulo, Recife e Porto Alegre. ■

FECHAM-SE AS CORTINAS

O ex-presidente começa a cumprir em uma cela da Polícia Federal a sentença de 27 anos de prisão por tentativa de golpe, em meio à incerteza sobre a sobrevivência política dele e do próprio bolsonarismo

MARCELA MATTOS

BRENNO CARVALHO/AGÊNCIA O GLOBO

ENCARCERADO Bolsonaro: o derradeiro capítulo da biografia do ex-capitão pode terminar com ele derrotado e esquecido

CAPA: MONTAGEM DE BETONEJME.COM COM IMAGENS FREEPIK.COM

Jair Bolsonaro nunca lidou bem com as adversidades e, conhecido por testar limites, quase sempre escapou de punições à altura de suas investidas contra as instituições. Quando era capitão do Exército, publicou um artigo em VEJA reclamando da remuneração da caserna, o que configura quebra de hierarquia militar e lhe rendeu uma curta passagem pela prisão, em 1986. Um ano depois, solto e ainda descontente, ele voltou aos holofotes com um plano incendiário: explodir bombas em quartéis e até num aqueduto a fim de obter reajustes salariais para os colegas de farda. Apesar de suas digitais no planejamento, Bolsonaro foi absolvido pela Justiça Militar e, de quebra, ganhou notoriedade suficiente para trocar a farda por uma eleição para o cargo de vereador no Rio de Janeiro. Daí em diante, conquistou sete mandatos de deputado federal e, com um discurso radical de direita e uso intensivo das redes sociais, elegeu-se presidente da República em 2018.

O poder inebria, e a tentativa de mantê-lo a qualquer preço custou caro ao “mito”, que jamais demonstrou apreço pela democracia. Na última terça, 25, o ministro do STF Alexandre de Moraes decretou o cumprimento imediato da pena de 27 anos e três meses de prisão imposta a Bolsonaro por cinco crimes — entre eles, tentativa de golpe de Estado. Aos 70 anos, ele é o primeiro ex-presidente mandado à cadeia por atentar contra o regime democrático. Desde o fim da ditadura, outros três mandatários fo-

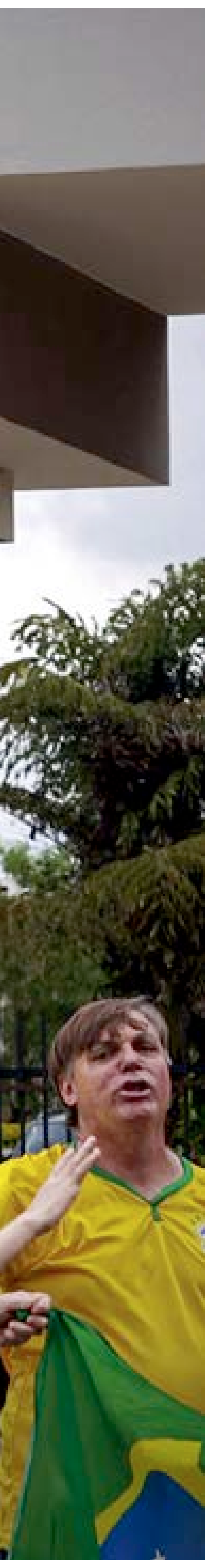
POLÍCIA FEDERAL
POLICIA
FEDERAL
LB
MOVIMENTO
LIBERTA
BRASIL
BUZINE!
VOLTA, BOLSONARO

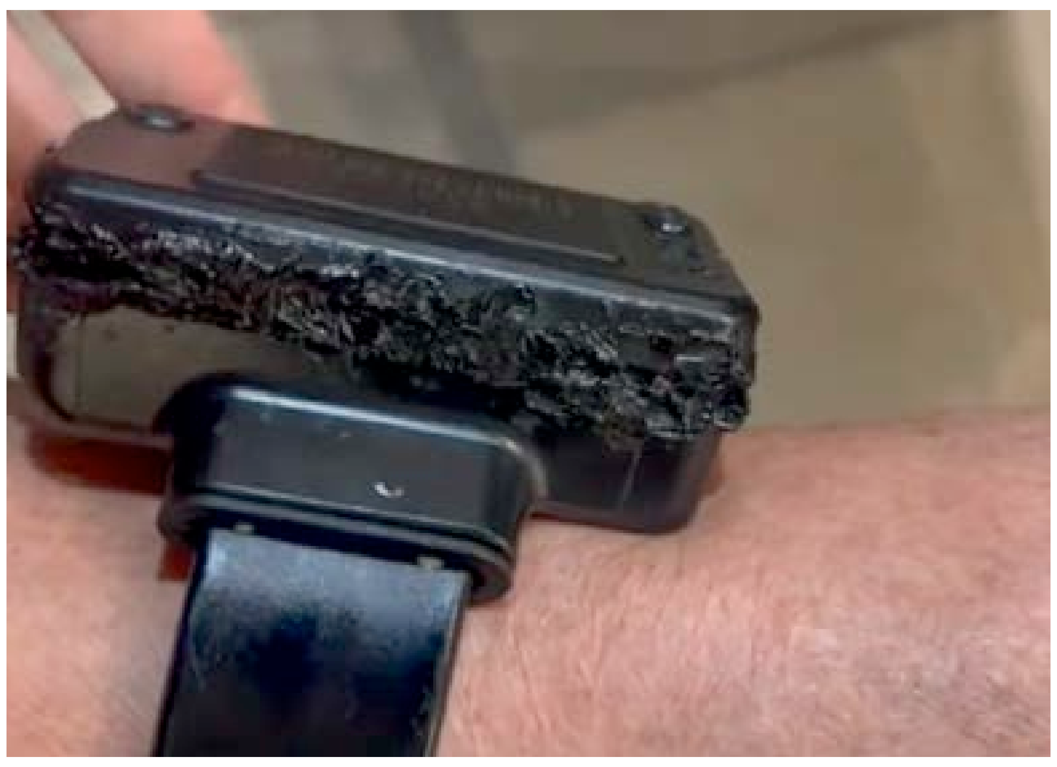
CRISTIANO MARIZ/AGÊNCIA O GLOBO

ram presos — Fernando Collor de Mello, Lula e Michel Temer —, mas todos por acusações de corrupção *(leia a Carta ao Leitor, "A lei é para todos").*

A decisão de Moraes ainda determinou o encarceramento de Augusto Heleno, ex-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, Walter Braga Netto, ex-ministro da Casa Civil, e Paulo Sérgio Nogueira, ex-ministro da Defesa. Todos são generais de quatro estrelas, o topo da carreira militar. Também foi preso o ex-comandante da Marinha Almir Garnier, que, como os demais fardados, ficará custodiado em instalações das Forças Armadas. O ex-ministro da Justiça Anderson Torres foi levado a um batalhão da Polícia Militar. Já o ex-chefe da Abin e deputa-

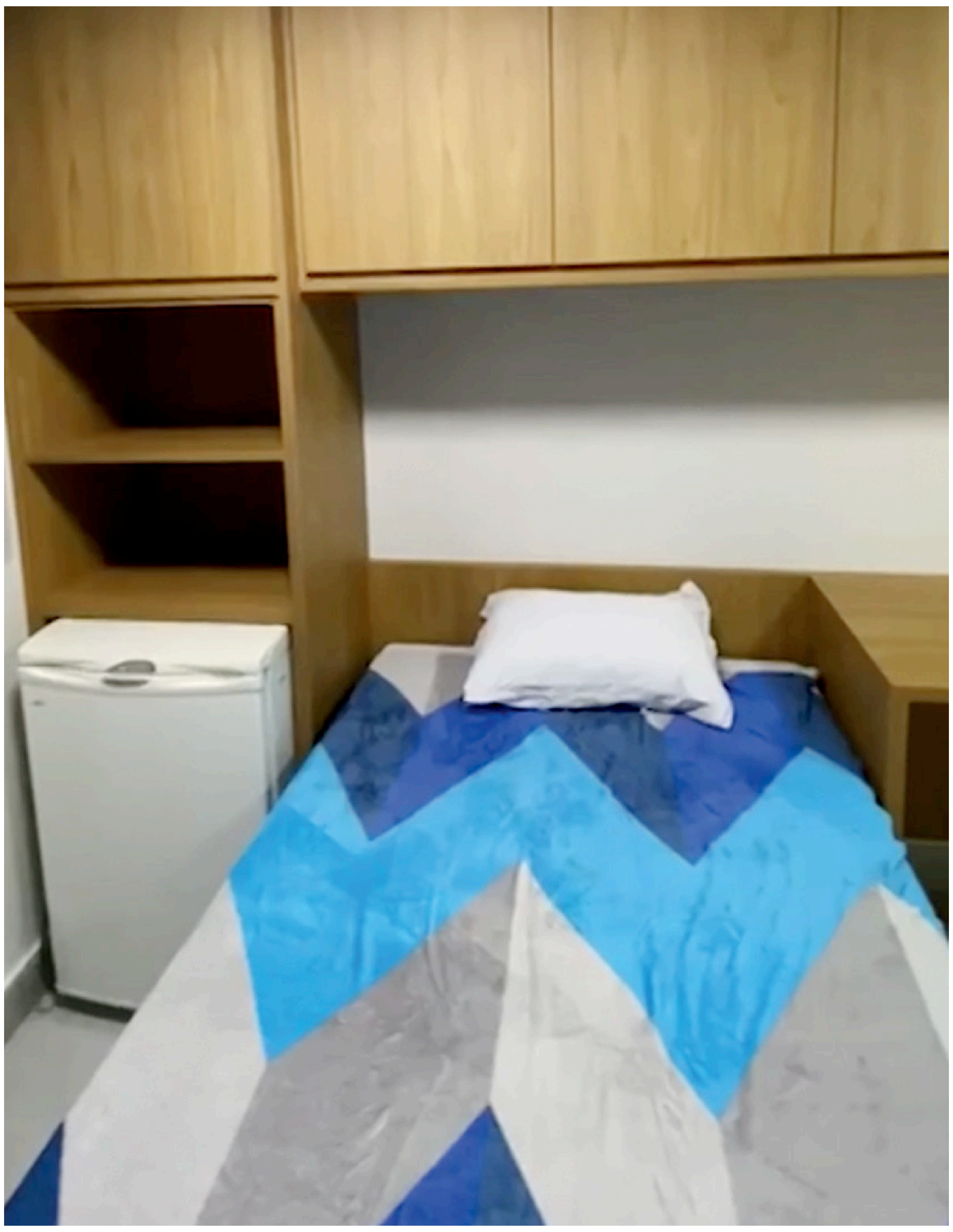
ines249





REPRODUÇÃO

A SALA-CELA
Polícia Federal: antes de ter decretada a prisão definitiva, o ex-presidente foi detido preventivamente após violar a tornozeleira eletrônica



REPRODUÇÃO

do federal Alexandre Ramagem (PL-RJ) está foragido *(leia a reportagem "O pelotão dos fugitivos")*.

Apontado como o líder da organização criminosa, Bolsonaro teve a prisão decretada em duas etapas. Primeiro, de forma preventiva, após a Polícia Federal alertar para o risco de fuga. Na sexta 21, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) convocara os apoiadores a comparecerem no dia seguinte a uma vigília de orações nas imediações do condomínio onde o pai dele mora. Investigadores viram uma chance real de o ato servir para mobilizar um enorme contingente de pessoas, o que poderia resultar em tumulto e na possibilidade de facilitar uma eventual fuga. Bolsonaro já estava em prisão domiciliar: sua casa era monitorada por policiais 24 horas por dia e ele usava uma tornozeleira eletrônica, o que, em tese, seria suficiente para impedir qualquer tentativa do tipo. Mas um alerta soou, literalmente, quando à 0h08 do dia 22 disparou um alarme no centro de monitoramento avisando que a tornozeleira havia sido violada. Os policiais foram acionados, e Bolsonaro, de início, alegou que havia batido o equipamento na escada. Minutos depois, a responsável pelo centro de monitoração chegou à residência e se deparou com o dispositivo queimado. “Meti um ferro quente aí”, disse ele, numa segunda versão do que teria acontecido. “Ferro de soldar”, detalhou, dizendo que o fez por “curiosidade”.

Pouco depois das 6h, Bolsonaro foi preso preventivamente e levado à superintendência da PF em Brasília, onde seguirá cumprindo pena, agora em definitivo, em uma sala especialmente preparada para recebê-lo. Em uma terceira versão, apresentada durante a audiência de custódia, responsabilizou a combinação de remédios que está tomando — um antidepressivo e outro usado para dores crônicas — por causar-lhe uma “certa paranoia” e a “alucinação” de que haveria uma escuta instalada na tornozeleira, o que o fez tentar abrir a tampa do equipamento. A história é estranha, mas condiz com o lado paranoico do capitão. No início de sua carreira parlamentar, ainda como um deputado de baixíssimo clero, Bolsonaro fazia vistoria em seu carro cada vez que estacionava em locais públicos porque temia que uma bomba fosse acoplada ao

VOLTA BOLSONARO!
9829
R7

BRENNO CARVALHO/AGÊNCIA O GLOBO

ESTOPIM Vigília: STF desconfiou que ato era parte de um plano de fuga

veículo. Ele também preferia tomar água da torneira à armazenada em garrafas na geladeira de sua própria casa por medo de ser envenenado.

A certeza de que era um alvo veio quando, na campanha de 2018, sofreu um atentado a faca, cujos efeitos até hoje são sentidos e resultaram em seis cirurgias no abdômen. No exercício da Presidência, Bolsonaro investiu em equipamentos antiespionagem e antidrone, com pavor de entrar na mira do grupo terrorista Hezbollah, e tinha sempre um provador de comidas para dar a primeira garfada em suas refeições. A despeito de todo o aparato federal de segurança, ele dormia no Alvorada com uma pistola ao alcance da mão. O histórico se encaixa à perfeição no argumento usado para embasar uma suposta desconfiança em relação à tornozeleira. No entanto, os movimentos anteriores para buscar refúgio em embaixadas de nações amigas, como a da Argentina e a da Hungria, aumentaram as suspeitas de que o ex-presidente, muito além de um surto, poderia estar arquitetando um plano para deixar o país. Moraes não quis pagar para ver e decretou a preventiva e, depois, a definitiva.

Apesar de esperada, a decisão caiu como uma bomba no campo bolsonarista. Lideranças do PL e familiares do capitão se reuniram para traçar uma estratégia de reação e tentar unificar o discurso. No encontro realizado a portas fechadas, a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro e o vereador Carlos Bolsonaro choraram ao tratar do estado de saúde do ex-presidente, que tem enfrentado crises de soluço e de refluxo que o deixam sem ar. Já Flávio, alçado a porta-voz do pai de agora em diante, voltou a defender a aprovação de uma anistia aos golpistas. O projeto enfrenta a resistência dos presidentes da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), e do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), e dificilmente será aprovado conforme a proposta inicial, que prevê um perdão amplo, geral e irrestrito. Um texto alternativo, articulado com a anuência de ministros do Supremo, propõe um novo cálculo das penas, que poderia acabar soltando condenados pelos ataques do 8 de Janeiro e reduzindo a condenação de Bolsonaro para cerca de quinze anos.

GABRIELA BILÓ/FOLHAPRESS

CONGRESSO Plenário: a prisão trouxe de volta a discussão sobre anistia

O clã Bolsonaro diz que só aceita a anistia ampla, mas, nos bastidores, aliados admitem lutar pela votação de uma redução das penas. Há outra batalha se desenrolando nas trincheiras internas. Os filhos do ex-presidente não querem avançar num ponto que é essencial para os partidos de centro-direita: a indicação célere do sucessor de Bolsonaro nas urnas *(leia a reportagem “Passagem de bastão”).* Enquanto líderes do Centrão pressionam para que esse anúncio ocorra ainda neste ano, os rebentos defendem que a decisão fique para 2026. De resto, querem que um deles seja escolhido para integrar a chapa. “É uma tortura, um passo a mais que deram para que ele abra o bico antes. O Bolsonaro tem um poder gigantesco,

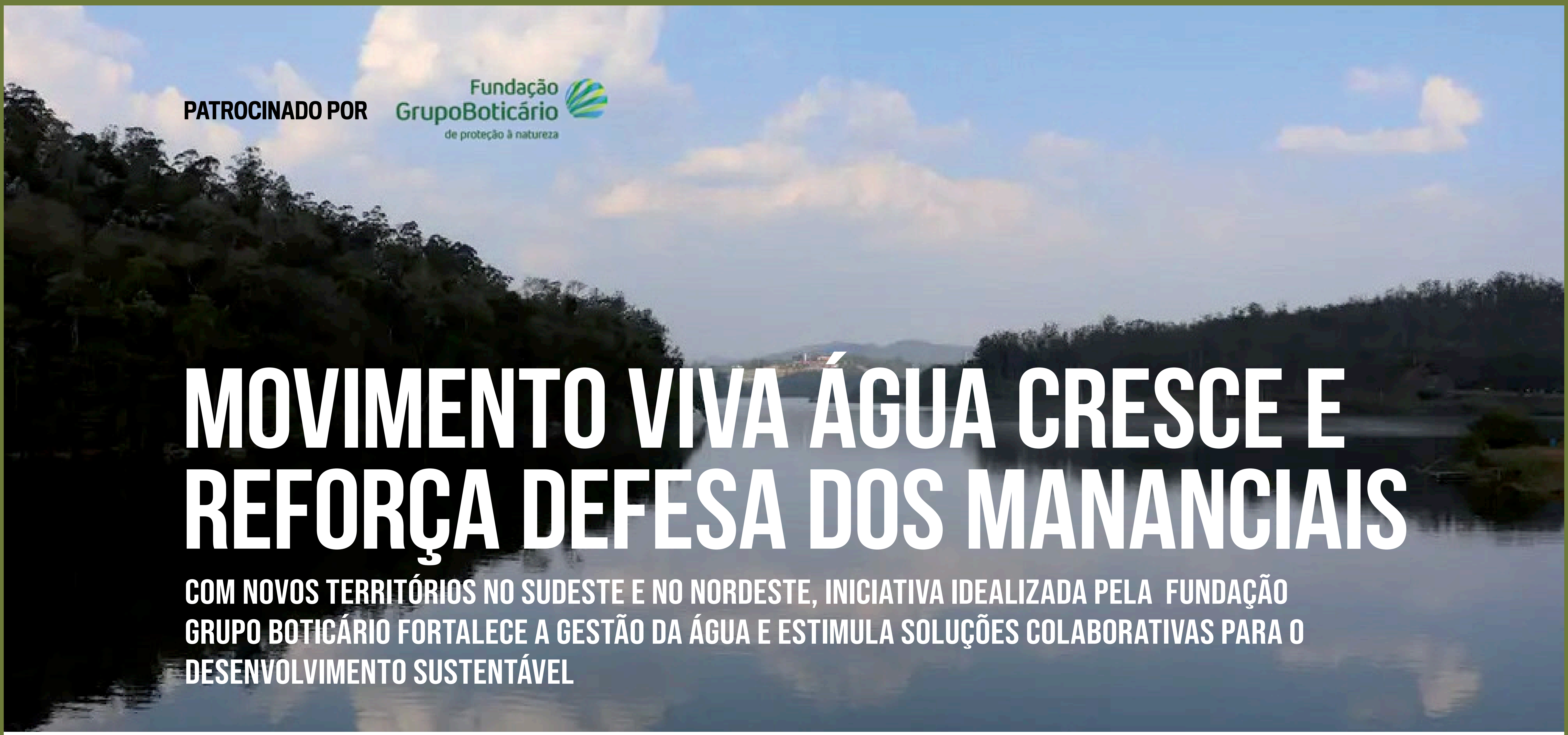
JIM LO SCALZO/EPA/EFE

DELÍRIOS Donald Trump: esperança agora reside na invasão da Venezuela

o eleitorado está com ele, e querem tomar isso. Quando o fizerem, do jeito que as maldades acontecem, ele morre na cadeia", disse Carlos Bolsonaro a VEJA. O que está em jogo, segundo a família, é a sobrevivência política dos Bolsonaro, que querem ganhar tempo em busca de alguma boia de salvação.

Parecem poucas as opções. As ruas, ao que tudo indica, não respondem mais *(leia a matéria "O silêncio das ruas").* A defesa do ex-presidente já anunciou que ingressará com um novo recurso no Supremo e também trabalha com apelos a cortes internacionais. A possibilidade de qualquer revisão do veredicto, porém, é praticamente nula. Resta a esperança de que alguma solução venha da Casa Branca. As iniciativas anteriores, no entanto, não mudaram o curso da história. Mesmo submetido à Lei Magnitsky, o ministro Moraes não alterou o seu voto. Outros juízes do STF, afetados com o cancelamento de vistos, também não recuaram. O governo brasileiro, pressionado com altas tarifas de exportação, não mexeu uma palha para interferir no julgamento. Pior: Donald Trump ainda se sentou com Lula e anunciou a retirada de parte das taxações. Como o software bolsonarista roda em torno de conspirações, a esperança da vez reside na torcida pela materialização de um enredo rocambolesco, relacionado ao possível avanço das tropas americanas sobre a Venezuela. Em meio à escalada da tensão, o presidente americano disse que pode resolver a situação com o país vizinho ao Brasil “do jeito difícil”, o que alimenta as especulações entre os bolsonaristas de que o ditador Nicolás Maduro possa ser derrubado e a hecatombe atinja de alguma maneira Lula, que já foi um parceiro fiel do venezuelano, e mude todo o cenário político. É uma história que só faz sentido na cabeça de alguns apoiadores radicais do ex-presidente, quase em negação de uma dura realidade: Jair Bolsonaro, um capitão preparado desde cedo para a batalha, pode chegar ao fim da guerra derrotado, esquecido em uma cela e carimbado como um pária da história. ■

PATROCINADO POR Fundação GrupoBoticário de proteção à natureza



MOVIMENTO VIVA ÁGUA CRESCE E REFORÇA DEFESA DOS MANANCIAIS

COM NOVOS TERRITÓRIOS NO SUDESTE E NO NORDESTE, INICIATIVA IDEALIZADA PELA FUNDAÇÃO GRUPO BOTICÁRIO FORTALECE A GESTÃO DA ÁGUA E ESTIMULA SOLUÇÕES COLABORATIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

A água é um ativo estratégico para a economia, o bem-estar e a vida. Em um cenário de mudanças climáticas e maior pressão sobre os mananciais, garantir segurança hídrica – água de qualidade e na quantidade certa – tornou-se prioridade nacional. A Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA) projeta que, até 2040, a disponibilidade hídrica nas principais bacias brasileiras pode cair até 40%, reforçando a urgência de unir conservação, gestão pública e investimento privado.

Idealizado pela Fundação Grupo Boticário em 2019, o Movimento Viva Água atua com Soluções Baseadas na Natureza, utilizando a conservação, o manejo sustentável e a restauração de ecossistemas naturais ou modificados para enfrentar desafios sociais, econômicos e ambientais, como as mudanças climáticas. O movimento reúne empresas, governos, organizações da sociedade civil, instituições de pesquisa, ONGs e comunidades locais. A governança do movimento acontece por meio de parceiros e investidores estratégicos, como Instituto Aegea e Águas do Rio, Instituto Itaúsa, Sanepar e Wilson Sons, mantendo-se sempre aberta à entrada de novos integrantes.

“A água é o ativo que sustenta não apenas a vida, mas a continuidade de qualquer negócio. O Movimento Viva Água inova ao demonstrar o papel da conservação ambiental como um ativo econômico e de segurança hídrica, fatores essenciais para a resiliência social e corporativa”, afirma Guilherme Karam, gerente de Economia da Biodiversidade da Fundação Grupo Boticário.

A iniciativa já mobilizou R$ 27 milhões, apoiou mais de 60 negócios sustentáveis e impactou 180 mil hectares em territórios como a Bacia do Miringuava (PR) e a Baía de Guanabara (RJ). Agora, entra em uma nova fase de expansão. Em linha com a meta de atuar em seis mananciais até 2030, o Viva Água chega a duas regiões essenciais: o Sistema Cantareira, responsável por 46% do abastecimento da Grande São Paulo, e as bacias hidrográficas dos rios Joanes e Jacuípe, que atendem cerca de 40% da Grande Salvador.

“Investir na natureza é a forma mais inteligente de construir o futuro. A expansão para bacias estratégicas reforça a segurança hídrica como base para a prosperidade e a resiliência de milhões de brasileiros”, afirma Malu Nunes, diretora executiva da Fundação Grupo Boticário.

Para apoiar e fortalecer financeiramente a inovação nos territórios onde existem o Movimento Viva Água, a Fundação Grupo Boticário lançou a Teia de Soluções CAMP Viva Água. Serão destinados até R$ 10,5 milhões para soluções de conservação da água e desenvolvimento territorial sustentável nos quatro territórios. Os interessados podem se inscrever até as 18 horas do dia 13 de fevereiro de 2026, no site oficial da chamada.

Com essa estratégia, o Movimento Viva Água consolida-se como uma plataforma que transforma conservação em valor, mostrando que proteger a natureza é investir no futuro do país.

SEGURANÇA HÍDRICA EM AÇÃO

• Resultados já alcançados pelo **Movimento Viva Água**

180 MIL hectares impactados

60 negócios sustentáveis fortalecidos

R$ 27 MI mobilizados em recursos

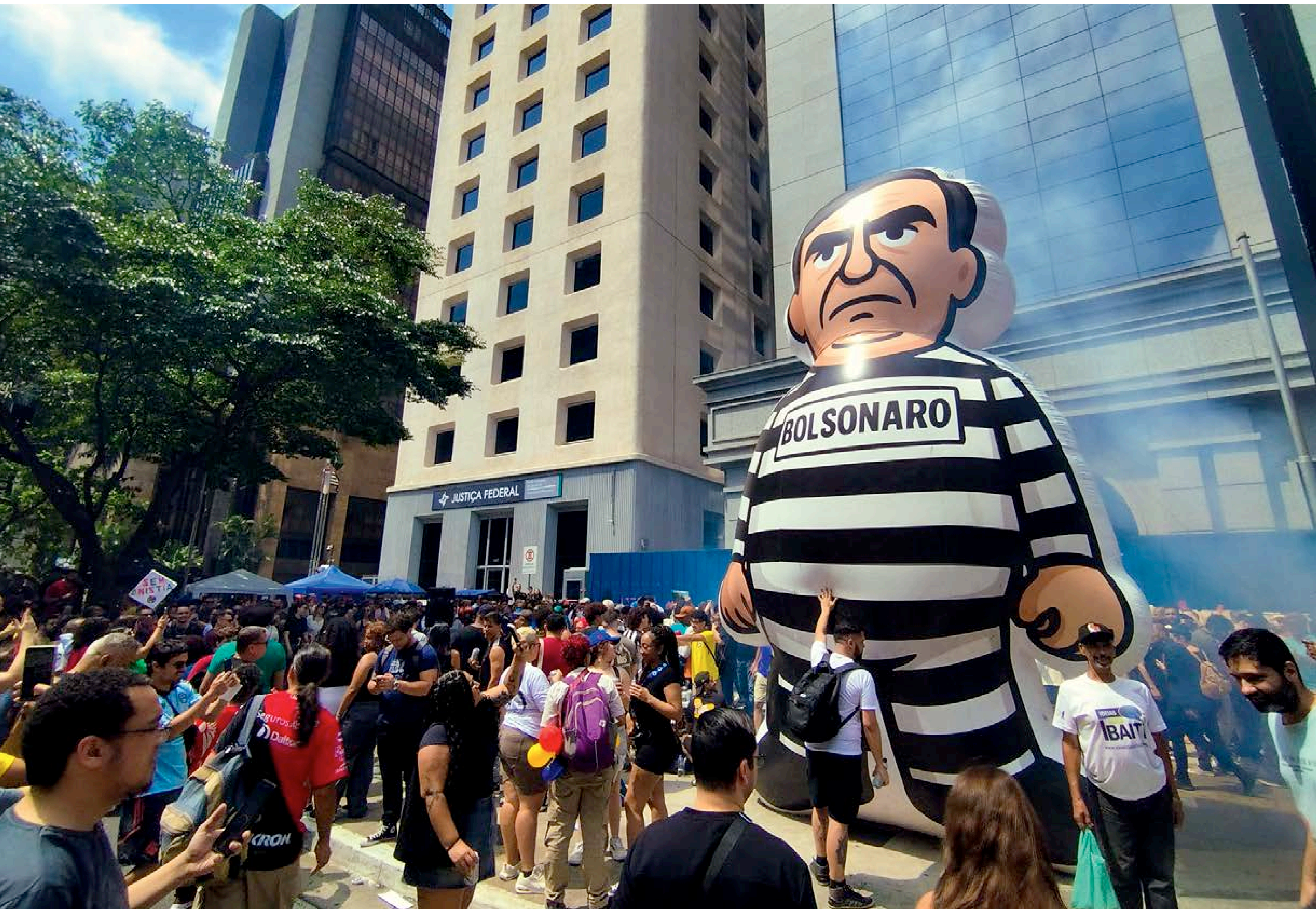
4 territórios de atuação

PRODUZIDO POR **ABRIL BRANDED CONTENT**

Saiba mais em ***movimentovivagua.com.br***

O SILÊNCIO DAS RUAS

Ao contrário do que a militância bolsonarista previa, as manifestações contra a prisão do ex-presidente praticamente se limitaram ao universo das redes — e ainda assim foram bem menos incisivas do que se imaginava **RICARDO CHAPOLA**



ESQUERDA Comemoração: roda de samba, boneco do ex-presidente trajado de presidiário e pouca adesão

LEANDRO CHEMALLE/THENEWS2/FOLHAPRESS

EM 2017, os petistas acreditavam que o país seria tomado por uma onda de protestos caso as investigações da Operação Lava-Jato resultassem na condenação do então ex-presidente Lula. Com a sentença de nove anos de cadeia e a prisão decretada, sindicalistas e alguns apoiadores chegaram a ensaiar um movimento de resistência, mas nada aconteceu além disso. Oito anos depois, os bolsonaristas alimentavam a mesma expectativa em relação à prisão de Jair Bolsonaro. Vigílias estavam sendo

FORA LULA
BUZINE !!!
NOVO 30
NOVO SÃO PAULO SP

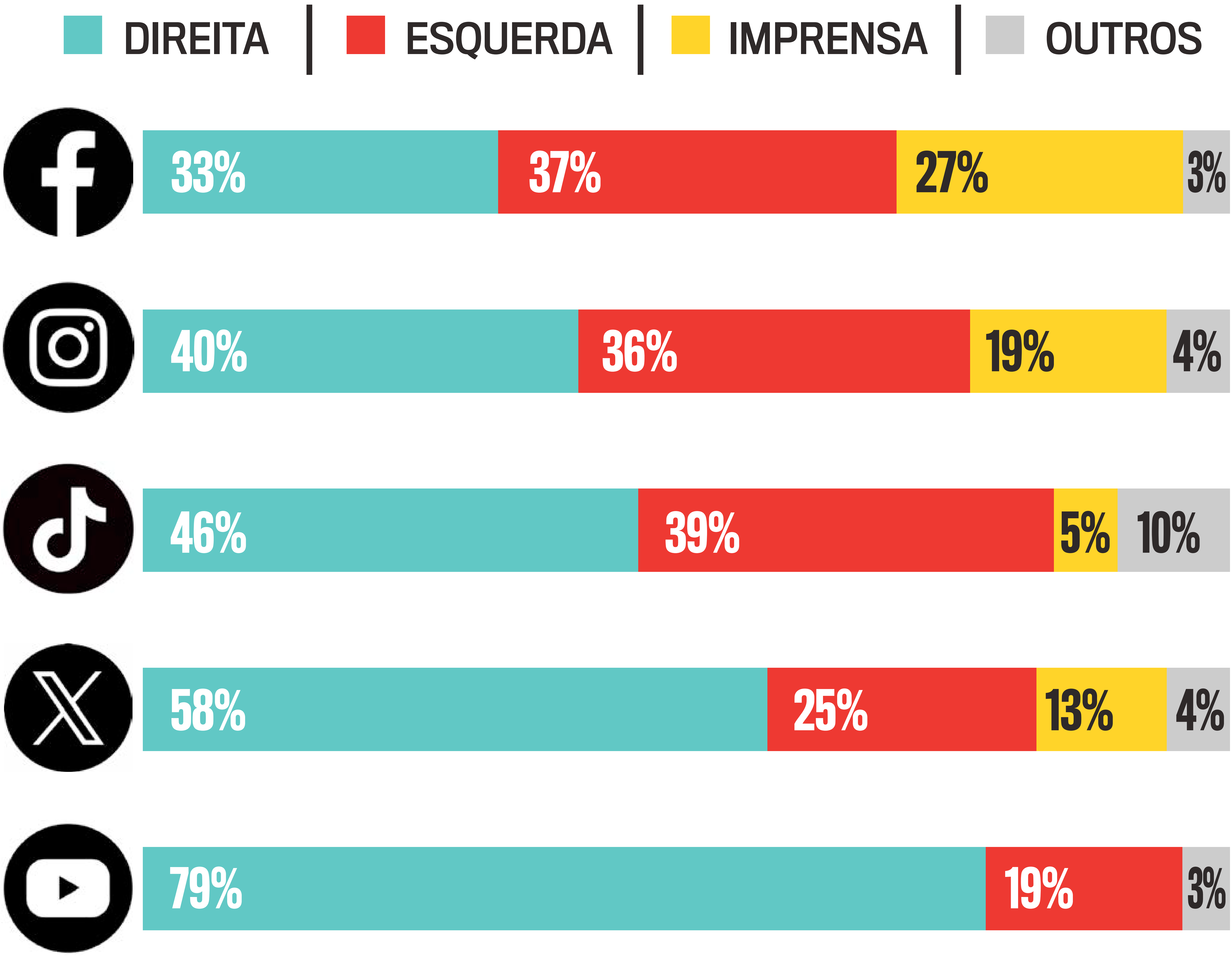
DIREITA Protesto: falta de coesão e desânimo de uma parcela do eleitorado

VILMAR BANNACH/EKOBANPRESS/AG. O GLOBO

convocadas desde o fim do julgamento no STF e havia rumores até de um protesto de caminhoneiros que poderia paralisar o país. Na manhã do sábado 22, o ex-presidente foi levado para a Superintendência da Polícia Federal em Brasília e teve a prisão preventiva convertida em definitiva dois dias depois. Chamadas a se manifestar, as ruas silenciaram.

O BARULHO VIRTUAL

A prisão de Jair Bolsonaro praticamente monopolizou o debate entre a militância de direita e de esquerda nas redes sociais



Fonte: *Instituto Democracia em Xeque*

Esquerda e direita até tentaram mobilizar suas respectivas militâncias. Os dois lados convocaram manifestações em uma das praças mais conhecidas do país, a Avenida Paulista. Ambas fracassaram, mas Jair Bolsonaro, sem dúvida, é o maior derrotado. Os esquerdistas convocaram a manifestação para comemorar a prisão do ex-presidente, levaram um boneco inflável de Bolsonaro caracterizado como presidiário e conseguiram atrair uns poucos pedestres que passavam com uma animada roda de samba. Os apoiadores do capitão também inflaram um boneco de Lula caracterizado como presidiário e pretendiam dar uma demonstração de força para pressionar o Congresso a pautar o projeto que concede anistia aos envolvidos no 8 de Janeiro, mas compareceram apenas uns poucos gatos pingados. Em Brasília, um grupo de cerca de quarenta apoiadores chegou a ensaiar uma concentração em frente à Superintendência da Polícia Federal, mas depois se dispersou.

O embate entre apoiadores e adversários do ex-presidente se restringiu ao universo digital, terreno em que a direita e os apoiadores do ex-presidente costumam ter supremacia — mas até isso foi aquém do que se esperava. Um levantamento realizado pelo Instituto Democracia em Xeque mostrou que a prisão do ex-presidente foi responsável por 3,3 milhões das postagens nas principais redes sociais e que os perfis de direita e esquerda dividiram os engajamentos, com uma ligeira vantagem para as publicações favoráveis a Bolsonaro *(veja o quadro na pág. ao lado).* Segundo especialistas, esse equilíbrio foi alcançado depois que foram divulgadas as imagens da tentativa do ex-presidente de violar a tornozeleira eletrônica. As opiniões, por conta disso, se fragmentaram. “Depois do vídeo, a direita não conseguiu sustentar a narrativa de martírio do ex-presidente, enquanto a esquerda conseguiu neutralizar a versão de que a prisão teria sido motivada por perseguição política e religiosa”, diz o pesquisador Alexsander Chiodi, coordenador do estudo, que contabilizou 11,9 milhões de interações atreladas à polêmica da tornozeleira. Segundo análises dos especialistas, o vídeo silenciou setores institucionais e moderados do bolsonarismo, como é o caso do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas. “Isso também diminuiu o ímpeto dos apoiadores mais fiéis, divididos entre enfatizar a fragilidade física e psíquica do ex-presidente e minimizar a violação da tornozeleira”, avalia Beto Vasques, diretor do Instituto Democracia em Xeque. Responsável pelo monitoramento de mais de 100 000 grupos de WhatsApp e Telegram, a empresa de tecnologia Palver também chegou a um diagnóstico semelhante. No dia da prisão, o volume de mensagens favoráveis ao ex-presidente nos aplicativos era duas vezes maior do que as contrárias. A divulgação do vídeo inverteu a situação — e isso certamente influenciou o humor da militância bolsonarista. “Mobilizar as ruas exige articulação, preparo e coesão. Ficou evidente o desânimo de uma parcela do eleitorado com o que aconteceu”, diz o professor Luis Fakhouri, dono da Palver.

Para o mestre em ciências políticas da Unesp Alberto Aggio, as manifestações em defesa do ex-presidente começaram a perder vigor depois do primeiro decreto de prisão, em agosto passado, e com a percepção de que o Judiciário não recuaria e o Congresso dificilmente aprovaria um projeto de anistia. “Há uma certa desorientação da base aliada do ex-presidente. Não é por acaso que as manifestações em defesa dele têm se limitado às redes sociais”, destaca o professor. Ao vencer as eleições em 2018, Jair Bolsonaro mostrou que sua popularidade no universo digital encontrava correspondência no mundo real. A mesma situação pode ser observada nas manifestações que antecederam seu julgamento. No primeiro teste após a prisão, porém, muito dessa equivalência entre o real e o virtual se esvaiu após a condenação. ■

PASSAGEM DE BASTÃO

Com Bolsonaro preso em regime fechado, cresce a movimentação para que Tarcísio de Freitas seja o candidato da oposição de direita a Lula em 2026 **HEITOR MAZZOCO** E **LAÍSA DALL'AGNOL**

FAVORITO O político do Republicanos: interlocução com Bolsonaro e apoio de siglas do Centrão são trunfos para eleição

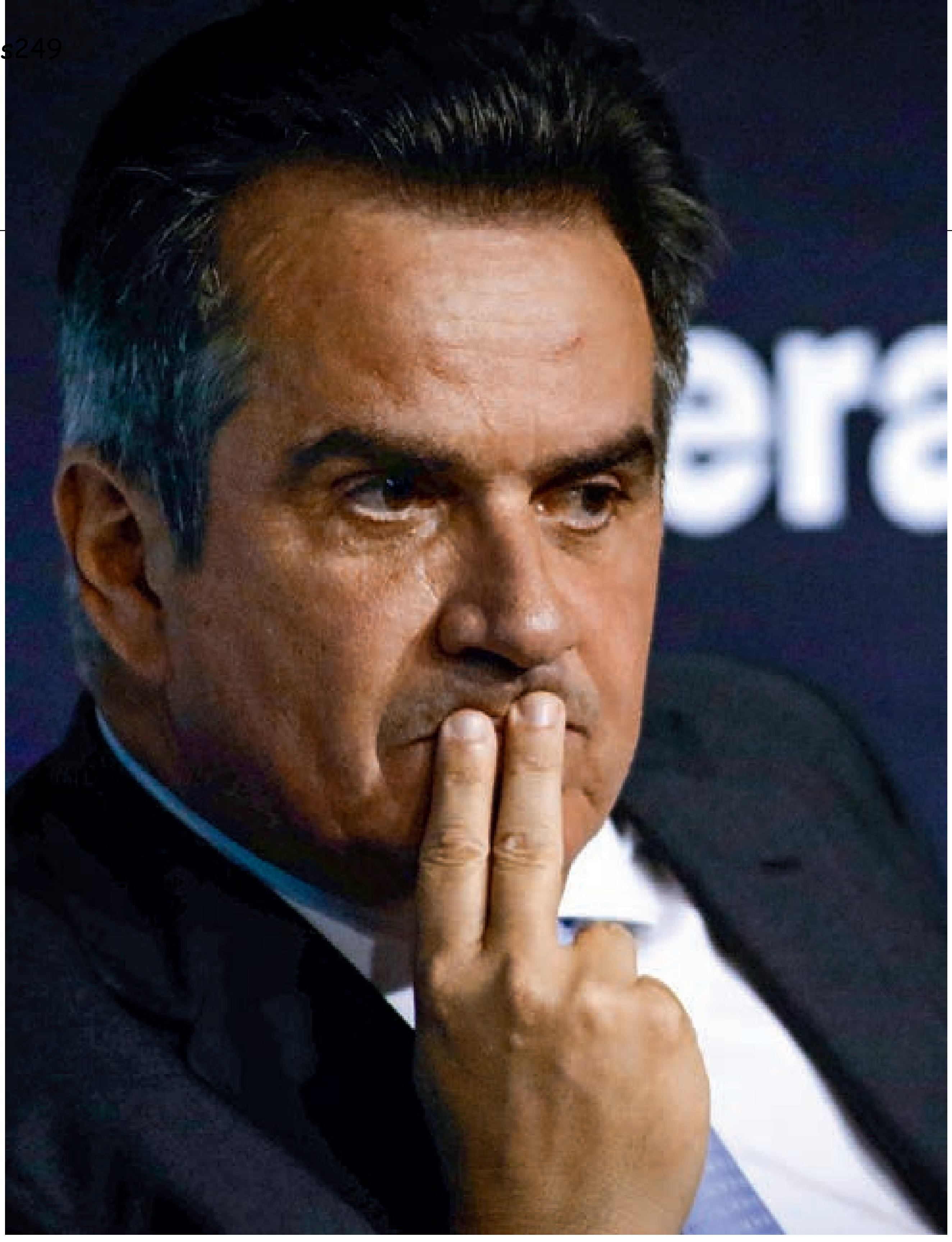
PABLO JACOB/GOVERNO SP

A LONGA NOVELA sobre quem poderá ser o herdeiro político escolhido por Jair Bolsonaro, que se arrasta desde meados de 2023, quando o ex-presidente foi considerado inelegível pelo Tribunal Superior Eleitoral, se aproxima do seu final. O desfecho do julgamento por tentativa de golpe, que não só elevou a inelegibilidade do ex-presidente para até 2060, como o condenou a 27 anos de prisão em regime inicialmente fechado, deve apressar as conversas sobre quem, afinal, represen-

UNIÃO BRASIL

MUDANÇA DE ROTA O governador Ronaldo Caiado e ACM Neto: União Brasil deve desistir de candidatura própria tará a oposição, em especial o eleitorado bolsonarista, no duelo contra o presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2026. Favorito desde sempre, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), consolidou sua posição nos últimos dias como o único presidenciável capaz de angariar o apoio do clã Bolsonaro — por ser o mais próximo ao ex-presidente — e obter ainda o amplo eleitorado de centro-direita que deseja se livrar do lulismo, mas não comunga totalmente com a cartilha bolsonarista.

A delicada situação judicial do ex-presidente mobilizou líderes do Centrão e da direita em busca de uma definição sobre quem vai liderar a oposição. Embora continue negando oficialmente que disputará a Presidência da República — cada vez com menos ênfase —, Tarcísio vem conversando nas últimas semanas sobre a entrada na corrida presidencial com importantes caciques nacionais, como o senador Ciro Nogueira, presidente nacional do PP; o ex-prefeito de Salvador ACM Neto, do União Brasil; e o governador de Minas Gerais, Romeu Zema, além do presidente nacional do PSD e secretário de seu governo, Gilberto Kassab. Também apoiam cada vez mais nos bastidores o seu nome para o Planalto os caciques Valdemar Costa Neto (PL), Baleia Rossi (MDB) e Marcos Pereira (Republicanos). A meta é construir um grande bloco de centro-direita com PL, União Brasil, PP, Republicanos, MDB e PSD e esquecer a ideia de candidaturas pulverizadas no primeiro turno — tese antes defendida por alguns nomes desse campo político, como o governador de Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil).


ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA

PLANO Ciro Nogueira: cacique atua por frente ampla do centro à direita

A direita corre contra o tempo porque faltam pouco mais de cinco meses apenas para Tarcísio, caso aceite o desafio, renunciar ao cargo que ocupa, como exige a lei. O governador paulista resiste a avançar o sinal. Até meados de janeiro, pelo menos, ele não quer declarar oficialmente que disputará a Presidência da República para não antecipar mais a já antecipada corrida eleitoral, mas entre os seus interlocutores há cobrança para que ele diga ao menos aos aliados que está pronto para o desafio. “Acho que o pessoal está muito ansioso. Há tempo para a definição. Isso já está sendo feito, e as pessoas só não percebem”, disse Tarcísio em um evento empresarial na quarta-feira 26. “Não tenham ansiedade, porque virá a decisão na hora certa. Não precisa ser em dezembro. Pode ser janeiro, fevereiro, março”, completou o governador. Segundo seus interlocutores, ele acha importante entregar obras estratégicas de sua gestão antes de partir para uma corrida presidencial, como a conclusão de trechos do Rodoanel e de duas novas linhas do metrô. “Bater o martelo sobre uma candidatura o deixaria, na prática, sem governo. E isso deve ser bem calculado, ele precisa deixar a casa arrumada”, diz um aliado próximo.

JONATHAN CAMPOS/AEN

TÁTICA Ratinho Jr.: articulação discreta e disposição de manter nome no páreo

O principal nó da articulação, no entanto, está justamente no círculo mais próximo a Bolsonaro. Tarcísio ainda aguarda a palavra final do ex-presidente — sem o seu apoio formal e explícito, ele dificilmente irá para a disputa nacional. Ele estava com visita marcada para o dia 10 de dezembro em sua casa em Brasília, no período da detenção em regime domiciliar, mas o encontro foi cancelado diante da prisão preventiva decretada pelo ministro Alexandre de Moraes após Bolsonaro danificar a tornozeleira. Agora, Tarcísio terá de fazer novo pedido ao ministro do STF para poder discutir o quadro político frente a frente com o capitão, desta vez preso em regime fechado. Em todas as conversas com aliados, Tarcísio recebeu queixas e alertas em relação à posição dos filhos de Bolsonaro. O caos costurado pelo deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP), por exemplo, com as investidas contra o país, o STF e aliados, o tornou tóxico demais. Na quarta 26, em entrevista, ele mandou recados a quem pretende herdar o espólio do pai. "Eu pretendo apoiar um outro candidato em 2026 desde que ele seja identificado com os meus eleitores, que são bolsonaristas", disse. Questionado sobre se já identificou alguém com esse perfil, respondeu: "Flávio Bolsonaro". O nome do senador como candidato a presidente foi especulado, de fato, nos últimos dias, mas a sua desastrada atuação no episódio que levou o pai à prisão preventiva (ao convocar uma vigília de apoiadores perto do condomínio do ex-presidente) contou como sério ponto negativo.

Se prevalecer a premissa de que o ex-capitão só apoiará alguém se a chapa tiver um sobrenome Bolsonaro, uma alternativa é a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro. Mas essa hipótese não é consenso nem entre os filhos de Bolsonaro nem entre os companheiros de PL. "Eu mesmo não concordo. Precisamos focar no Legislativo. A Michelle pode ser eleita senadora pelo DF. Assim, com maioria, podemos fazer frente ao STF e travar o Poder Executivo", diz um parlamentar do PL. Outros aliados também alegam que o melhor seria um vice sem o sobrenome Bolsonaro, porque daria maior amplitude à chapa que enfrentará Lula, como alguém do Nordeste ou de um estado eleitoralmente relevante, como o governador de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo).

Se a estrela de Tarcísio sobe no mercado de apostas, a de outros concorrentes de centro-direita vai perdendo força, como a dos governadores do Paraná, Ratinho Jr. (PSD); de

ines249

EDUARDO KNAPP/FOLHAPRESS

IMPASSE Valdemar: chapa com um Bolsonaro é o maior nó a ser desatado

Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil); do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSD); e o próprio Zema. “De todos, Tarcísio é hoje o mais forte. Os outros não conseguiram se articular nacionalmente”, afirma um cacique do União Brasil. Esses presidenciáveis de centro-direita, no entanto, não pensam em jogar a toalha. Ratinho Jr., que nas pesquisas consegue ser o mais bem colocado depois de Tarcísio, movimenta-se com discrição, continua conversando com políticos, sociedade civil e empresários e aposta na imagem de “pacificador” do país, de alguém longe da polarização. Além disso, não pode se descuidar da gestão do estado, onde pretende eleger o seu sucessor. Já Ronaldo Caiado, que enfrenta fogo amigo dentro da federação União Brasil-PP, contratou um marqueteiro (Paulo Vasconcelos, que atuou em campanhas de Aécio Neves e Cláudio Castro) para a sua

ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA

OPÇÃO Kassab: apesar de o PSD ter dois presidenciáveis, ele quer Tarcísio

campanha presidencial, e não descarta nem mesmo mudar de partido para manter a candidatura ao Palácio do Planalto, cenário hoje tido como o mais provável.

Uma condição para Tarcísio receber o aval de Bolsonaro e da família é também uma dificuldade: mostrar que, se eleito, fará todo esforço possível para tirar o ex-presidente da cadeia. O governador de São Paulo parece ter entendido o recado e, nos últimos dias, foi enfático na defesa de algum tipo de perdão judicial. “Sempre defendi anistia e o que eu puder fazer para que ela seja aprovada, eu vou fazer. Nosso interesse é vê-lo livre desse processo, dessa situação toda. Na hora da dificuldade é que os amigos têm que estar juntos”, disse em entrevista na quarta 26. No mesmo dia, afirmou que a direita, “que o pessoal às vezes diz que está desorganizada”, vai apresentar um projeto liberal para o país “se livrar do PT” porque o Brasil está na “direção errada”. “Mas é fácil acertar. A gente coloca na direção correta rapidinho”, completou. O discurso, como se vê, parece cada vez mais com o de um candidato ao Planalto. A maré política, na esteira da derrocada de Bolsonaro, nunca foi tão favorável para o governador paulista. ■

INFORME PUBLICITÁRIO

A CRISE CLIMÁTICA É UMA CRISE DE SAÚDE

NO COMBATE À EMERGÊNCIA CLIMÁTICA, CHIESI DESENVOLVE PRODUTOS QUE UNEM CIÊNCIA E SUSTENTABILIDADE

A crise climática não é apenas uma preocupação ambiental, ela impacta diretamente a saúde das pessoas. O uso de combustíveis fósseis contribui para o aquecimento global e para a poluição do ar, responsável por 6,7 milhões de mortes por ano no mundo.

No Brasil, a mortalidade atribuída à poluição do ar é de 28,5 a cada 100 mil pessoas, comparável à taxa de homicídios. “São mortes silenciosas, pois, apesar de expressivas, raramente estampam as manchetes”, alerta Marco Ruggiero, CEO da Chiesi Brasil.

Diante desse cenário, a empresa promoveu na COP30 o debate sobre a conexão entre mudanças climáticas, poluição do ar e saúde para mobilizar outras organizações a enfrentar o problema.

A principal iniciativa do Grupo Chiesi para combater a emergência climática é a substituição do gás propelente dos dispositivos inalatórios em spray para tratamento de asma e doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC) por um propelente de nova geração — que reduzirá em até 90% a pegada de carbono dos produtos sem comprometer a eficácia. “Com a mudança, atendemos à necessidade de pacientes que, devido à obstrução das vias aéreas, precisam de dispositivos em spray para manter suas doenças controladas e combatemos as mudanças climáticas ao reduzir a emissão de gases de efeito estufa”, completa.

O compromisso com a descarbonização ainda envolve iniciativas como energia 100% renovável em todas as instalações, incluindo a fábrica do Brasil. As ações unem ciência e sustentabilidade, sendo um passo importante na ambição do Grupo Chiesi de se tornar a primeira farmacêutica carbono zero em toda a cadeia de valor até 2035.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. 1. WHO. AMBIENT (OUTDOOR) AIR POLLUTION. [INTERNET]. AVAILABLE FROM HTTPS://WWW.WHO.INT/NEWS-ROOM/FACT-SHEETS/DETAIL/AMBIENT-(OUTDOOR)-AIR-QUALITY-AND-HEALTH. 2. WHO. AIR POLLUTION ATTRIBUTABLE DEATH RATE (PER 100 000 POPULATION, AGE-STANDARDIZED), AMBIENT. [INTERNET]. AVAILABLE FROM HTTPS://WWW.WHO.INT/DATA/GHO/DATA/THEMES/TOPICS/TOPIC-DETAILS/GHO/AMBIENT-AIR-POLLUTION.

PRODUZIDO POR **ABRIL BRANDED CONTENT**

O PELOTÃO DOS FUGITIVOS

Condenado à prisão pelo Supremo, Alexandre Ramagem engrossa a lista de bolsonaristas que deixaram o país para escapar da Justiça **ANNA SATIE** E **BRUNO CANIATO**

REPRODUÇÃO

RISCO O deputado em live nos EUA: como chefe da Abin, ele teve acesso a dados sensíveis coletados no Brasil

NO ÚLTIMO dia 18 de novembro, o ex-policial federal Alexandre Ramagem (PL-RJ) foi um dos 370 deputados que votaram a favor da aprovação do PL Antifacção na Câmara. O que não se sabia era que o parlamentar depositara o seu voto remotamente, de Miami, para onde havia se mudado com o objetivo de escapar da pena de dezesseis anos, um mês e quinze dias de prisão em regime fechado por seu papel em conspiração golpista no final de 2022. Ramagem, cujos passaportes estavam suspensos pela Justiça desde junho, apresentou um atestado médico à Câmara em 9 de setembro e seguiu de carro para Roraima, onde já foi superintendente da Polícia Federal. De lá, pode ter saído do Brasil pela fronteira com a Guiana ou a Venezuela e dali pegou voo para Miami. Em solo americano, tornou-se mais um entre dezenas de bolsonaristas condenados ou investigados que fugiram do país para não prestar contas à Justiça.

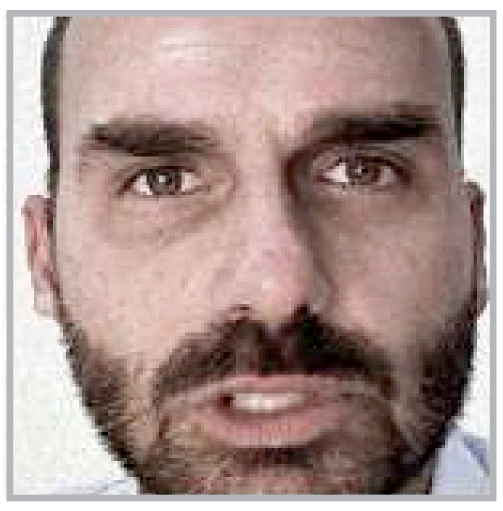
Desde a revelação da fuga, a situação de Ramagem só piorou. Logo que soube da mudança clandestina de endereço, o ministro Alexandre de Moraes, relator do caso no Supremo Tribunal Federal, ordenou sua prisão preventiva. Quatro dias depois, na terça 25, o STF declarou o trânsito em julgado da ação — ou seja, a condenação dele se tornou definitiva. Moraes também determinou a perda do mandato parlamentar e do cargo de delegado da Polícia Federal e a inclusão do nome de Ramagem no banco de presos e foragidos do Conselho Nacional de

Justiça (CNJ). No mesmo dia, a Câmara aprovou um parecer proibindo que deputados registrem presença e participem de votação enquanto estiverem no exterior, salvo em missões oficiais.

Embora seja mais um caso de gente em busca de impunidade, a fuga de Ramagem embute uma preocupação adicional: ele não é um condenado qualquer. Diretor-geral da Agência Brasileira de Inteligência por três anos, pode dispor de informações sensíveis para o Brasil. Apesar de ter deixado a função em 2022, a PF apreendeu um telefone e um computador da Abin em endereços ligados a ele dois anos depois, em 2024. À época, disse que não sabia que os aparelhos estavam com ele e que certamente não eram usados havia anos. No cargo, atuou em conjunto com agentes e organismos de inteligência de vários

A TURMA DO EXÍLIO

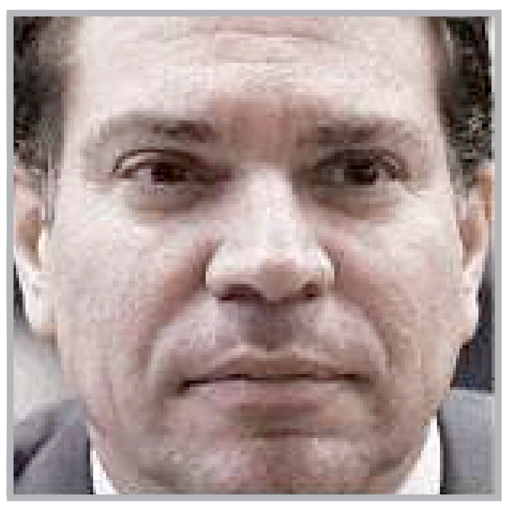
Seis aliados do ex-presidente Jair Bolsonaro que fugiram do Brasil para tentar escapar da Justiça



EDUARDO BOLSONARO

O filho Zero Três do ex-presidente Jair Bolsonaro é réu por coação no curso do processo ao liderar campanha nos EUA por sanções contra o Brasil e magistrados do Supremo países, com quem também compartilhou informações sensíveis. À frente da agência, segundo a Procuradoria-Geral da República, montou um núcleo clandestino dentro do órgão, aparelhando recursos estatais para espionar adversários políticos, acusação pela qual foi condenado. De resto, é o único do núcleo principal da trama golpista que escapou das grades, coisa que não conseguiram os outros seis acusados, incluindo Bolsonaro, três generais de quatro estrelas e um almirante.

Ramagem passa agora a integrar uma legião de personagens no exterior com histórias parecidas. O caso mais conhecido é o da deputada Carla Zambelli (PL-SP), presa em Roma em julho deste ano, dois meses após ter fugido do Brasil, também por via terrestre, pela Argentina, antes de passar pelos Estados Unidos e chegar à Itália, onde imaginou que estaria livre da Justiça. "Como cidadã italiana, sou intocável", disse em junho. Condenada pelo STF a mais de quinze anos de prisão por invadir os siste-



ALEXANDRE RAMAGEM

Condenado a dezesseis anos de prisão pelo STF por tentativa de golpe de Estado e outros crimes, o deputado do PL-RJ mudou-se em setembro para Miami e é considerado foragido

ines249

LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

APOSTA ERRADA Zambelli: cidadania italiana não impediu que ela fosse presa

mas do Judiciário e por perseguir, de revólver em punho, um homem pelas ruas, ela aguarda sua extradição. Outro parlamentar “autoexilado” é Eduardo Bolsonaro (PL-SP), que se mudou para Dallas (EUA) em fevereiro e por lá permanece, sem previsão de retorno, alegando ser perseguido por Moraes — no Supremo, enfrenta denúncias de interferir no julgamento do pai e de articular sanções

CARLA ZAMBELLI

A deputada do PL-SP está presa em Roma desde julho de 2025 à espera da extradição para cumprir pena de quinze anos por invasão a sistema judicial e porte ilegal de arma contra o Brasil junto ao governo de Donald Trump, acusação que já o transformou em réu.

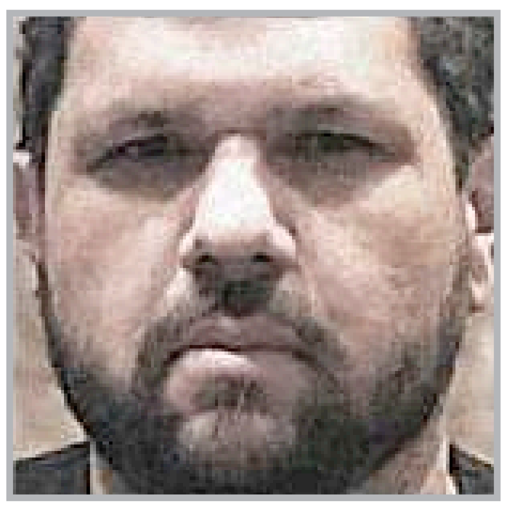
A lista de foragidos bolsonaristas vai muito além dos três deputados. Primo de Eduardo, Leonardo Rodrigues de Jesus, o Léo Índio, foi indiciado pela PF no início do ano por participar do 8 de Janeiro e fugiu para a Argentina, juntando-se a cerca de sessenta envolvidos na depredação pública em Brasília que também cruzaram a fronteira e encontram-se foragidos no país vizinho. A diáspora bolsonarista, no entanto, antecede a trama golpista: entre 2020 e 2022, os blogueiros Allan dos Santos e Oswaldo Eustáquio, investigados por incitar ataques à democracia, deixaram o país, respectivamente, rumo aos EUA e ao Paraguai. Santos vive na Flórida e Eustáquio mora na Espanha — ambos se beneficiam do status de asilados políticos, e os pedidos brasileiros para a extradição deles vêm sendo rejeitados pelas autoridades locais.

Dispersos pelo mundo, os bolsonaristas exilados com-

ALLAN DOS SANTOS

Investigado em dois inquéritos no STF, o blogueiro vive nos EUA desde 2020 e é considerado foragido após mandado de prisão de 2021 por disseminar fake news e ataques à democracia partilham uma característica central: o discurso de perseguição política no Brasil. O chavão da “ditadura de toga”, que denuncia supostos abusos do STF contra apoiadores do ex-presidente, tornou-se mote de manifestações pelo planeta, ainda que de forma modesta — desde 2023, atos reuniram dezenas de brasileiros em capitais como Nova York, Londres, Roma, Madri e Buenos Aires. “A grande maioria não cometeu crime algum, nem mesmo de depredação”, sustenta o advogado Ezequiel Silveira, que representa quarenta investigados e 600 famílias de envolvidos no 8 de Janeiro. Em novembro, bolsonaristas chegaram a realizar um ato contra Moraes em frente à Casa Rosada, sede do governo argentino, mas a busca por apoio político não colou — o presidente Javier Milei assim como a primeira-ministra italiana, Giorgia Meloni, ambos de direita, ignoraram a cantilena bolsonarista.

Atualmente, tramitam pelo mundo 61 pedidos de extradição, emitidos pelo STF e formalizados pelo Itama-



OSWALDO EUSTÁQUIO

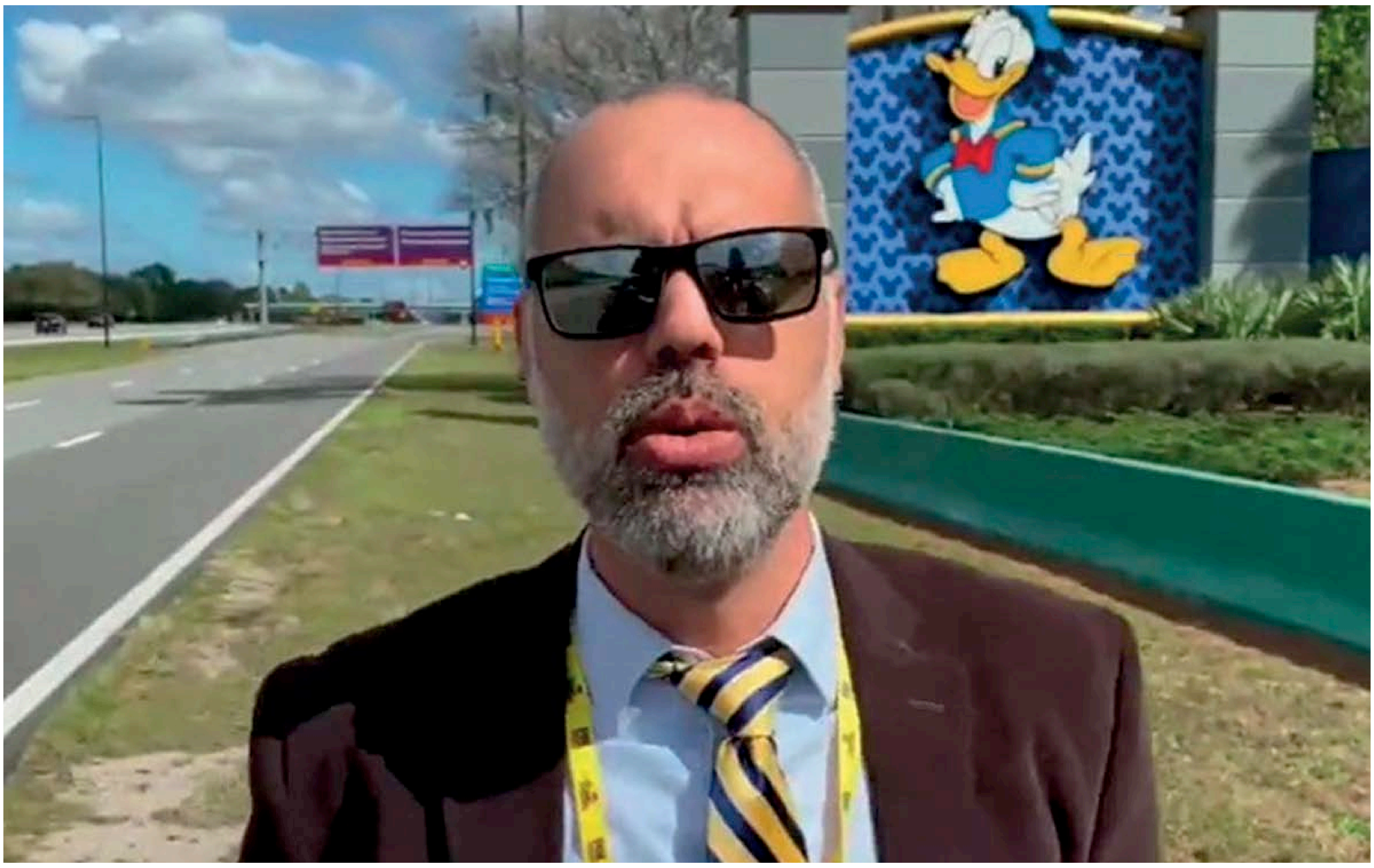
Foragido desde dezembro de 2022, o jornalista, investigado por fake news e ataques à democracia, está na Espanha, onde tem obtido vitórias judiciais contra a sua extradição raty, relativos à trama golpista. Os esforços, no entanto, não são nada simples e exigem a cooperação das autoridades locais para localizar, prender e julgar cada um dos nomes na mira da Justiça brasileira — o processo pode ser ainda mais lento se os réus têm asilo político ou cidadania daquele país. Professora de direito internacional na USP, Maristela Basso explica que as extradições costumam ser ágeis quando envolvem crimes flagrantes, como tráfico de drogas, corrupção ou homicídio, mas tornam-se mais subjetivas se há bases para suspeitar de abusos humanitários. "Uma alegação de per-

INSTAGRAM @BOLSONAROSP

AUTOEXILADO
Eduardo Bolsonaro: vivendo em Dallas, ele virou réu por tentativa de obstrução da Justiça

LÉO ÍNDIO

Sobrinho de Jair e ex-assessor de Flávio Bolsonaro, Leonardo Rodrigues de Jesus fugiu para a Argentina em março de 2025, após ser indiciado pela PF por atos cometidos no 8 de Janeiro



FORAGIDO Allan dos Santos: com mandado de prisão de 2021, teve extradição negada pelos EUA

seguição política tem grande peso, pois é o principal elemento que pode impedir uma extradição e também o argumento mais difícil de se refutar nos tribunais", diz. Em última instância, o sucesso depende das relações diplomáticas, já que os tratados internacionais exigem que uma extradição seja ratificada pelo chefe de Estado.

Os três deputados no exterior deveriam ser um constrangimento para a Câmara, onde os processos de perda de mandato avançam lentamente. Quem decide qual será o rito é o presidente, Hugo Motta (Republicanos-PB), que pode liquidar o processo já na Mesa Diretora ou enviá-lo para a Comissão de Constituição e Justiça — a última opção foi a escolhida para o caso contra Carla Zambelli, que

ines249

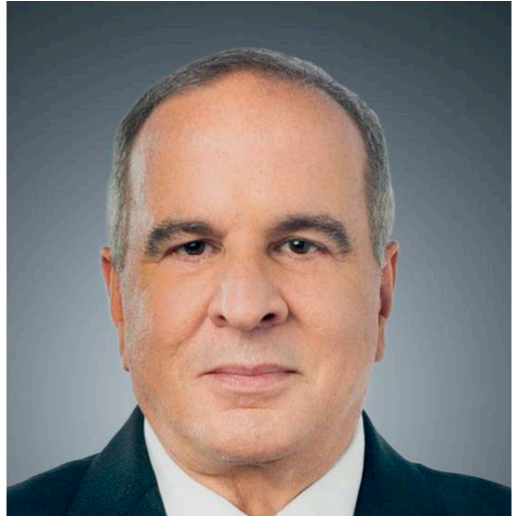
ANISTIA JÁ
O BRASIL TEM AGORA UMA NOVA ARMA CONTRA O ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO
DITADURA
DEMOCRACIA RELATIVA
AMNESTY FOR
WE ARE ALL DEBORAH DOS SANTOS
HELLO, BRAZILIAN SUPREME COURT: A COUP CAN ONLY BE CARRIED OUT WITH RIFLES, TANKS, AND PLANES!
By Leandro Ruschel
ELEIÇÃO SEM BOLSONARO GOLPE

INSTAGRAM @YESBRASILUSA

CAMPANHA Bolsonaristas em ato em Nova York: discursos no exterior pedem anistia e criticam Moraes e STF

ainda não tem nem relator designado. O presidente da comissão, Paulo Azi (União Brasil-BA), acredita que o processo contra Ramagem deve receber o mesmo destino. O grupo faz apenas uma análise prévia da legalidade, mas quem decide é o plenário. “O Parlamento se empoderou muito nos últimos anos, e há um questionamento crescente do papel do Judiciário e principalmente do Supremo”, diz Antonella Galindo, professora de direito constitucional da UFPE. Ela lembra que a Câmara aprovou a suspensão da ação contra Ramagem, decisão que foi parcialmente aceita pelo STF, que deixou fora do processo os crimes cometidos quando ele já era deputado. Outra possibilidade para a perda de mandato é o excesso de faltas (deixar de ir a um terço das sessões de cada ano). “Deixar o país sem aviso e sem prazo de retorno, priorizando interesses particulares, configura abdicação ao cargo pelo deputado”, defende Márlon Reis, advogado da ONG Rede pela Soberania, que na última semana enviou uma representação a Hugo Motta pedindo que o cargo de Eduardo Bolsonaro seja declarado vago por abandono.

Em que pese a complexidade das investigações, todos os réus pela trama golpista foram submetidos a julgamentos regulares, respeitando o devido processo legal e o direito à defesa. Ao contrário do que alegam os “exilados”, não há perseguição política ou ideológica, mas sim fartas evidências de crimes. Ao condenar os acusados pela tentativa de golpe, as instituições demonstraram rigor, eficiência e respeito aos princípios constitucionais — cabe, agora, esperar que as autoridades, brasileiras e de outros países, consigam fazer com que os responsáveis paguem pelos seus crimes. ■



MURILLO DE ARAGÃO

DISTORÇÃO COGNITIVA E POLÍTICA

A radicalização do debate no país opera na lógica do "tudo ou nada"

EPISÓDIOS como a prisão do ex-presidente Jair Bolsonaro e o patético caso da tornozeleira eletrônica, além dos rompimentos entre lideranças do governo e do Congresso Nacional, mostram que a política brasileira passou a ser interpretada em chaves cada vez mais emocionais. Não apenas o cidadão comum, mas também as elites — poderes da República, imprensa, agentes econômicos — operam dentro de um quadro de distorções cognitivas agravadas por excessivo emocionalismo.

Distorções cognitivas são atalhos mentais que simplificam a realidade de forma enganosa. No lugar de nuances, prevalece o pensamento automático: "se aconteceu uma vez, é sempre assim"; "se não é totalmente bom, é totalmente ruim". Na política, as redes sociais e a disputa por atenção amplificam esse fenômeno, transformando o debate em torcida organizada.

Duas distorções tornaram-se especialmente visíveis: a supergeneralização e a radicalização. A supergeneralização faz casos específicos parecerem regras universais: “todo bolsonarista é fascista”, “todo lulista é comunista”, “todo político é ladrão”. Adversários viram blocos homogêneos e análises ficam empobrecidas. No mercado, decisões seguem narrativas e identidades, não fatos ou técnica. O resultado é um ambiente em que moderados são empurrados para os extremos, e caricaturas substituem a reflexão.

A radicalização opera na lógica do “tudo ou nada”. Debates sobre segurança pública, anistia ou reforma tributária deixam de ser sobre o mérito e viram batalhas morais. Propostas passam a ser “a salvação” ou “a destruição”, dependendo apenas de quem as apresenta. O efeito é conhecido: paralisia decisória, insegurança jurídica e políticas que duram até o governo seguinte.

Há razões estruturais para isso: a comunicação política se baseia em simplificações e frases de efeito que rendem

“Pensar como adulto implica aceitar a complexidade e abandonar as certezas absolutas”

mais do que análises complexas. A mídia opera sob a lógica da atenção, premiando manchetes fortes e embates binários que geram audiência. Existe também uma captura cognitiva pela identidade de grupo — quem apresenta nuances ou questiona consensos sofre custos sociais. Por fim, as instituições privilegiam lealdade e não análise crítica.

As consequências são sistêmicas: as coalizões se tornam instáveis; a volatilidade institucional aumenta; a confiança nas instituições deteriora; o jornalismo cede à simplificação; prosperam demagogos ao invés de estadistas; e desafios prementes para a cidadania se perdem no tumulto da guerra das narrativas.

O Brasil precisa amadurecer seu debate político. Isso não significa eliminar paixões, mas distinguir paixão de distorção, discordância de demonização. Democracias funcionam quando sociedades conseguem diferenciar um caso de uma regra, uma crítica específica da rejeição total, adversários de inimigos.

Supergeneralização e radicalização não são inevitáveis. São escolhas — inconscientes, porém reversíveis. Exigem educação para o pensamento crítico, reformas que reduzam incentivos à polarização e lideranças que ofereçam exemplo. Pensar a política como adulto implica aceitar a complexidade e abandonar o conforto das certezas absolutas. A pergunta é se e quando teremos maturidade coletiva para isso. ■

APOSTA ARRISCADA

Indicação do advogado-geral da União para o Supremo vai testar a força e a real disposição do presidente do Congresso para confrontar o governo – e vice-versa

LARYSSA BORGES

ORDEM E PROGRESSO
ADVOGADO-

TURBULÊNCIA Lula e Jorge Messias: a opção do presidente pelo petista estremeceu a relação com o Parlamento

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

O MÍNIMO que se exige de um candidato a uma cadeira no Supremo Tribunal Federal é que ele seja honesto, intelectualmente preparado e tenha independência suficiente para ter apenas a Constituição como farol de suas decisões. Faz tempo, porém, que esses critérios deixaram de ser observados isoladamente. A perspectiva de contar com a lealdade, a simpatia ou a gratidão dos futuros ocupantes do cargo tem sido determinante no processo de seleção. Em seu terceiro mandato, Lula escolheu Cristiano Zanin, seu advogado pessoal, para ocupar uma das vagas. A segunda que surgiu foi preenchida por Flávio Dino, ex-ministro da Justiça e seu amigo há décadas. Na semana passada, o presidente indicou o atual advogado-geral da União, Jorge Messias, para o lugar do ministro Luís Roberto Barroso. Diferente das vezes anteriores, a opção do presidente provocou uma inusitada reação do Senado, que ameaça rejeitar a indicação, o que, se ocorrer, quebraria uma tradição mantida desde 1894, quando o Congresso recusou cinco nomeações feitas pelo então presidente Floriano Peixoto, entre elas a de um médico que não teria sequer “senso jurídico”.

Jorge Messias, de 45 anos, é doutor em direito e tem no currículo uma longa carreira em órgãos públicos. Ele foi procurador do Banco Central, subchefe de Assuntos Jurídicos da Presidência e procurador da Fazenda Nacional antes de chegar ao posto de advogado-geral da União. Experiência jurídica, portanto, não lhe falta. O problema é outro. Há pouco mais de um mês, Lula reuniu quatro ministros do Supremo para um jantar privado. O encontro, agendado a pretexto de

BRUNO SPADA/CÂMARA DOS DEPUTADOS

ENFRENTAMENTO Alcolumbre: o presidente do Senado se considerou traído e respondeu com retaliações ao governo

discutir com Gilmar Mendes, Alexandre de Moraes, Cristiano Zanin e Flávio Dino a sucessão na Corte, serviu antes de tudo para que o presidente deixasse claro os critérios que balizariam sua escolha. O petista disse que errou em seus governos passados ao avalizar algumas indicações que o decepcionaram, deixou claro que a fidelidade a ele agora estava no topo dos requisitos necessários e também afirmou que não cederia a pressões, particularmente do Congresso, onde se cristalizava uma extensa articulação para tentar viabilizar o nome do senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG) à vaga — o lobby era conduzido por ninguém menos que o presidente do

ANDRESSA ANHOLETE/AGÊNCIA SENADO

PRETERIDO Rodrigo Pacheco: o parlamentar mineiro é o pivô da discórdia

Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP). Ao anunciar a indicação de Messias no último dia 20, Lula cumpriu o que havia dito, mas também abriu uma frente de batalha.

Aliado do governo, o chefe do Congresso se considerou traído. O senador credita a si a aprovação de projetos importantes de interesse do Planalto. Recentemente, ele usou sua reconhecida influência para acelerar a votação da lei que isenta de pagamento de imposto os contribuintes que ganham até 5 000 reais — uma joia que certamente será explorada por Lula em sua campanha reeleitoral. Na terça-feira 25, Alcolumbre mostrou as garras ao colocar em pauta e aprovar com larga maioria de votos a regulamentação da aposentadoria especial para agentes comunitários de saúde, proposta que impõe ao governo, segundo cálculos do Ministério da Fazenda, custos orçamentários na casa dos 20 bilhões de reais pelos próximos anos. E, como era de se esperar, o senador ajustou a artilharia na direção de Jorge Messias

Desde que foi indicado, o ministro ligou várias vezes para o senador, deixou recados, pediu a ajuda de amigos para tentar uma aproximação, mandou mensagens e, por fim, divulgou uma nota com afagos ao presidente do Congresso, mas continuou sendo solenemente ignorado, sinal de que algo realmente não vai bem. O petardo veio com a marcação da sabatina para o dia 10 de dezembro. Para ter o nome aprovado, Messias precisa conquistar o voto de no mínimo 41 dos 81 senadores, em um período que lhe dá apenas dez dias úteis para se apresentar aos parlamentares. É um prazo exíguo demais e uma demonstração de má vontade. O AGU conta com a ajuda de cabos eleitorais de peso, como os ministros do STF Gilmar Mendes, Kassio Nunes Marques e André Mendonça, que entraram em campo para demover resistências, em especial entre congressistas do Centrão, e com promessas relevantes de apoio, como o do pastor bolsonarista Silas Malafaia. O esforço, porém, tem se mostrado insuficiente. Além do tempo curto, Messias ainda enfrenta um boicote. Davi Alcolumbre estaria orientando senadores a não recebê-lo e se aproveitando do momento conturbado da prisão de Jair Bolsonaro para atrair os parlamentares de oposição. Diante do

ROSINEI COUTINHO/STF

DISTORÇÃO Plenário do STF: fidelidade agora é requisito para escolha de ministro da Corte

diagnóstico de que sua indicação corre sérios riscos, Messias deve se reunir com o presidente Lula nos próximos dias para traçar um plano de contenção. Entre os pedidos que o advogado-geral pretende fazer está o apelo para que ele tenha o que alguns de seus auxiliares têm chamado de "rito justo", um pacote que inclui tempo hábil para cabalar votos e o compromisso do presidente do Senado de assumir uma postura eminentemente institucional no processo.

Os governistas dizem nos bastidores que há muito jogo de cena na pretensa missão de Alcolumbre de inviabilizar a aprovação de Jorge Messias. Detentor de dezenas de cargos

ANTONIO AUGUSTO/STF

SEM PROBLEMAS Zanin: ex-advogado do presidente da República

em autarquias e agências reguladoras e padrinho político das indicações dos ministros da Integração e do Desenvolvimento Regional e das Comunicações, o senador tem planos de continuar à frente do Congresso na próxima legislatura, projeto que pode ser facilitado ou dificultado pelo governo. Fora isso, é sabido que sua maior fonte de poder vem da transferência bilionária de recursos orçamentários aos colegas por meio de emendas parlamentares. A amizade dele com Rodrigo Pacheco e a consequente pretensão de conquistar mais espaço e influência no Poder Judiciário não valeriam o desgaste — e os prejuízos — que podem resultar desse enfrentamento. Aliás, não é a primeira vez que ele se mete em confusão parecida.

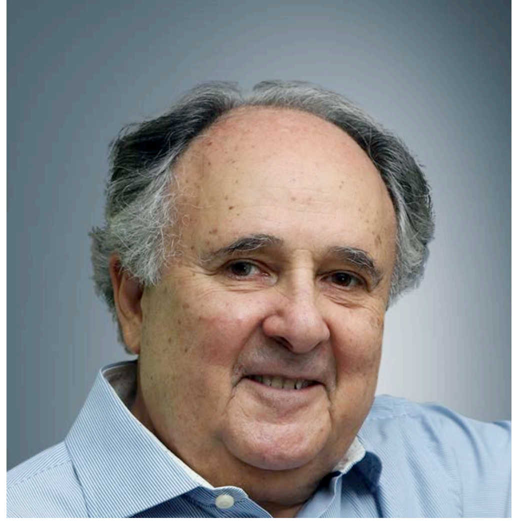
Em 2021, Jair Bolsonaro indicou André Mendonça para uma vaga no STF. Então presidente da Comissão de Constituição e Justiça, ele demorou quatro meses para agendar a sabatina do candidato — na época, Mendonça, ao contrário de Jorge Messias, tinha votos suficientes para ser aprovado. O senador, porém, tinha outro nome em vista. O imbróglio acabou

ROSINEI COUTINHO/STF

SEM RESISTÊNCIA Dino: amigo e ex-ministro da Justiça do atual governo

resolvido após o governo liberar verbas que estavam retidas e colocar à disposição alguns cargos em órgão públicos. O embate dessa vez parece um pouco mais difícil de resolver. Na quarta 26, o senador estava na lista de convidados do Palácio do Planalto para a cerimônia de sanção do festejado projeto que elevou a faixa de isenção do Imposto de Renda, mas ele não compareceu. Em nota, justificou apenas que a lei é "uma conquista histórica que nasce do diálogo maduro e do compromisso do Congresso Nacional com um país mais justo". Os próximos lances desse jogo político vão testar a real disposição de Alcolumbre para confrontar Lula — e vice-versa. ■

ines249



CRISTOVAM BUARQUE

O MAPA PARA A COP31

É preciso adotar a educação para enfrentar a tragédia ecológica

NÃO DEVERIA causar espanto o fato de a COP30 não ter incluído em suas decisões um “mapa do caminho” para o mundo abolir o uso de combustíveis fósseis *(leia a reportagem “Ambição distante”).* Porque, embora busque soluções para o problema das mudanças climáticas no planeta, a COP reúne países independentes, cada um com interesses nacionais e imediatos. Com seus eleitores mais preocupados com o preço da gasolina do que com o nível do mar, fica difícil adotar uma estratégia de conjunto que implique sacrifícios para cada pessoa e cada país. O governante toma decisões comprometido com o presente de sua população, não com o futuro da humanidade.

O presidente Lula, que defendeu a ideia do “mapa do caminho”, sempre comemorou o aumento da produção de petróleo, e na véspera da COP autorizou pesquisa para sua exploração no litoral da Amazônia. Como humanista, ele formula e defende o caminho para proibir o uso do petróleo; como político, é obrigado a promover e comemorar o aumento da produção e do uso. As grandes transformações das últimas décadas provocaram um divórcio entre o humanismo planetário e a democracia nacional. Cada país é um pedaço do mundo, mas na COP o mundo é a soma dos países. Os cientistas e ativistas que se surpreendem com a recusa ao "mapa do caminho", necessário para evitar o ponto de não retorno na temperatura do planeta, podem defender seus pontos de vista porque suas funções não dependem dos votos dos eleitores. Os governos representam seus eleitores querendo aumentar o consumo, não a humanidade buscando evitar catástrofes planetárias.

Mesmo os poucos políticos comprometidos com a ecologia, que defendem o "mapa do caminho", em vez de decidirem fazer a parte que lhes cabe, exigem compensação para financiar a transição energética. O problema não está apenas nos países produtores, mas também nos eleitores consu-

> **"A solução para a crise ambiental vai exigir uma transição na mentalidade dos eleitores"**

midores de petróleo, não importa o país. A mentalidade da sociedade industrial, consumista e global não permite o compromisso efetivo com uma estratégia de curto prazo para a abolição de combustíveis fósseis. A substituição deles requer trocar a ânsia de progresso baseado na produção e no consumo por uma proposta de progresso equilibrado e permanente. Além do necessário esforço imediato para a transição energética, a solução para a crise ambiental vai exigir uma transição na mentalidade dos eleitores, graças à educação da atual geração de crianças em idade escolar. Mas o tema da educação não entrou na agenda central da COP30 nem em nenhuma das anteriores.

Quem teve acesso, durante a COP30, ao livro *Uma Conversa com Carlos Nobre: o Sonho da COP*, publicado pela Fundação Astrojildo Pereira, não se surpreendeu com a recusa à adoção do “mapa do caminho”. A COP30 mostra que a COP31 precisa de um “mapa do caminho” para seu próprio funcionamento: incluir em sua pauta o tema da transição de mentalidade dos 2 bilhões de crianças e adolescentes em idade escolar para uma consciência comprometida com um progresso harmônico entre os seres humanos e deles com a natureza. Mais do que o mapa da COP para abolir o petróleo, a humanidade precisa de um mapa para a COP: adotar a educação como elemento decisivo para enfrentar a crise ecológica. Mas aqueles que agora lamentam o fato de a COP30 não ter adotado o “mapa do caminho” energético não aceitaram colocar a educação no “mapa do caminho” da COP30. ■

PEDRO GIL

Com reportagem de Cinthia Rodrigues

Fora do jogo

O presidente da Cemig, **Reynaldo Passanezi Filho,** acompanha com preocupação o impasse que travou a privatização da estatal mineira de energia. Para ele, a falta de avanço deixa a empresa em desvantagem ante os concorrentes privados. “Sem a privatização, não conseguiremos competir nos leilões do ano que vem”, diz. A urgência é real: Minas Gerais terá dois leilões de linhas de transmissão em 2026, que devem exigir 6 bilhões de reais em investimento.

SILVIA ZAMBONI/VALOR/AGÊNCIA O GLOBO

RISCO Passanezi Filho, CEO da Cemig: sem privatização, empresa perderá leilões

Cafezinho na mesa

A italiana illycaffè vai entrar no varejo brasileiro com a abertura de cafeterias próprias no país. A marca, referência em cafés premium e famosa por seus blends de alta qualidade, prepara a implantação das primeiras unidades em mercados considerados estratégicos: Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Made in Brazil

A illycaffè não cultiva um único grão na Itália. “Importamos café do Brasil e o vendemos de volta”, afirma Andrea Illy, presidente da empresa. A marca vê o país como um ambiente “sustentável” e “economicamente sólido”.

Com todo o gás

A japonesa Mitsui, um dos maiores conglomerados de logística e infraestrutura marítima do mundo, e o fundo Future Ocean, de Hong Kong, preparam um novo empreendimento no mercado brasileiro. As duas empresas submeteram ao Cade um pedido para criar uma sociedade que vai investir no setor de gás natural liquefeito.

Blindagem em alta

A Carbon, empresa brasileira de blindagem de veículos, vai investir 80 milhões de reais em uma nova fábrica no interior de São Paulo. Desde 2021, a companhia já destinou 160 milhões de reais a projetos de expansão. Segundo Alessandro Ericsson, fundador da Carbon, o cenário internacional está favorável. “A segurança nos Estados Unidos e na Europa está degringolando, então temos oportunidades”, diz.

Startups no radar

Sediada no Vale do Silício, a gestora Plug and Play aposta suas fichas no Brasil. A empresa, especializada em investimentos em startups em estágio inicial, pretende lançar um fundo de até 50 milhões de dólares no segundo semestre do ano que vem. Além de fintechs, empresas do agro e do setor energético estão na mira da gestora.

Rumo aos EUA

A EBM Engenharia, empresa brasileira especializada na construção de data centers, planeja captar 500 milhões de reais no mercado em 2026. Com o reforço de capital, a companhia prepara sua entrada no mercado americano.

Dinheiro no caixa

O BTG Pactual deve liderar a rodada de captação da EBM junto a investidores, mas a empresa também mantém conversas com os bancos americanos Goldman Sachs e J.P. Morgan. Além disso, a EBM planeja levantar 800 milhões de reais por meio da emissão de um certificado de recebíveis imobiliários.

Expansão bilionária

O fundo imobiliário TRX prepara a ampliação de seu principal produto, o TRXF11, cujo patrimônio deve saltar de 3,3 bilhões para 6,3 bilhões de reais com uma nova emissão de cotas no mercado. A operação está prevista para ser concluída até 15 de dezembro.

Carrinho cheio

Na semana passada, o TRX desembolsou 1 bilhão de reais na compra de imóveis das redes de atacarejo Atacadão e Grupo Mateus. Nos próximos dias, deve anunciar mais 1,3 bilhão de reais em aquisições, que incluem centros comerciais, shoppings, escolas e hospitais. ■

Descomplicando o Vinho, celebrando momentos.

A Castas nasceu para tornar o vinho democrático, próximo e cheio de personalidade.

Acreditamos que o vinho deve estar em todos os lugares, da praia aos grandes salões, das conversas descontraídas aos brindes mais especiais.

Construímos um portfólio que une tradição, inovação e autenticidade, representando produtores que compartilham da nossa filosofia: transformar cada garrafa em um momento especial.

CONHEÇA NOSSO PORTFÓLIO EM **CASTAS.COM.BR**
E ACOMPANHE NOSSAS NOVIDADES: @CASTASIMPORTADORA

CASTAS

FOTO: HOTEL QUINTA DO VENTOZELO

ines249

AMBIÇÃO DISTANTE

Na COP30, o governo Lula se empenhou para emplacar um acordo pelo fim gradual do uso de combustíveis fósseis, mas esse objetivo esbarra na demanda crescente por energia

DIOGO SCHELP E **RICARDO FERRAZ,** de Belém

FUNE
COMBUS
FOS
COAL
OIL
GÁS

PROTESTO EM BELÉM “Enterro” do atual sistema: frustração geral

PABLO PORCIUNCULA/AFP

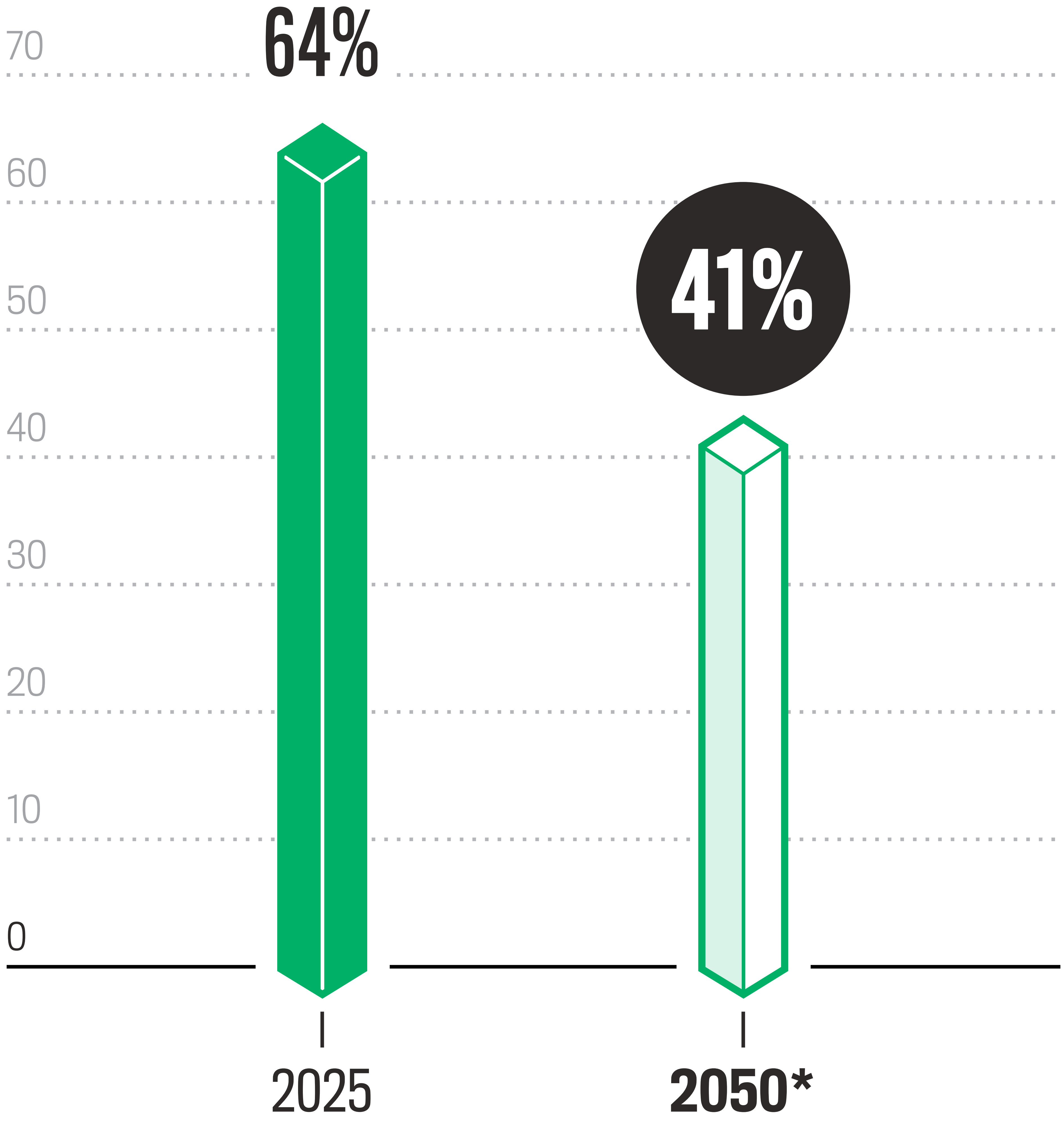
Em meio às numerosas propostas discutidas na COP30, a Conferência do Clima da ONU encerrada no último dia 22, em Belém (PA), uma delas, em especial, dividiu ao meio os 196 países nas negociações, tanto que nem sequer foi mencionada no documento final. Trata-se do "mapa do caminho" para o fim gradual do uso de combustíveis fósseis. A inclusão do tema nas conversas causou espanto nos participantes desde o dia de abertura do evento, quando o presidente Lula defendeu, em seu discurso, a ideia da lavra da ministra do Meio Ambiente, Marina Silva. Afinal, a meta de reduzir o uso de petróleo, gás natural e carvão como fontes de energia não havia sido discutida a fundo nos eventos preparatórios para a COP30.

Uma semana e meia depois, Lula voltou a Belém com o objetivo de "destravar as negociações". Nos bastidores da convenção, encontrou-se com representantes da China, da Índia, da Indonésia, da União Europeia e de países árabes, latino-americanos, africanos e pequenas ilhas ameaçadas pela elevação do nível dos oceanos. Foi um esforço de diplomacia presidencial incomum, considerando que os interlocutores estrangeiros eram de níveis hierárquicos inferiores. Os árabes ficaram especialmente incomodados com a quebra de protocolo. Em todas as conversas, Lula martelou na tecla de que o texto final da COP30 deveria conter o mapa do caminho para deixar os combustíveis fósseis, responsáveis por 80% das emissões de gases do aquecimento global. "A intervenção de Lula naquele momento foi pior para as ne-

DEPENDÊNCIA FUTURA

Mesmo no cenário mais otimista de transição energética, os combustíveis fósseis vão continuar representando uma parcela significativa da matriz global

EM % DO TOTAL DA ENERGIA CONSUMIDA



* Projeção

Fonte: *Global Energy Perspective 2025 (McKinsey&Company)*

UESLEI MARCELINO/COP30

ESFORÇO Marina Silva na cerimônia de encerramento da COP: consenso difícil

gociações do que o incêndio ocorrido em um dos pavilhões no dia seguinte", disse a VEJA, na condição de anonimato, o ministro do Meio Ambiente de um importante país europeu. Para além da queimada de largada diplomática, não ajuda em nada esse discurso o fato de o próprio Brasil estar investindo no aumento da produção, com a exploração do petróleo na Margem Equatorial.

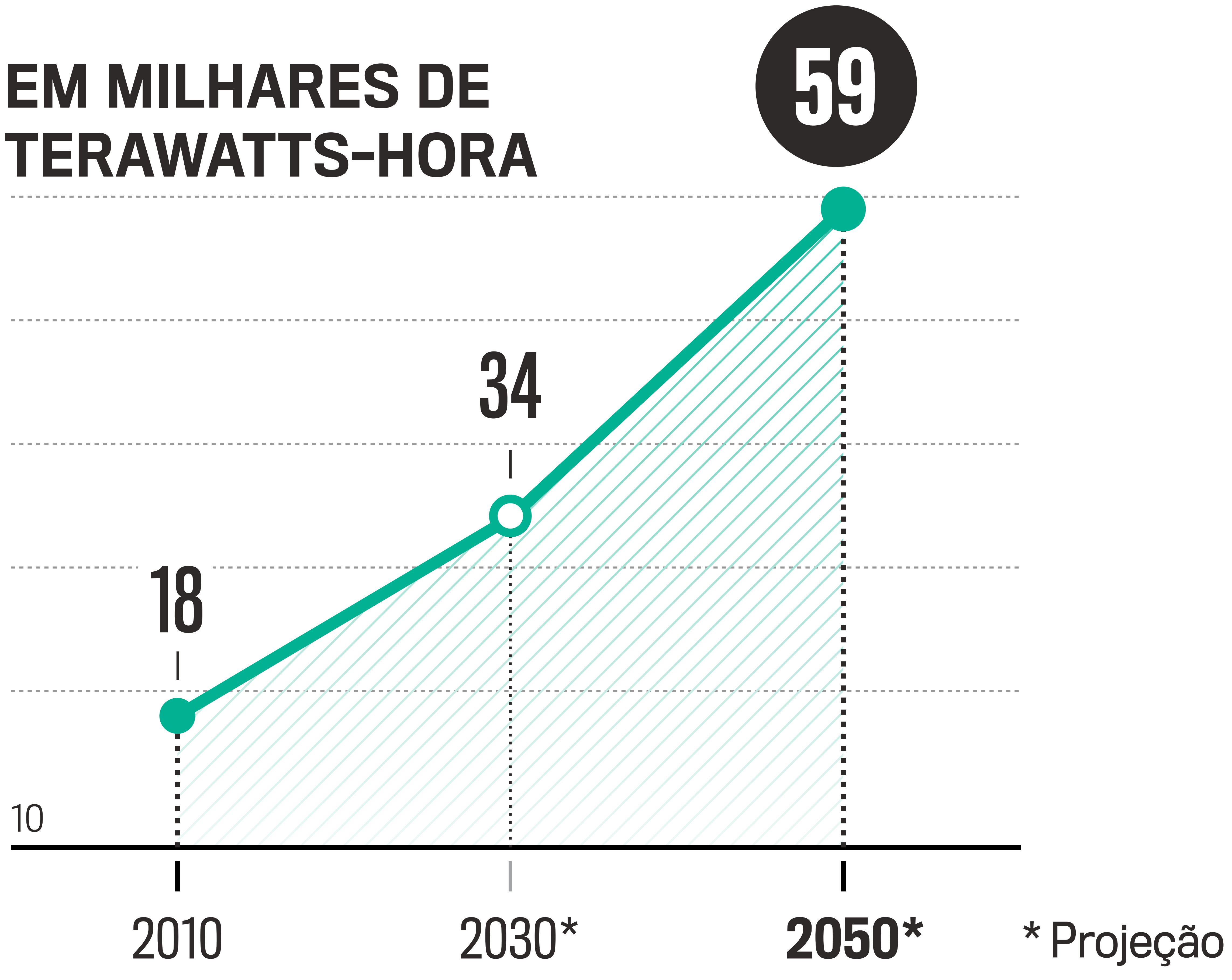
Como já era esperado, a resistência de países dependentes de petróleo impediu um consenso, mas o assunto ganhou sobrevida porque o presidente da COP30, o embaixador André Corrêa do Lago, cujo mandato se estende por um ano até a próxima edição da conferência, na Turquia, decidiu criar um mapa do caminho paralelo e pretende envolver a todo-poderosa Opep (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) na conversa. “A possibilidade de continuar essa discussão sobre os combustíveis fósseis ao longo dos próximos meses, mesmo sem um consenso estabelecido, e de atrair a ciência, o setor privado, a sociedade civil, além de estados e municípios, para essa pauta é uma inovação positiva da COP30”, diz Lívia Pagotto, secretária-executiva da rede Uma Concertação pela Amazônia.

Segundo projeção da Agência Internacional de Energia, seria preciso reduzir em três quartos a queima de combustíveis fósseis para obter a neutralidade de carbono (quando a emissão e a absorção global de gases de efeito estufa se igualam) por volta de 2050, um feito necessário para evitar o aquecimento da atmosfera acima de 2 graus em relação aos níveis pré-industriais. Essa, no entanto, é uma meta difícil de ser alcançada. A humanidade vem utilizando petróleo e gás natural para produzir energia há pelo menos 150 anos, e carvão por ainda mais tempo. Em diversos países e para diferentes aplicações, essas são ainda de longe as opções energéticas mais baratas e mais disponíveis.

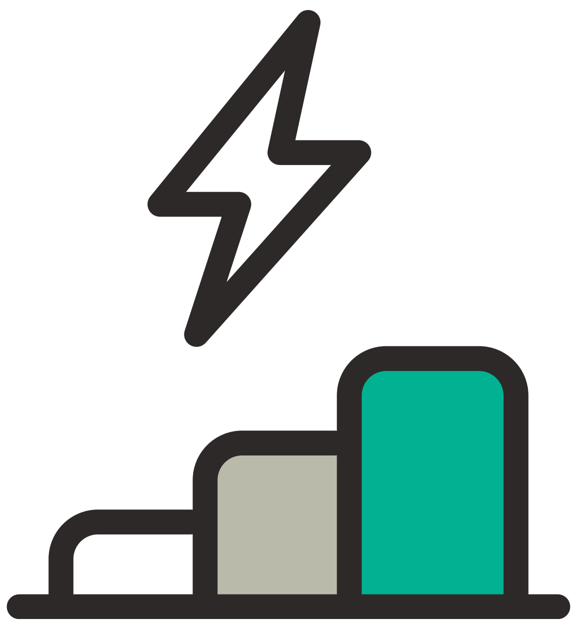
A participação dos combustíveis fósseis na matriz energética global vem caindo paulatinamente nos últimos anos e dando lugar a fontes renováveis. Mas mesmo as estimativas mais otimistas indicam que a dependência de petróleo, gás natural e carvão continuará sendo significativa nas próximas décadas, por uma razão muito simples: a demanda por energia não para de crescer. Isso se deve principalmente a dois fatores. O primeiro é que existe uma enorme desigualdade energética no mundo. Em 2024, cada cidadão americano consumiu, em média, 214 gigajoules, enquanto o gasto per capita dos brasileiros foi de 49 e dos sul-sudaneses, na

EXPANSÃO INEVITÁVEL

O consumo global de energia deve continuar crescendo nos próximos vinte anos, impulsionado pela demanda reprimida de países pobres e pela construção de data centers



África, de apenas 2 gigajoules. Conforme os países pobres se desenvolvem e avançam em qualidade de vida, o consumo de energia per capita de sua população tende a aumentar. O segundo fator é o boom de tecnologias digitais intensivas em uso de energia, como a inteligência artificial. "Atualmente, os data centers, que armazenam e processam os dados, consomem 1,5% da energia gerada no planeta. Até 2030, essa proporção vai dobrar", diz Pedro Rodrigues, di-



6%

AO ANO É A PROJEÇÃO DE AUMENTO DO CONSUMO DE ENERGIA POR DATA CENTERS ATÉ 2050

80%

DA ENERGIA GERADA NO MUNDO É CONSUMIDA POR MENOS DE 45% DA POPULAÇÃO GLOBAL

Fonte: *Global Energy Perspective 2025 (McKinsey&Company)*

retor do Centro Brasileiro de Infraestrutura. “Nos Estados Unidos, os data centers já demandam o equivalente a um terço de todo o consumo energético do Brasil.”

A grande desafio é como reduzir a queima de combustíveis fósseis e, ao mesmo tempo, atender à crescente demanda por energia. Há dois caminhos possíveis: substituí-los por fontes renováveis ou aumentar a eficiência do seu uso em outras situações. Foi assim que os Estados Unidos conseguiram reduzir o consumo de petróleo em proporção ao produto interno bruto pela metade desde o fim dos anos 1970. Mas o que impulsionou a mudança foi, principalmente, o aumento do preço do óleo cru e seus derivados. A lógica econômica também é o que permitiu que o Brasil e outras duas dezenas de países se comprometessem na COP30 a quadruplicar o uso de biocombustíveis até 2030. Mas essa não é, por enquanto, uma alternativa viável para a maioria dos países.

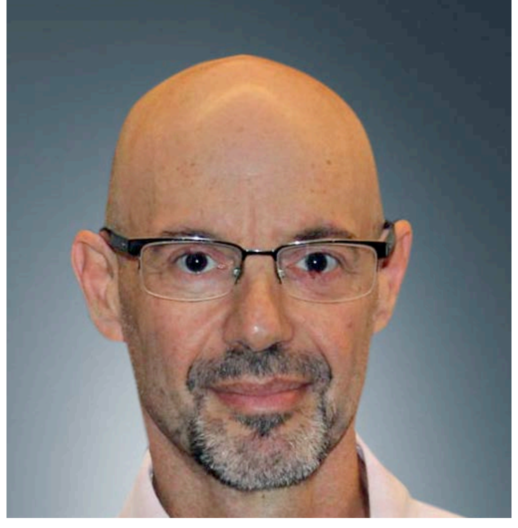
A grande questão para uma transição energética efetiva, portanto, é quem estaria disposto a pagar a conta. Na COP30, os países pobres e emergentes deixaram claro que a responsabilidade deve recair sobre as nações que enriqueceram à custa de um uso intensivo de combustíveis fósseis. André Guimarães, membro da Coalizão Brasil Clima, Florestas e Agricultura, dá como exemplo o que escutou de um ministro da Jamaica: o país não tem desmatamento e produz energia limpa, mas, para zerar as emissões, precisaria eletrificar toda a frota de veículos. “A Jamaica não pode

CLAUDIO GATTI

INOVAÇÃO Geração de eletricidade a partir de lixo, em Paulínia (SP): alternativa para zerar emissões

comprometer o orçamento de educação, saneamento e outros serviços básicos para a população, que ainda precisam de muitas melhorias, para fazer essa transição energética. É uma questão de justiça", diz Guimarães, referindo-se ao fato de que os compromissos de financiamento para ações climáticas em países pobres não avançaram na COP30. E assim a transição para longe dos combustíveis fósseis permanece uma ambição distante. ■

PATROCÍNIO GOVERNO DO PARÁ POR TODO O PARÁ JBS VALE



ALEXANDRE SCHWARTSMAN

O ILUSIONISTA

A tosca mágica do Orçamento federal

O SECRETÁRIO-EXECUTIVO do Ministério da Fazenda, Dario Durigan, deve estar convencido de que fala para idiotas. Não uso o termo de maneira leviana: só quem acredita que seu interlocutor é incapaz de notar truques que deixariam um pretendente a mágico de 8 anos de idade encabulado poderia repetir as afirmações de Durigan. Segundo o secretário, o atual governo "promoveu o maior ajuste fiscal dos últimos trinta anos, combinando aumento de receitas com contenção de despesas", notando que, pelo critério do Tesouro Nacional, o ajuste teria sido equivalente a 1,7 ponto percentual do PIB entre 2023 e 2024.

O secretário omite, porém, que o resultado de 2023 foi afetado pelo pagamento, em dezembro daquele ano, de cerca de 90 bilhões de reais em precatórios, evento que não se repetiu nos demais. Fazendo a comparação correta, isto é, partindo do resultado obtido em 2022, um modesto superávit de 0,5% do PIB, o que se observa é uma piora no resultado equivalente a 0,8% do PIB. E isso sem contar o que nos espera em 2025.

O "maior ajuste fiscal em trinta anos" representou, na verdade, deterioração considerável das contas federais. Diga-se, aliás, toda ela resultante de aumento da despesa pública, já que, apesar da voracidade fiscal do governo, as receitas não crescem o suficiente para bancar o gasto em expansão. Não por outro motivo, a dívida pública, 72% do PIB em dezembro de 2022, superou 78% do PIB em setembro de 2025, bem acima das projeções do Ministério da Fazenda quando da criação do "arcabouço fiscal", e deve continuar a subir até onde a vista alcança.

Nesse contexto, devemos ficar ainda mais preocupados quando o secretário promete "para 2026 o primeiro superávit primário em muitos anos". De fato, o Projeto de Lei Orçamentária para 2026 não indica contas no azul, muito pelo contrário. De acordo com os números lá apresentados, portanto, vindos da equipe econômica, o resultado no ano que vem seria deficitário em cerca de 23 bilhões de reais (nas nossas contas duas a três vezes maior do que isso, mas fiquemos com os dados oficiais).

> **"O 'maior ajuste fiscal dos últimos trinta anos' é, na verdade, deterioração das contas federais"**

O suposto “superávit” mencionado pelo impávido secretário a bem da verdade se refere ao resultado observado deduzidos gastos de aproximadamente 58 bilhões de reais à época, com duas importantes ressalvas. A primeira é que, de lá para cá, a lista dos gastos a serem abatidos do resultado do Tesouro só cresceu: despesas com rearmamento das forças militares e, a progredir a proposta do ministro da Justiça, também as relativas à segurança.

Em segundo lugar, é provável que o governo faça o mesmo que deve fazer neste ano e acabe mirando no limite inferior da meta fiscal, o que, nas palavras de Durigan, ocorreu “não sem muito trabalho”. Só não imagino a alternativa para conseguir dormir à noite.

Dito de outra forma, o governo assegura cumprir seu objetivo, mas, na prática, não chega nem perto de entregar o que prometeu. Trata-se de prestidigitação praticada à frente de uma audiência que, no entender do ilusionista em questão, deve aplaudir quando ele retirar o coelho da cartola, apesar de termos todos visto o dito-cujo sendo colocado nela.

Há muito deixou de ser uma questão de economia, ou mesmo contabilidade pública básica; é apenas falta de respeito com a inteligência alheia. ■

ESPÍRITO INDOMÁVEL

Biografia de Luiz Cezar Fernandes mostra os êxitos espetaculares e os tombos épicos de um dos mais audazes banqueiros da história do Brasil **MÁRCIO JULIBONI**

RONNY SANTOS/FOLHAPRESS

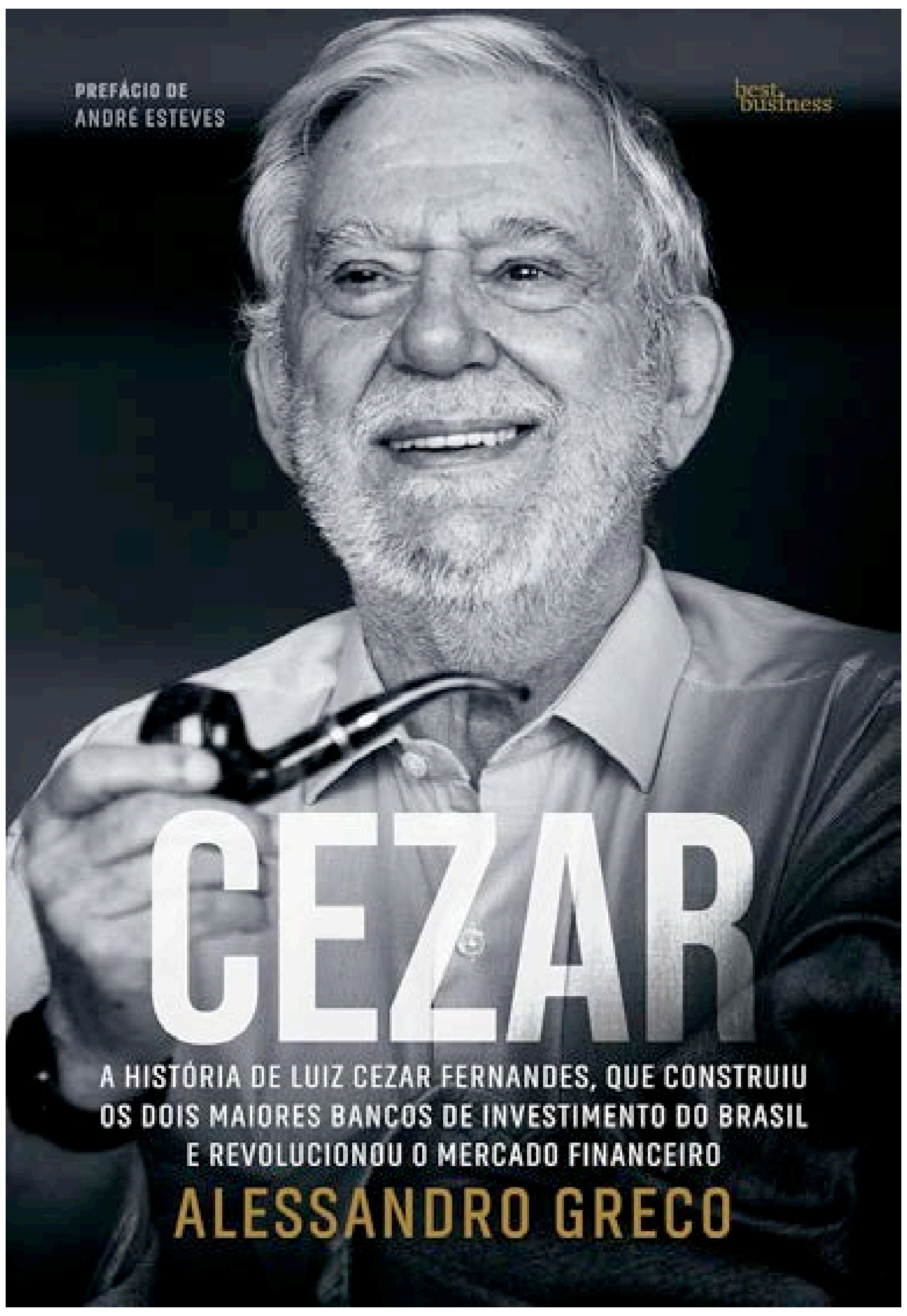
INCANSÁVEL Cezar: aos 80 anos, prepara-se para voltar ao mercado com uma nova empresa

POUCOS NOMES foram tão decisivos para o mercado brasileiro de capitais quanto o de Luiz Cezar Fernandes. Conhecido por fundar os dois bancos de investimentos mais icônicos do país — o Garantia, no início dos anos 1970, e o Pactual, na década seguinte —, Cezar, como é chamado pelos amigos, idealizou também mecanismos que se tornaram indispensáveis para os agentes financeiros, como o Sistema Especial de Liquidação e de Custódia (Selic), o ambiente em que são negociados os títulos públicos. A taxa de juros pela qual esses papéis são comprados e vendidos ali se tornou a baliza de toda a economia. Por esses e outros feitos, seu nome é frequentemente acompanhado por adjetivos como genial e visionário. Sua teimosia também é lendária, o que lhe custou inúmeros embates com alguns dos maiores pesos-pesados do capitalismo nacional, como os ex-sócios Jorge Paulo Lemann e André Esteves.

A trajetória do banqueiro que nunca teve medo de apostar tudo em suas ideias, saboreando vitórias brilhantes e suportando estoicamente derrotas acachapantes, é apresentada no livro *Cezar,* escrito pelo jornalista Alessandro Greco e já disponível nas livrarias. “Ele é o sujeito mais *skin in the game* que já conheci”, diz Greco, referindo-se ao jargão dos financistas para designar quem arrisca seu próprio pescoço em uma empreitada. “É um capitalista de verdade, que aceita as consequências, boas ou ruins, de suas decisões.” Além de encontros semanais com

ines249

Cezar, Greco entrevistou quase oitenta pessoas, incluindo seus desafetos, ao longo de quase três anos.


PREFÁCIO DE
ANDRÉ ESTEVES
best business
CEZAR
A HISTÓRIA DE LUIZ CEZAR FERNANDES, QUE CONSTRUIU OS DOIS MAIORES BANCOS DE INVESTIMENTO DO BRASIL E REVOLUCIONOU O MERCADO FINANCEIRO
ALESSANDRO GRECO

CEZAR de Alessandro Greco (Best Business; 350 páginas; R$ 80,90 e R$ 49,90 em e-book)

Segundo de oito filhos de uma família do interior paulista, foi um moleque endiabrado — para desespero dos pais e deleite dos leitores. Seu temperamento indomável resultava em constantes surras do pai até o dia em que, cansado de apanhar, saiu de casa, aos 12 anos, e seguiu para São Paulo. Arrumou um emprego no Bradesco e, irrequieto, aprendeu o trabalho dos outros funcionários. Ainda menor de idade, assumiu a reestruturação das agências menos lucrativas, o que lhe rendeu os primeiros membros do que, ironicamente, batizou de fã-clube "eu odeio o Cezar", que só cresceria pela vida afora.

Aos 23, já morando no Rio de Janeiro, casado e com a mulher grávida, recusou uma proposta de mudança para Belo Horizonte pelo dobro do salário e se demitiu do Bradesco. A decisão surpreendeu a diretoria. Cezar não tinha nada em vista, apenas se cansara do banco. Surpreender pessoas com suas decisões é uma de suas marcas. Anos depois, já no Garantia, irritava os outros sócios com os negócios que fechava sem consultá-los. A prova de que estava certo eram os lucros que gerava para o banco. Mesmo assim, concluiu que não tinha mais espaço ali e partiu para sua maior realização: criar o Banco Pactual, em 1983, hoje BTG Pactual, ao lado de Paulo Guedes, o futuro ministro da Economia do governo Bolsonaro, e de André Jakurski, um dos maiores operadores do mercado e que viria a fundar depois a gestora JGP.

Além dos negócios tradicionais de um banco de investimentos, Cezar defendia a ideia de que o Pactual deveria se dedicar ao que hoje é conhecido como private equity. "Gosto de pegar empresas encrencadas e reestruturá-las", diz *(leia a entrevista ao lado*). Apesar dos sucessos na área, Guedes e Jakurski se opunham a alguns projetos que ele considerava promissores. Por isso, o banqueiro decidiu investir o próprio dinheiro neles. Foi o seu maior deslize: os negócios eram piores do que supunha e drenaram a maior parte de seu patrimônio.

Para quitar as dívidas, vendeu sua fatia no Pactual em 1999. A queda, contudo, não o deixou amargurado. "Para ele, é apenas parte da vida que escolheu", diz Greco. Agora, aos 80 anos, debruça-se sobre a criação da empresa de investimentos Garantia Capital ao lado de novos sócios, o economista André Perfeito e Marcelo Bragaglia, ex-CEO da fintech Scalable. Entre baforadas no inseparável cachimbo, segue em busca de outra chance de voltar ao topo. ■

“PAULO GUEDES SERIA O NOSSO MILEI”

O ex-ministro da Economia do governo Bolsonaro, Paulo Guedes, seria o único capaz de replicar, no Brasil, o profundo corte de gastos implementado pelo presidente Javier Milei na Argentina para ajustar as contas públicas. É o que diz Luiz Cezar Fernandes, que foi sócio de Guedes na fundação do Banco Pactual, atual BTG Pactual, nos anos 1980. Veja os principais trechos da entrevista concedida por Fernandes a VEJA.

Como o senhor avalia o governo Lula? O Partido dos Trabalhadores, que gosta muito de gastar, não admite que teremos um grave problema de dívida pública em 2027. O arcabouço fiscal é um natimorto. Nunca será cumprido, porque deixou muitas brechas para o governo gastar por fora da meta. É uma proposta que serviu apenas para enganar os trouxas.

Como o país pode sair da crise fiscal? Talvez, em 2027, haja uma chance. Qualquer que seja o presidente eleito, terá que dar um jeito, porque o mercado não financiará mais uma dívida desse tamanho. Nossos governantes, do PT até Bolsonaro, seguiram a social-democracia, que vive de dar migalhas aos pobres, como o Bolsa Família. É um modelo que precisa ser repensado.

Deveríamos seguir o caminho de Javier Milei na Argentina? O único que poderia fazer isso é o ex-ministro da Economia Paulo Guedes, caso fosse presidente. Não temos políticos que cumpram esse papel hoje. Estou pessimista com as nossas chances de mudança. O próximo governo será uma cópia deste. Pode ser um pouco mais à esquerda ou um pouco mais à direita, mas tanto faz.

A passagem de Guedes pelo governo frustrou o senhor? Ele fez o possível, porque o governo Bolsonaro era fraco, aliou-se à social-democracia no Congresso para manter o poder e permitiu o orçamento secreto. Não tinha como emplacar um projeto reformista.

A meritocracia era a base dos bancos Garantia e Pactual, que o senhor fundou. Ela incentiva executivos a cometer fraudes para melhorar os próprios bônus? Isso não tem nada a ver com a meritocracia. Se bem-feita, ela estimula que todos se fiscalizem para não fazer besteira. A maioria das empresas se diz meritocrática, mas não é. Alguém no topo sempre usa seu poder imperial para privilegiar aliados e punir desafetos ao distribuir os bônus.

Na sua biografia, o senhor diz que devemos ter muitos sonhos. Quais são os seus? Voltar a ter um banco. Enquanto isso, faço outra coisa de que gosto: reestruturar empresas encrencadas.

UM APERTO SÓ

A dor de cabeça da gafe pela qual será sempre lembrado no Brasil é um grão de areia perto da tormenta vivida por Merz, o chanceler alemão — que não é o único europeu a sofrer no poder

CAIO SAAD

SEM SUTILEZA Merz, o colecionador das frases polêmicas: missão de colocar a economia do país de volta nos trilhos

MICHAEL KAPPELER/PICTURE-ALLIANCE/AFP

Quem nunca tinha ouvido falar em Friedrich Merz, que há seis meses ocupa a cadeira de chanceler da Alemanha, foi apresentado à figura longilínea que tem as rédeas da maior economia da Europa depois que, ao deixar a COP30, em Belém, ironicamente perguntou ao grupo que o acompanhava se alguém ali sentiria falta "daquele lugar". Mexeu, claro, com os brios nacionais, os quais o presidente Lula tratou de defender, no encontro do G20, no sábado 22, na África do Sul. "Ele deveria ter ido a um boteco", cutucou o brasileiro, informando que, em viagem a Berlim, não deixa de comer um bom chucrute. Não satisfeito, Merz, que vem revelando pouco jogo de cintura para encarar as sutilezas do cargo, cometeu novo deslize em passagem por Angola. "Não achei um pedaço decente de pão por lá", soltou. Já conhecido pelo vasto repertório de gafes, o alemão anda às voltas com enroscos de maior magnitude, enredado em uma crise econômica que não dá sinais de ceder e patinando em baixa popularidade, o que faz dele um líder fraco — um mal, aliás, que assombra outros governantes no continente europeu.

Desde a largada, a vida vem se provando dura para o chanceler. Foram necessárias duas votações, algo inédito, para que conseguisse o mínimo de votos para tecer uma coalizão cuja plataforma era revitalizar a economia, baqueada primeiro pela pandemia, depois pela guerra na Ucrânia. Celebrada por décadas como o caso maior de sucesso europeu, aliando o dinamismo do livre mercado a um generoso Esta-

ines249

HENRY NICHOLLS/AFP

ANTOINE GYORI/CORBIS/GETTY IMAGES

SÓ MUDA O ENDEREÇO Starmer *(à esq.)* e Macron: crises que se arrastam e popularidade em queda livre

do de bem-estar social, a Alemanha é o único membro do G7, o grupo dos mais ricos, cujo PIB não cresceu nos últimos dois anos — e deve fechar 2025 aos trancos e barrancos, com um avanço de modesto 0,2%. Para reverter o quadro, Merz já avisou que o governo pretende expandir sua dívida pública, projeto que, para muitos economistas, não passa de uma “maquiagem” incapaz de promover a tão aguardada guinada. “Altos custos de energia, falta de mão de obra qualificada e queda de competitividade estão deixando a economia alemã na corda bamba”, alerta Geraldine Dany-Knedlik, do Instituto Alemão para Pesquisa Econômica.

No final de agosto, Merz decidiu mexer no vespeiro dos direitos adquiridos, ao declarar que o Estado de bem-estar social, que é exemplo para o mundo, não mais se sustenta. Apelou então para um “outono de reformas”, que não levou a lugar nenhum diante do risco de tomar medidas que acabariam por podar benefícios de uma população que dá claros sinais de insatisfação. Pesquisas situam Merz na desconfortável posição de um dos mais impopulares chanceleres alemães, com aprovação de 25%. Pior: apenas 18% querem vê-lo tentar uma reeleição. O que torna sua posição ainda mais frágil são as discordâncias internas em sua própria base de apoio, de matizes ideológicas diversas. Enquanto a União Democrata Cristã, à qual é filiado, é de centro-direita, o Partido Social Democrata da Alemanha está mais à esquerda. São ao todo doze siglas que compõem um delicado equilíbrio — se mesmo uma das pequenas resolve debandar, o governo se põe em risco.

O caso de Merz é parte de um fenômeno mais amplo, que atinge nações europeias em maior ou menor grau. As grandes estão suando para crescer em meio a um mar de indicadores que batem recordes negativos. A dívida pública da França nunca foi tão alta, equivalente a 115% do PIB. E, tal qual seu par alemão, o presidente Emmanuel Macron sofre com minguada popularidade e exígua margem de manobra. Os franceses até já se habituaram ao troca-troca de primeiros-ministros, que não se sustentam por não conseguir emplacar nada em uma Assembleia Legislativa que faz maciça oposição ao governo. O atual, Sébastien Lecornu, foi reconduzido ao cargo inacreditáveis quatro dias depois de pedir demissão, mas segue aos trancos e barrancos, tentando passar no Senado, até o fim do ano, o já desidratado orçamento de 2026. A mais doída derrota de Macron, porém, foi a marcha a ré que precisou dar na reforma da previdência que aprovou, suspensa até 2028. Era o seu maior feito desde que se alojou no Palácio do Eliseu, em 2017.

Do outro lado do Canal da Mancha, as águas não estão menos turbulentas. O primeiro-ministro do Reino Unido, Keir Starmer, do Partido Trabalhista, viu sua popularidade virar pó desde julho de 2024, quando assumiu o leme embalado por extraordinários 61%. Agora, estacionou em 17%. Com os ingleses sentindo no bolso os efeitos de uma economia ainda sob o impacto do Brexit, a saída da União Europeia, em 2020, também ele não tem força para tirar do papel as medidas necessárias para uma virada. “O governo diz que uma mudança significativa não acontece da noite para o dia, mas um ano depois da posse já deveria ter começado”, avalia o cientista político Matthew Barnfield, da Queen Mary University. Se as eleições fossem hoje, os trabalhistas perderiam para o Reform UK, de Nigel Farage, o expoente de uma ultradireita que ganha fôlego por toda a Europa. Para completar a tempestade perfeita, ministros em série têm se enredado em escândalos. E o coro para a saída de Starmer se torna cada vez mais audível. Como se vê, a vida dos líderes europeus não anda nada fácil. ■

A PAZ BOMBARDEADA

Após o cessar-fogo em Gaza, que ajudou a baixar a tensão no enclave, agora a violência bate recorde na Cisjordânia, o outro território palestino

AMANDA PÉCHY

A POSTOS Exército de Israel de prontidão na Cisjordânia: colonos estão avançando de forma ilegal por lá

ZAIN JAAFAR/AFP

DEPOIS do cessar-fogo selado há um mês na Faixa de Gaza, onde não havia dia sem bombardeios por parte de Israel após os ataques terroristas do Hamas em outubro de 2023, a tensão baixou, embora a toda hora apareçam evidências de violação do trato de parte a parte. Ainda que o percurso rumo à paz duradoura seja longo e incerto, a ajuda humanitária voltou a entrar no devastado enclave, e o Conselho de Segurança da ONU deu sinal verde para os próximos passos do plano que mira o futuro do estreito naco às margens do Mar Mediterrâneo. Mas, como nada parece apaziguar os ânimos nessas bandas do Oriente Médio, agora é na Cisjordânia, o outro território palestino logo ali, sob ocupação militar de Israel, que a violência escala a níveis nunca antes registrados até mesmo para os elevados padrões locais. Grupos de colonos judeus, que vivem em assentamentos ilegais aos olhos do direito internacional, vêm vandalizando plantações de oliveiras, maior fonte de sustento local, e invadindo cidades na base do quebra-quebra e da bala.

Segundo um termômetro da ONU que há duas décadas mede os níveis de violência nesse território de 3,3 milhões de habitantes, onde fica baseada a enfraquecida Autoridade Palestina, foram 264 ataques em outubro, um triste recorde. Pode intrigar o fato de a poeira ter relativamente (e bota relativamente nisso) assentado em Gaza e a temperatura estar subindo justamente neste momento na Cisjordânia. Mas os dois movimentos estão conectados. Ao assinar

ZAIN JAAFAR/AFP

REVOLTA Protesto da população nas ruas: bandeiras contra a ocupação

o cessar-fogo proposto pelos Estados Unidos, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu desagradou a ala da ultradireita religiosa que sustenta sua coalizão.

Deixar que o radicalismo dos colonos avance na Cisjordânia seria, portanto, um aceno a esses aliados que não querem saber do fim da guerra, muito menos das conversas em torno de dois Estados. “Setores da ultradireita que mantêm o governo de Netanyahu de pé estão insatisfeitos, e as operações sem qualquer freio oficial na Cisjordânia são uma espécie de concessão a eles”, avalia Mairav Zonszein, do think tank International Crisis Group. Só para lembrar, ministros da aliança do premiê despontaram como líderes de assentamentos na Cisjordânia, área tida como estratégica ao projeto de expansão territorial que eles não escondem cultivar.

O Exército israelense, o IDF, nega apoio à banda radical dos colonos e alega que ações violentas como as que tanto têm se visto são “iniciativas não autorizadas”. Uns dias atrás, o próprio Netanyahu lançou a responsabilidade pelos ataques no colo de “uma minoria que não representa a grande maioria na Cisjordânia, respeitadora da lei e leal ao Estado”. Também garantiu que vai combater e punir os agressores, promessa cercada de justificável ceticismo: segundo recente levantamento, apenas uma de cada vinte investigações sobre ataques de tal natureza se desdobra em acusações concretas. Em paralelo, de acordo com dados da ONU, crescem as operações encabeçadas pelas Forças Armadas israelenses que acabam em mortes. No último dia 15, dois adolescentes perderam a vida baleados em meio a uma delas, supervisionada pelo ministro da Segurança Nacional, Itamar Ben-Gvir, virulento líder colono de passado controverso. Incursões contra o que Israel classifica como redutos terroristas tornaram-se campanhas prolongadas que arrasam bairros inteiros e já provocaram o deslocamento de quase 40 000 palestinos desde janeiro.

Os colonos avançam há décadas sobre amplas zonas da Cisjordânia. E isso vem se exacerbando nos últimos tempos, com a construção de mais de 100 quilômetros de novas estradas, exclusivas para israelenses, e o início de um projeto para pôr de pé 4 000 casas para abrigá-los. Li-

OHAD ZWIGENBERG/AP/IMAGEPLUS

NÃO É COMIGO Netanyahu: a tática é seguir fazendo vista grossa

derado por Bezalel Smotrich, o ultradireitista ministro das Finanças, o plano, batizado de E1, prevê abocanhar mais 18% do território que Israel ilegalmente ocupa desde 1967 e onde o número de israelenses só se multiplica — quintuplicou de 1990 para cá, chegando a 700 000. Os palestinos vivem ali sem direito à cidadania e na dependência do aval de Israel para se locomover.

Se o plano de Smotrich se concretizar tal qual arquitetado, eles ficarão espremidos em seis bolsões sem comunicação entre si, o que dissolve as já poucas esperanças de um Estado palestino. "Netanyahu permite que seus parceiros extremistas ditem as regras na Cisjordânia, apostando em uma tomada informal dos territórios, situação em que não se compromete e não irrita seu maior aliado, os Estados Unidos”, afirma o historiador Michel Gherman, da UFRJ. De fato, tudo o que o presidente Donald Trump não quer agora é mais uma contenda sem fim, o que sepultaria o avanço dos Acordos de Abraão, cujo objetivo é normalizar a relação entre Israel e Estados árabes, trazendo aos americanos bilionárias oportunidades.

Nos anos 1990, aquele quinhão de terra entre a Jordânia e Israel foi repartido em áreas classificadas como A, B e C, conforme previsto nos Acordos de Oslo. Havia regras bem definidas para cada uma, das quais os israelenses vêm se desviando com cada vez mais frequência e força militar. A área A, sobre a qual a Autoridade Palestina deveria ter controle total, passou a obedecer à mesma lógica da C, dominada por Israel. “A escalada contra a Cisjordânia faz parte de um projeto antigo, mas se encaixa bem na estratégia atual de Netanyahu de manter conflitos vivos para se perpetuar no poder”, avalia Thair Abu Ras, do Middle East Institute. No domingo 23, um ataque israelense contra Beirute eliminou o chefe militar da facção libanesa Hezbollah, elevando a fervura exato um ano após o cessar-fogo com o Líbano. E assim, de bomba em bomba, a tal da paz duradoura mais parece uma miragem no horizonte do explosivo Oriente Médio. ■

VALMIR MORATELLI

Com reportagem de Giovanna Fraguito

AGITANDO BANDEIRA

INSTAGRAM @ESTIANOMARJORIE @GUILHERMELIMA

Depois de aceitar viver a socialite Ângela Diniz na recém-lançada série da HBO Max, **MARJORIE ESTIANO,** 43 anos, conta que começou a refletir sobre o seu próprio papel como mulher, jogando-se no terreno das altas filosofias. “Ela buscava o prazer imediato e foi julgada por isso. Somos todos machistas em algum grau”, reflete a atriz, que diz ter sido dolorosa a maratona de gravações às voltas com tema tão pesado. O enredo trágico de *Ângela Diniz: Assassinada e Condenada*, que relata a história que acabou na morte dela pelo namorado, Doca Street, em 1976, a fez estudar o feminismo a fundo. Mas as revoluções, diz Marjorie, não pararam por aí. “Passei a trabalhar mais o meu corpo e virei até flexitariana, reduzindo em 80% o consumo de carne na alimentação”, diz ela, que, dada a agitar uma bandeira, esclarece que tudo isso “interfere drasticamente no coletivo”.

CINDY ORD/GETTY IMAGES

SEM SEGREDOS

Morando em Los Angeles há sete anos com a família, **WAGNER MOURA,** 49, que anda rodando o Brasil em turnê da peça norueguesa *Um Julgamento,* se mantém firme na missão de divulgar *O Agente Secreto*, o longa de Kleber Mendonça Filho cotado ao Oscar. Ele segue o percurso já trilhado pela amiga Fernanda Torres, estrela de *Ainda Estou Aqui,* laureado como melhor filme internacional. Já escolada, ela recomenda: “Que Wagner se alimente bem, durma. É uma maratona, mas ele é baiano, leva na boa”. Diante do conselho, muito bem acolhido, o ator fez apenas uma ressalva. “Se vencer, quero festa, clima de Copa do Mundo, todo mundo nas ruas”, disse ele a VEJA.

NUNCA ANTES NESSA CIDADE

Ao ser eleito prefeito de Nova York, o democrata Zohran Mamdani, 34 anos, muçulmano nascido em Uganda que se autoproclama socialista, já fez história pela coleção de ineditismos. Discreta a seu lado, sempre está a agora primeira-dama **RAMA DUWAJI,** também ela de currículo diverso de suas antecessoras: aos 28, a mais jovem a ocupar a função é artista admirada pela onipresente geração Z. Filha de sírios, chama atenção pelas ilustrações inspiradas no mundo árabe que enaltecem o ângulo feminino. O casal, que se conheceu em um aplicativo de namoro e celebrou a união no início do ano com um curioso passeio de metrô por Manhattan, se derrama em elogios mútuos. "Rama não é apenas minha esposa, é uma profissional incrível que merece ser reconhecida por seus próprios méritos", disse Mamdani. "Não poderia estar mais orgulhosa dele", devolveu ela.

INSTAGRAM @RAMADUWAJI

nes249

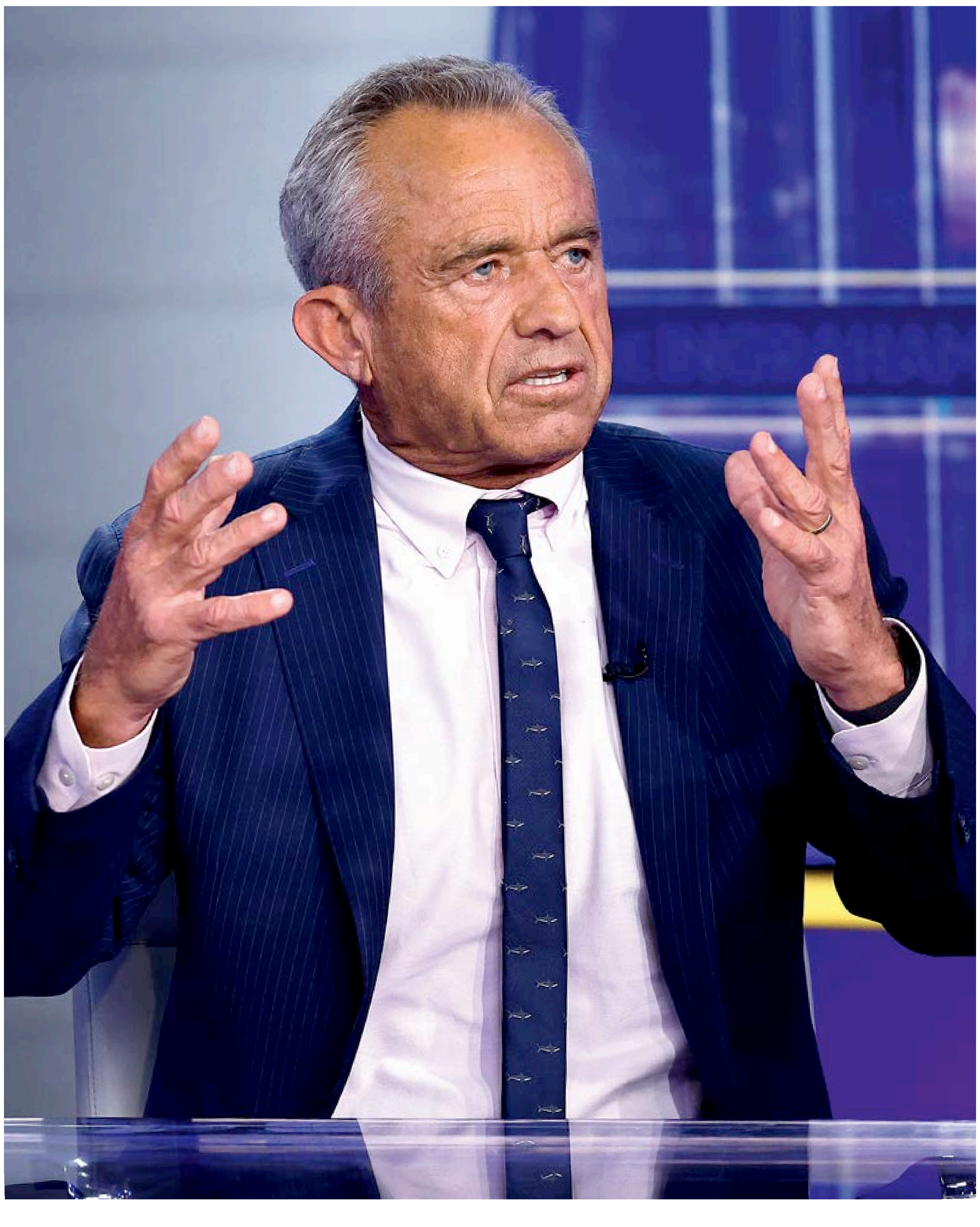
JIJI PRESS/AFP

APOSTA DE PESO

Após escapar por um fio do alistamento militar quando seu país foi invadido pela Rússia, em 2022, o ucraniano **DANYLO YAVHUSISHYN,** 21 anos, resolveu apostar as fichas em uma vida nova como imigrante em uma nação de cultura inteiramente diferente – o Japão, do qual não sabia nem mesmo o básico do idioma ao se mudar. Com seu 1,83 metro de altura e 140 quilos, logo chamou a atenção do lutador de sumô Arata Yamanaka, com quem fez amizade e passou a dividir uma casa. Como uma coisa leva à outra, foi tomando gosto pelo esporte e, em pouco tempo, alcançou as divisões superiores. Essa semana, Danylo chegou ao alto do pódio, tornando-se o primeiro de sua nacionalidade a vencer um torneio da luta dominada milenarmente pelos japoneses. “Estou feliz, mas quero chegar a um patamar ainda mais alto”, diz, já de olho no campeonato mundial.

PERDOA-ME POR TE TRAIR

Saiu um daqueles livros nos Estados Unidos que sacodem as rodas de poder pelo teor das fofocas que revelam. Na autobiografia *American Canto,* a jornalista Olivia Nuzzi, 32 anos, conhecida pelo acesso privilegiado a figurões do partido Republicano, conta que teve um tórrido romance com **ROBERT F. KENNEDY JR.,** 71, atual secretário da Saúde do governo Donald Trump, então casado com a atriz Cheryl Hines, a quem ironicamente chama de "o político". Isso teria ocorrido enquanto ela própria era noiva do também jornalista Ryan Lizza, outro com trânsito nas rodas de Washington. "Naquela época, não escrevi diretamente sobre essa pessoa nem a utilizei como fonte", garantiu ela, referindo-se a Kennedy Jr., em recente entrevista. Vendo o passado sob os holofotes, Ryan, seu ex, não perdoou e relatou outra traição de Olivia, desta vez com o ex-candidato à presidência Mark Sanford. E ninguém se pronunciou. ■



PAUL MORIGI/GETTY IMAGES

AMEAÇA SORRATEIRA

Nem o álcool nem os vírus por trás da hepatite. Agora, o maior inimigo do fígado é o acúmulo de gordura no órgão, um processo silencioso capaz de levar o corpo ao colapso e cuja solução engloba de mudanças de hábitos a novos tratamentos

PAULA FELIX

3DMEDISPHERE/SPL/AFP

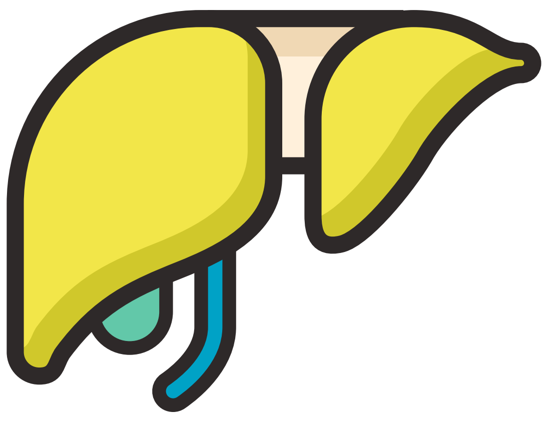
SILENCIOSA Sem sintomas: pacientes podem passar até décadas sem manifestações de lesões no órgão

O nome é complicado, mas é bom conhecê-lo. Doença hepática esteatótica associada à disfunção metabólica — ou MASLD, na sigla derivada do inglês. Foi assim, com alcunha cientificamente estrondosa, que os especialistas rebatizaram o que popularmente se chamava "gordura no fígado". Não se trata de mero detalhe técnico. A mudança se justifica pela melhor compreensão de um quadro muito mais complexo e perigoso do que se imaginava. Uma ameaça que está ganhando proporções epidêmicas. A MASLD já é o problema hepático mais prevalente em todo o mundo, afetando quase 40% da população. A ponto de estar ultrapassando o abuso de álcool e as hepatites virais como a maior causa de cirrose e câncer no fígado. O desafio é que, embora pegue carona na expansão da obesidade, a condição pode passar anos sem dar sintomas, sendo descoberta quando já existem lesões no órgão e outras desavenças em curso.

O fígado é a maior glândula do corpo, atuando na desintoxicação do organismo, no processamento dos remédios e na produção de dezenas de substâncias, que vão do colesterol às proteínas da coagulação do sangue. A exemplo de outros órgãos, não está imune ao depósito de gordura entremeada na região abdominal, o que se agrava com uma alimentação ancorada em ultraprocessados, o sedentarismo e o estresse. Mas essa gordura não é uma camada estática. Ela propicia um processo inflamatório que, caso não seja contido, mata células, forma cicatrizes (a fibrose) e, nos estágios mais críti-

A DIMENSÃO DO PROBLEMA

A doença hepática esteatótica associada à disfunção metabólica pode evoluir para falência do fígado e morte



QUASE 40%

DA POPULAÇÃO GLOBAL

É AFETADA POR ESSA CONDIÇÃO CRÔNICA NO FÍGADO

O QUE É

ACÚMULO DE GORDURA NO ÓRGÃO — ESTÁ LIGADO A ALTERAÇÕES NO METABOLISMO, COMO OBESIDADE E DIABETES TIPO 2

FATORES DE RISCO

- ✓ Obesidade ou sobrepeso
- ✓ Colesterol e triglicerídeos altos
- ✓ Resistência à insulina (pré-diabetes ou diabetes tipo 2)
- ✓ Hipertensão

ines249

CONSEQUÊNCIAS MAIS GRAVES

- Inflamação e lesões no fígado
- Fibrose (cicatrizes no órgão)
- Insuficiência hepática
- Cirrose e câncer
- Doenças cardiovasculares

SINTOMAS

- Não costumam aparecer
- Alguns pacientes têm cansaço, mal-estar ou desconforto na região superior e à direita do abdome
- Na forma grave, amarelamento da pele e dos olhos, coceira intensa e acúmulo de líquido nos tornozelos

Fontes: *Associação Americana para o Estudo de Doenças do Fígado; Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e Síndrome Metabólica (Abeso); Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (Sbem); Sociedade Brasileira de Hepatologia* cos, evolui para cirrose, câncer e falência hepática. Não só: pessoas que convivem com a MASLD estão mais sujeitas a doenças cardiovasculares.

Um estudo recente revela que a incidência da esteatose hepática, outro apelido do quadro, aumentou 50% pelo planeta entre 1990 e 2019. A situação é particularmente alarmante na América Latina, Brasil incluído na conta, onde o índice de cidadãos com a condição chega a 44% da população. “É a região onde também se concentram os diagnósticos de casos mais avançados”, afirma a médica Cynthia Valério, presidente eleita da Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e Síndrome Metabólica (Abeso). Estilo de vida, predisposição genética e vulnerabilidade social — que influencia uma dieta inadequada, por exemplo — estariam associados à disseminação do colapso hepático.

O acúmulo de gordura no fígado, ressalte-se, é intimamente ligado ao excesso de peso. Daí o cenário preocupante no país, onde 68% da população se encontra com índice de massa corporal (IMC) elevado e 31% já receberia o diagnóstico de obesidade. “De todas as gorduras acumuladas fora de lugar, a com maior potencial de deixar um órgão doente é aquela que se deposita no fígado”, diz o hepatologista João Marcello de Araujo Neto, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Antes que se pense que a esteatose é uma sentença catastrófica, cabe esclarecer que nem todas as pessoas com o quadro vão chegar aos estágios mais graves. “Estimamos que 80% dos indivíduos com gordura no fígado não vão

ANTONIO_DIAZ/GETTY IMAGES

RECEITA Exercícios regulares: centrais para prevenção e controle, ao lado de ajustes na dieta

desenvolver fibrose", afirma Araujo Neto. Isso não significa que as coisas estejam totalmente tranquilas para eles. Um dos motivos é que essa condição costuma andar de mãos dadas com outras alterações, como diabetes e aumento nos níveis de triglicérides, que colocam outros cantos do organismo em risco. E, se considerarmos que a obesidade é uma realidade para 1 bilhão de pessoas no globo e quatro em cada dez adultos desenvolvem esteatose hepática, mesmo a "minoria" que evoluiria para níveis mais severos, como a cirrose, representa milhões de indivíduos. Um horizonte que só deve se agravar: a projeção é que, em cinco anos, quase metade da população mundial esteja acima do peso.

A discussão sobre esse novo e traiçoeiro mal é recente e culminou na troca de nomenclatura após reuniões e debates entre os experts, que buscavam, inclusive, eliminar possíveis estigmas associados a ele. Antes chamada de doença hepática gordurosa não alcoólica, a MASLD busca deixar claro no nome que é um fenômeno ligado a descompassos no metabolismo desencadeados por hábitos pouco saudáveis. Sua ascensão para o topo das causas de ruína hepática se deu após dois movimentos positivos. Primeiro: o maior controle das hepatites virais, com a vacinação contra o tipo B e a chegada de tratamentos mais eficazes para o tipo C, hoje fornecidos gratuitamente no Brasil. O segundo elemento foi a diminuição no consumo excessivo de bebida alcoólica. O recente panorama do Centro de Informações sobre Saúde e Álcool (Cisa), divulgado em novembro, indicou queda de 13% nos óbitos por razões etílicas na população até 54 anos no período de 2010 a 2023, ainda que a faixa acima dos 55 anos tenha protagonizado um aumento nos números. A maior conscientização sobre os malefícios do álcool se somou ao cerco da medicina moderna contra a hepatite C, cuja incidência caiu 53% entre 2017 e 2021 no país. “Se voltarmos dez ou quinze anos atrás, veremos que todo episódio de fibrose hepática era relacionado ao vírus da hepatite e ao álcool. Agora a maioria tem a ver com

ines249

COMO EVITAR E TRATAR

Mudança de hábitos está na base das estratégias contra o fígado gorduroso

PERCA PESO

TENHA UMA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL, COM PREPONDERÂNCIA DE VEGETAIS E MODERAÇÃO NOS CARBOIDRATOS REFINADOS

PRATIQUE ATIVIDADE FÍSICA REGULARMENTE

CONTROLE GLICEMIA, COLESTEROL E PRESSÃO ARTERIAL

EVITE BEBIDAS ALCOÓLICAS, BEM COMO AS ARTIFICIAIS ADOÇADAS

uma condição relacionada ao excesso de peso", diz o médico Rodrigo Moreira, da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (Sbem).

À medida que a MASLD ganhou proeminência como causadora e agravante de mazelas não só no fígado, cresceu o interesse dos profissionais de saúde por formas mais assertivas de diagnosticar, monitorar e deter a doença. Mesmo que o quadro evolua silenciosamente, hoje é possível levantar suspeitas ou detectar os danos hepáticos por meio de exames de sangue e imagem. O método considerado padrão-ouro é a elastografia por ultrassom ou ressonância, que analisa em detalhes o grau de gordura no órgão. Na ausência desse exame, uma forma de inferir o perigo é realizar um cálculo que os especialistas conhecem como FIB-4. "É uma fórmula em que colocamos a idade do paciente, valores de enzimas hepáticas e a dosagem de plaquetas para checar a probabilidade de ele ter fibrose no fígado", explica Moreira, um dos autores da diretriz nacional de MASLD.

A compreensão do estágio em que o quadro se encontra tem como foco não só evitar o agravamento, mas conduzir o paciente a novos hábitos de proteção. "Já se sabe que da esteatose até a fase inicial de fibrose, o paciente passa a apresentar maior propensão a problemas cardiovasculares, como infarto, insuficiência cardíaca e acidente vascular cerebral", afirma Valério. Isso quer dizer que a presença de gordura dentro do abdômen reflete a que ameaças estão sujeitas as artérias e o coração. Apesar dos riscos em jogo, uma das maiores dificul-

TATSIANA VOLKAVA/GETTY IMAGES

APOSTA Canetas para perda de peso: efeito positivo já comprovado no fígado

dades atuais em controlar a MASLD reside no fato de ela ainda não ser tão conhecida e valorizada pela população — e, às vezes, entre os próprios médicos não especialistas. Ainda assim, a preocupação tem ganhado escala e começado mais cedo. A discussão está mais madura em países como os Estados Unidos, onde se prevê que o surgimento da gordura no fígado entre crianças e adolescentes — de novo, no encalço da obesidade — possa criar uma geração de adultos que, na meia-idade, estarão com o órgão comprometido. “Como esse é um pro-

ines249

cesso lento, a gente não vê na criança, mas já começa a visualizar no adulto jovem", diz Araujo Neto. Em resumo: quanto mais cedo começa o ganho excessivo de peso, piores as consequências para o fígado e outras redondezas.

Por tudo isso, o emagrecimento costuma ser parte central do tratamento — uma orientação que se estende aos homens e mulheres "magros", mas com barriga protuberante. Ajustes na dieta e prática regular de exercícios físicos são medidas inegociáveis — assim como evitar o álcool e outras drogas capazes de sobrecarregar o fígado. Na ausência, até então, de remédios especialmente desenhados para reparar o órgão, a promessa recaiu sobre as canetas para perda de peso. Estudos com a semaglutida (de Wegovy, o primo do Ozempic) demonstraram redução de 63% nos níveis de inflamação hepática e melhora de 36% na extensão das fibroses. Com esses resultados, nos EUA a medicação de ação semanal foi aprovada para essa finalidade. "A indicação se dirige especialmente àquelas pessoas com maior acometimento do fígado, mas não foram estudados pacientes com cirrose", detalha a hepatologista Cristiane Villela Nogueira, professora da UFRJ e uma das pesquisadoras envolvidas. A expectativa também ronda um novo remédio, chamado resmetirom, já prescrito no mercado americano e o primeiro concebido para domar a esteatose. "Mas a espinha dorsal do tratamento continua sendo mudar a alimentação e se exercitar", enfatiza Cristiane. Uma receita relativamente simples para escapar de um problema sorrateiro. ■

PERIGO INVISÍVEL

Droga menos conhecida da família dos opioides, o ultrapotente e nocivo nitazeno adentrou as baladas do país camuflado em outras substâncias **DUDA MONTEIRO DE BARROS**

ALERTA Nas pistas brasileiras: o consumo do entorpecente, muito usado nos Estados Unidos, traz elevados riscos à saúde

JOHN EDER/GETTY IMAGES

NÃO É DE HOJE que a humanidade busca alívio físico e efeito recreativo nos opiáceos, compostos naturais extraídos da papoula que os sumérios, por volta de 5 000 a.C., já chamavam de “planta da alegria”. Seu látex servia a múltiplos usos, ora para tratamentos terapêuticos, ora para divertir os fundadores da primeira civilização a florescer na Mesopotâmia. Um capítulo fundamental dessa história desenrolou-se milênios depois, no século XIX, quando o isolamento da morfina resultou em uma variante purificada que, pelo alto poder analgésico, revolucionou a medicina. Nos anos 1950 surgiram as versões sintéticas e semissintéticas, desenvolvidas em laboratório, elevando seu impacto a níveis estratosféricos. Não demoraria para que opioides como a heroína, vastamente consumidos pelos militares em meio à Guerra do Vietnã, começassem a ser contrabandeados do Sudeste Asiático para os Estados Unidos, tomando o vulto de uma epidemia que, em maior ou menor grau, extrapola as fronteiras americanas e assombra o mundo.

Muito se fala hoje do fentanil, indicado em salas de cirurgia para aliviar a dor, mas amplamente consumido de forma ilegal por seu efeito ultrarrelaxante, apesar de tão deletério à saúde. Mas agora é um perigo invisível que se infiltra nas pistas e preocupa autoridades brasileiras — o nitazeno, um opioide sintético que jamais foi aprovado e tem potência até quarenta vezes superior à do fentanil. Recém-descoberta como bom negócio por quadrilhas internacionais, tal substância já provocou nos últimos anos pelo menos 200 mortes nos

SBPC

BINGO Investigação na Unicamp: havia o analgésico em 95% das amostras

Estados Unidos e na Europa, sem contar óbitos não diretamente atribuídos a ela. No Brasil, a primeira apreensão foi em 2023, em um laboratório desmantelado pela Polícia Federal na Região Metropolitana de São Paulo, que ali encontrou a droga trazida ilegalmente da Ásia. Daí se desencadeou um amplo estudo científico, encabeçado por pesquisadores da USP e da Unicamp, que examinou 140 amostras de drogas coletadas pela PF. E não deu outra: 95% delas continham o viciante nitazeno, um dado expressivo que impressionou a equipe envolvida na investigação.

O que torna esse entorpecente particularmente traiçoeiro é justamente o fato de ser adicionado a drogas como cocaína, ecstasy e canabinoides sintéticos sem que o usuário tome conhecimento de sua presença. Ele é silenciosamente acrescido às outras substâncias em forma de pó e vendido por traficantes na noitada de capitais brasileiras, como Rio de Janeiro e São Paulo.

Embora em doses mínimas possa trazer um misto de euforia e bem-estar, aplacando a ansiedade, é para lá de nocivo pelo risco que embute de overdoses e dependência devastadora. A linha fina que separa seu efeito mais leve de um desfecho trágico é tão tênue que já põe em alerta centros de excelência médica a até a ONU, que em um relatório em parceria com o Ministério da Justiça enfatizou a ameaça invisível que ronda sobretudo a turma jovem. "O uso inadvertido de nitazeno é uma preocupação central, pois muitos usuários não sabem estar expostos ao potente opioide", afirmou em nota a VEJA o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime no Brasil (UNODC).

A adulteração feita à base de nitazeno se presta a uma lógica criminosa do mercado. Porções pequenas e baratas da substância se somam a outras drogas mais caras, conferindo-lhes peso e volume. Até em cigarros eletrônicos e em medicamentos falsificados ela já foi detectada. Milhares de doses emergem dessa maldosa engrenagem, impulsionada por seu poder de intensificar os chamados efeitos psicoativos desencadeados pelas alterações químicas que traz ao cérebro. A experiência que proporciona estimula assim o comprador a querer voltar àquele fornecedor, mesmo sem saber estar ingerindo algo tão prejudicial à saúde. "O nitazeno apresenta grande risco de efeitos colaterais ainda que em baixas doses", afirma Maria Amália Pedrosa, coordenadora do ambulatório de álcool e drogas do Hospital das Clínicas da USP.

O inimigo oculto — adicionado a outras drogas que, não custa lembrar, oferecem seus próprios riscos — é difícil de combater. Como felizmente não há no Brasil cultura disseminada de opioides, seus sinais no corpo, onde eles fazem desacelerar a atividade cerebral causando lentidão ao organismo, não costumam ser reconhecidos pelos usuários. Também os profissionais da saúde têm dificuldade de fazer o correto diagnóstico e iniciar o tratamento com a urgência necessária. "É preciso estar em alerta para reconhecer os efeitos do nitazeno em um paciente", reforça José Luiz Costa, coordenador executivo do Centro de Informação e Assistência Toxicológica de Campinas. Outro desafio é de ordem logística: a naloxona, antídoto para overdose de substâncias de tal natureza, não raro exige múltiplas aplicações, e o estoque nem sempre é suficiente. Meses atrás, foi oficialmente registrada a primeira internação por consumo de nitazeno no país, no Hospital de Clínicas de Campinas. A droga estava camuflada em um comprimido de ecstasy. São alertas preocupantes. Se uma crise na saúde, tal qual nos Estados Unidos, é cenário ainda longínquo, a presença de um opioide tão potente nas pistas brasileiras merece toda a atenção. ■

DIVULGAÇÃO/PF

PÓ INFERNAL
Apreensão da polícia: remessa ilegal despachada da Ásia

CAMPO CONGESTIONADO

Com a participação de 48 seleções, e não mais 32, a Copa de 2026 terá países sem nenhuma tradição — bom para os negócios, ruim para o futebol **NATALIA TIEMI HANADA**

COMO UM TÍTULO Celebração dos jogadores de Curaçao: população de 160 000

STATSports
I AM CURAÇAO

RICARDO MAKYN/AFP

O INCHAÇO da Copa do Mundo de 2026, que será realizada simultaneamente nos Estados Unidos, México e Canadá entre 11 de junho e 19 de julho do próximo ano, é a notícia mais estridente antes de a bola rolar. Serão 48 seleções — e não as habituais 32, como ocorre desde 1998. Haverá 104 partidas — até agora, eram 64. A disputa atravessará 38 longuíssimos dias. O crescimento do torneio cumpre, como destino atávico, por imposição financeira e política, uma ideia do brasileiro João Havelange, que presidiu a Fifa de 1974 a 1998, e pretendia fazê-la mais forte e mais influente do que a ONU. Não há dúvida, quanto mais jogos, mais dinheiro em caixa, atrelado a propaganda e direitos de transmissão. No ciclo do Catar, em 2022, houve a arrecadação de 40 bilhões de dólares. Estima-se, agora, algo em torno de 60 bilhões de dólares no caixa. Considere-se, por óbvio, os benefícios para a gangorra de interesses dos membros da entidade mandachuva da bola: todos os 211 filiados são eleitores, e quem tem voto tem poder.

Ao anunciar a ampliação, o presidente da Fifa, o italiano Gianni Infantino, disse ter deflagrado a “Copa mais inclusiva de todos os tempos”, ao permitir que países no acostamento da história do esporte tivessem alguma chance. É louvável, em iniciativa que poderia ser aplaudida, por democrática, mas os estertores das Eliminatórias, na semana passada, entregam um desenho diferente. São 42 escretes já classificados — os seis restantes serão definidos nas repescagens de março. Tem espaço para outros quatro europeus,

ines249

JOGO INVERTIDO

Algumas das seleções na rabeira do ranking da Fifa ***já garantidas na Copa...***

66º	*JORDÂNIA*	✓
68º	*CABO VERDE*	✓
82º	*CURAÇAO*	✓
84º	*HAITI*	✓

...e outras de destaque ***que podem ficar de fora,*** *se caírem na repescagem de março*

12º	*ITÁLIA*
22º	*DINAMARCA*
25º	*TURQUIA*
31º	*POLÔNIA*

depois de um minicampeonato com dezesseis times. Lutam por outras duas vagas Bolívia, Iraque, Jamaica, Nova Caledônia, República Democrática do Congo e Suriname.

Mas, enfim, do ponto de vista do interesse, qual o problema de a porta ter sido escancarada para tanta gente? Estarão lá, é líquido e certo, nações como Cabo Verde (560 000 habitantes, 68º do ranking), Curaçao (população de 160 000 cidadãos, 82º do ranking) e o Haiti (destroçado, em permanente guerra civil, forçado a fazer os jogos na vizinhança, em outros pontos do Caribe, 84º do ranking). Em contrapartida, gigantes como Itália (12º), Dinamarca (22º) e Turquia (25º) ainda brigam por um lugar ao sol. Dá-se, então, uma bizarrice, que, se não é o fim dos tempos, longe disso, autoriza algum desconforto: a fase inaugural de grupos terá duelos bem menos interessantes do que a repescagem da Europa.

Some-se a isso ainda incômodas situações. É o caso do Haiti, insista-se, que chega pela segunda vez à elite, depois de ter participado do Mundial de 1974, e pode viver um estorvo. Caso o sorteio ponha a seleção haitiana para jogar nos Estados Unidos, os torcedores não poderão entrar em território americano, por terem a entrada barrada por decisão do governo de Donald Trump. Os jogadores receberão uma isenção migratória especial, como também acontecerá com a turma do Irã.

O desequilíbrio, portanto, virou assunto. “Temos que repensar as coisas”, reclamou o treinador italiano Carlo Gattuso. “Olhando a tabela sul-americana, seis se classificam diretamente e o sétimo ainda tem alguma chance, é uma discrepância decepcionante.” Ele tem alguma razão: na Europa, apenas 30% das equipes avançam. O goleiro argentino Dibu Martínez retrucou: “Os europeus jogam em gramados perfeitos, há complexidades na América do Sul que não existem na Europa”.

MENTOR DAVID LORENS/EFE

SEM CASA Comemoração nas ruas de Porto Príncipe, no Haiti: time forçado a jogar em ilhas da vizinhança, no Caribe

Os pequenos já garantidos, e que não estão nem aí para análises desse tipo, receberam verba da Fifa para crescerem e aparecerem no futebol, com instalação de escolas e campos de treinamento. Dando de ombros para as injustiças, saíram às ruas, em festa. Uma onda azul tomou conta de Willemstad, a capital de Curaçao, como se... como se tivessem ganhado a Copa. Em Cabo Verde, foi preciso controlar a euforia no estádio nacional de Praia, a capital, sob risco de punição severa caso os torcedores invadissem o gramado ao apito final, na vitória contra Essuatíni. Personalidades de todas as áreas fizeram campanhas pelas redes sociais debaixo do slogan “Ka Nu Invadi Campo”, em crioulo cabo-verdiano.

As celebrações são comoventes e, de algum modo, apagam qualquer desconforto com a hipótese de má qualidade. É a beleza do futebol — como se vê, aliás, no cotidiano do treinador brasileiro Sylvinho, da Albânia, que faz a primeira partida de mata-mata da repescagem contra a Polônia. Nas ruas ele não pode andar, assediado. É recebido e premiado pelo primeiro-ministro. Virou ídolo improvável. “Estamos próximos de algo grande, mas há ainda muito trabalho a fazer”, disse Sylvinho a VEJA. “A equipe sabe que só chegamos até aqui porque jogamos com alma e coração.” Alma e coração — é o que terão as seleções de tímida presença na Copa dos exageros. ■

AGONIA NO GELO

A fascinante e inédita pesquisa que recuperou o histórico dos momentos finais de um animal pré-histórico que viveu há quase 40 000 anos nos confins da Ásia **LIGIA MORAES**

MEMÓRIAS Representação de um mamute-lanoso: espécimes inteiros resgatados na Sibéria

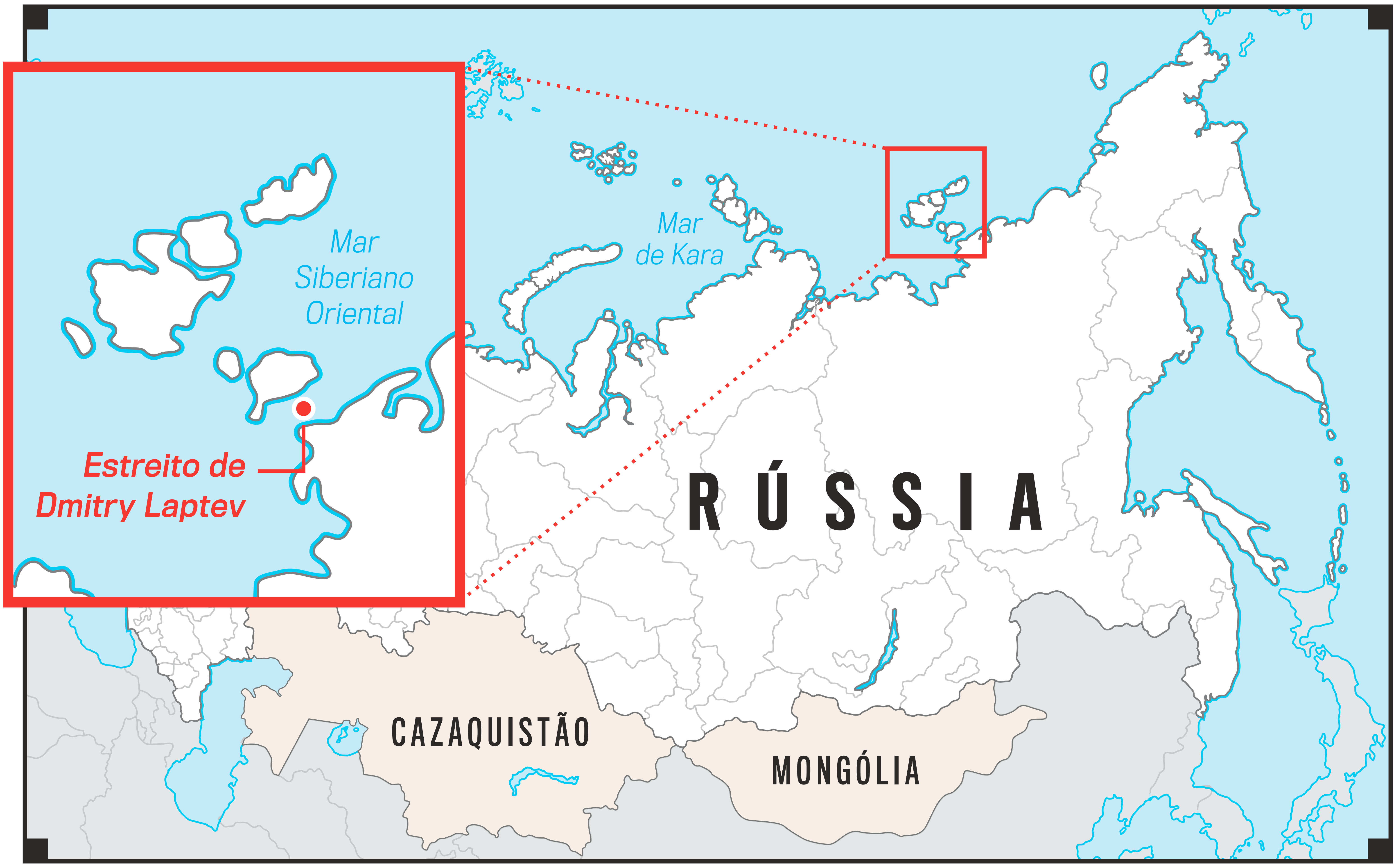
ORLA/GETTY IMAGES

ENTERRADO sob o gelo siberiano há quase 40 000 anos, o corpo de um mamute-lanoso ressurgiu como numa cápsula do tempo. O animal, batizado de Yuka, foi encontrado praticamente inteiro: pele ainda presa aos músculos, tufos de pelo avermelhado, tecido interno preservado e um detalhe raro — muitos de seus órgãos continuavam no lugar. Mas Yuka guardava um último segredo: resquícios de moléculas que registram a vida em movimento. Pela primeira vez na história, cientistas conseguiram recuperar e sequenciar o RNA de um animal tão antigo, um feito considerado improvável até pouco tempo atrás.

Mas por que, enfim, sair atrás do RNA do mamífero? Por registrar processos em andamento, o RNA funciona como um retrato aproximado do que as células estavam fazendo no período final da vida do bicho. Encontrá-lo em boas condições em restos pré-históricos sempre pareceu fantasia. E ainda assim, no interior do corpo congelado de Yuka, fragmentos dessa molécula sobreviveram. A partir de um pequeno pedaço de músculo, os pesquisadores detectaram moléculas relacionadas ao estresse, à contração muscular e ao metabolismo acelerado. Os dados reforçam hipóteses de que Yuka tentou escapar de um ataque de leões-das-cavernas antes de morrer, possivelmente atolado em lama congelada. É o tipo de informação impossível de obter apenas com DNA. “O RNA mostra o que estava acontecendo no corpo do animal na-

O PONTO DA DESCOBERTA

O local onde Yuka, um dos dez espécimes examinados pelos cientistas, foi encontrado


Mar Siberiano Oriental
Estreito de Dmitry Laptev
Mar de Kara
RÚSSIA
CAZAQUISTÃO
MONGÓLIA

quele instante, quase como um registro biológico dos seus últimos momentos”, afirma Emilio Mármol-Sánchez, um dos autores do estudo. A equipe analisou dez mamutes recuperados no Ártico. Nove estavam silenciosos, já sem registro biológico algum. Apenas Yuka, agora celebrado, guardava sinais ativos do metabolismo que pulsava instantes antes de sua morte. “Tivemos uma única chance perfeita com Yuka”, diz Mármol-Sánchez.

A descoberta amplia a fronteira do que se pode recuperar de animais extintos. Até agora, o recorde de RNA mais antigo vinha de um filhote de lobo de 14 300 anos. A sobrevivência do RNA, mesmo que parcial, abre a possibilidade de investigar não apenas a genética dos animais, mas seu funcionamento, sua fisiologia, suas respostas a esforço, frio, fome, medo ou dor. No caso de Yuka, o organismo parecia acionado para a fuga.

Os cientistas também se surpreenderam com outro dado: Yuka, descrito durante anos como fêmea com base em sua anatomia externa, revelou-se geneticamente macho. As análises mostraram cromossomos XY tanto no DNA quanto no RNA recuperado. A discrepância pode ser resultado de um erro de identificação inicial, mas há outra possibilidade: a de que o animal tenha apresentado alguma alteração no desenvolvimento genital.

A preservação quase completa do corpo faz os cientistas imaginarem quantas outras camadas biológicas podem estar guardadas ali. “Se um fragmento minúsculo de músculo revelou tanto depois de 40 000 anos, imagino o que ainda pode estar escondido nos outros tecidos preservados de Yuka, inclusive o cérebro”, diz Mármol-Sánchez. Para os pesquisadores, Yuka é menos um fóssil e mais um arquivo.

O fascínio mundial pelos mamutes não é coincidência. Eles desapareceram há relativamente pouco tempo; alguns ainda caminhavam por ilhas remotas do Ártico quando o Egito erguia suas primeiras pirâmides. Com Yuka, a ciência deu um passo considerável rumo a uma

KAZUHIRO NOGI/AFP

PISTAS Yuka preservado: código genético revelou sinais de estresse

compreensão mais fina dos organismos do passado. Yuka, enfim, ilumina algo simples e profundo: a possibilidade de entender, com precisão inédita, como viviam e morriam criaturas que desapareceram há milhares de anos. O mamute congelado permanece mudo, mas suas moléculas falam. E, pela primeira vez, foi possível ouvi-las. ■

A QUEDA DA BAGUETE

O consumo do pão alongado e crocante, motivo de orgulho dos franceses, anda caindo e, em meio à nova concorrência, ele deixou de ser a estrela das boulangeries **PAULA FREITAS**

JOSE VALLEJO/GETTY IMAGES

PATRIMÔNIO
O "pão da igualdade": impactado por novos hábitos e pela pressa moderna

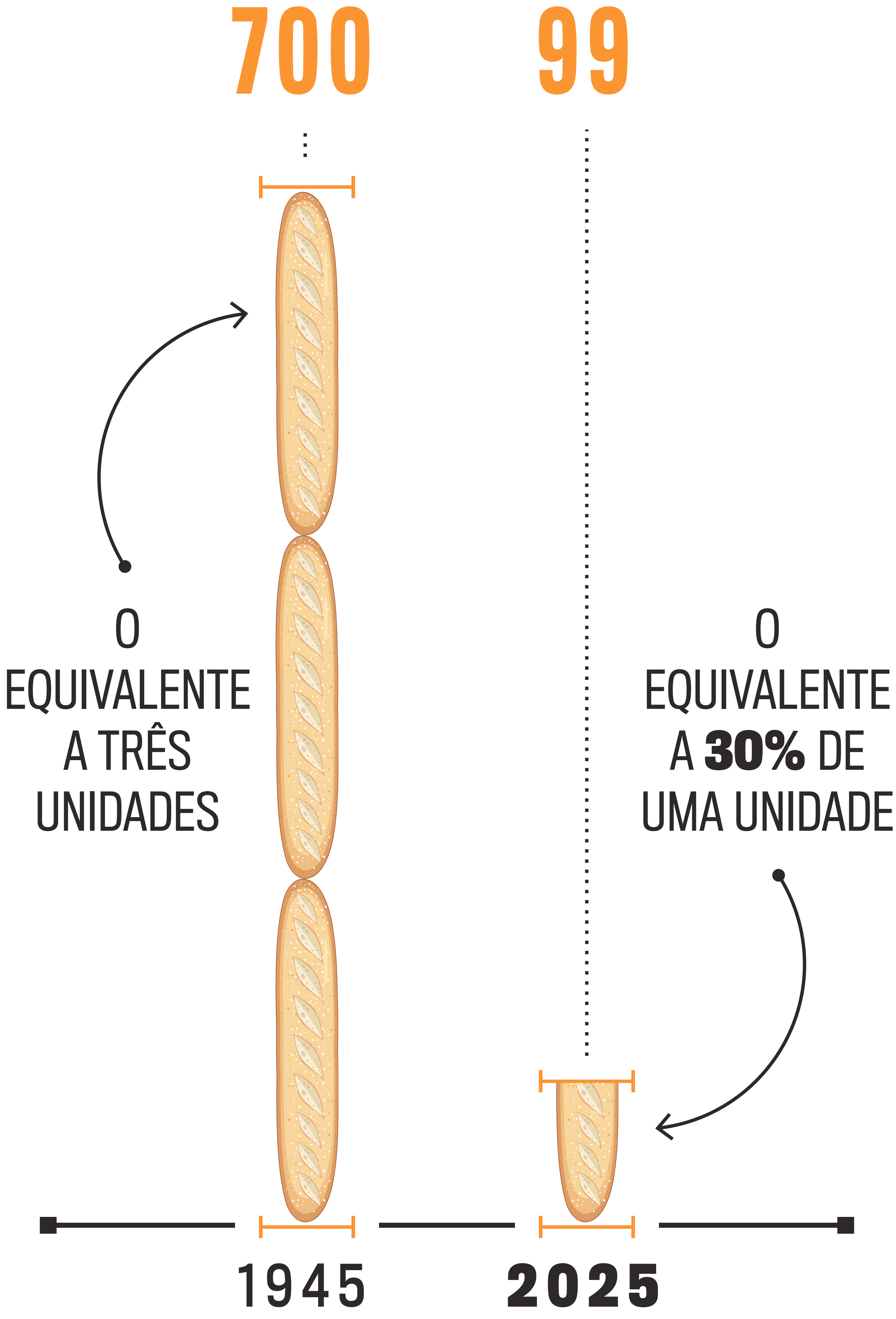
NÃO É LÁ MUITO retilínea a história que deságua no advento da baguete, o pão de formato alongado e casca crocante que os franceses adoram carregar debaixo do braço — e gostam mais ainda da perplexidade que isso causa ao olhar estrangeiro. Um dos possíveis marcos zero da iguaria é a Revolução Francesa, em fins do século XVIII, quando os insurgentes, ávidos por símbolos do fim do fausto da realeza, teriam criado uma receita simples e barata, à base de farinha de trigo, fermento natural, sal e água, que logo recebeu o apelido de "pão da igualdade". Os exemplares então arredondados iriam chegar ao molde atual na época em que os padeiros de Napoleão Bonaparte, que tomou as rédeas do país em 1799, foram incumbidos de inventar uma iguaria que se acomodasse no bolso dos soldados. Uma ala de historiadores lembra que a forma esticada teve impulso nos canteiros de obras do metrô de Paris, onde tamanha fartura de massa poderia ser repartida à mão, sem a necessidade de faca. Quase como um clichê nacional, a baguete virou até patrimônio cultural da Unesco, em 2022, embalando discurso de colorido ufanista do presidente Emmanuel Macron: "Ela é invejada pelo mundo inteiro", gabou-se.

O pão que nunca sai de moda, porém, anda sofrendo abalos diante dos ventos da vida moderna. Se na era pós-Segunda Guerra, em 1945, o consumo per capita diário era de três unidades, hoje a porção é de um terço *(veja no quadro ao lado).* Uma das explicações é que até os franceses, que não poupam na manteiga e bebem vinho à vontade, estão freando a ingestão de carboidratos, uma onda global. Fora essa questão comportamental ligada aos cuidados com a saúde, há a concorrência. A baguete passou a dividir a clientela desde a entrada em cena das

ines249

A MASSA MINGUOU

O consumo per capita de baguete caiu significativamente dos tempos do pós-Segunda Guerra até hoje na França (em gramas por dia)



Fonte: *Confédération Nationale de la Boulangerie-Pâtisserie Française* chamadas neoboulangeries, padarias comandadas por chefs afeitos a fermentação natural, grãos refinados e uma boa farinha orgânica. Sim, elas também oferecem baguete, mas muitas vezes não são mais o carro-chefe nas vistosas vitrines. A busca por novidade atende a uma demanda do exigente paladar francês: 56% acham que a qualidade do pão de cada dia não melhorou nos últimos anos, segundo levantamento da Confédération Nationale de la Boulangerie-Pâtisserie Française (CNBPF).

O ritmo frenético de hoje também contribui para o declínio da baguete, fenômeno tão difícil de digerir pela velha guarda. Como o mais francês de todos os pães é um produto feito para o consumo diário, uma vez que não leva conservantes e logo perde a crocância que o define, muita gente tem preferido tipos com maior prazo de validade, para evitar tantas visitas à boulangerie. Até fatias processadas vêm ganhando força nessa tão concorrida arena, em que pães têm a assinatura do autor e são listados em rankings. Observa-se aí um evidente fator geracional, que enaltece a praticidade acima de tudo. O café da manhã, hábito arraigado na cultura local, é um dos que vêm caindo em desuso entre a turma jovem. “Ir à padaria era como escovar os dentes, uma tarefa diária. Agora, notamos que as novas gerações ficam felizes em comer a baguete tradicional só no fim de semana, quando visitam os pais”, disse a VEJA o francês Dominique Anract, o presidente da CNBPF.

O assunto, que já virou tema de mesa de bistrô, deixa os mais ciosos em estado de alerta. Ao longo dos tempos, os franceses fizeram diversos movimentos para manter os pilares de sua cultura tão bem fincados quanto as colunas que sustentam a bela cúpula do Panteão, em Paris. Palavras estrangeiras, por exemplo, estão fora do dicionário e não podem ser usadas em propagandas nem em material educativo ou documentos oficiais, segundo uma lei de 1994, que mira os anglicismos que tanto arrepio causam aos orgulhosos donos do idioma. Até o McDonald's precisou fazer seus ajustes e se dobrar, veja só, à baguete, incorporada com tremendo sucesso ao menu. "Comprar uma baguete ainda é o primeiro ato de responsabilidade confiado às crianças, um amor transmitido de pai para filho", lembra Anract, da confederação francesa de panificadoras.

Como se vê, a diminuição no consumo do pão que em sua origem era assado sob o calor da ideologia em nada se compara ao furor da queda da Bastilha, ponto de partida da revolução que deu novas feições à França. A baguete ainda segue de pé e muito bem acomodada sob o braço dos parisienses. Ela só não reina mais absoluta nas preferências do país que a criou e a consagrou. ■

LUCILIA DINIZ

UM COPO CHEIO DE VIDA

Brindar sem álcool
virou tendência

ESTAMOS, novamente, às portas de dezembro. Junto das luzes, decorações e do ambiente natalino que dominam as ruas e o comércio, chega também o desejo de reunião típico da temporada. Queremos encontrar quem não vimos e celebrar tudo de bom que vivemos com quem esteve por perto. O fim do ciclo é motivo para comemorar. A expectativa do novo também. Vêm as confraternizações de equipe e as happy hours embaladas pelo calor humano — ao qual o verão acrescenta dose extra. Mas, ao que parece, “doses extras” literais não são a tônica.

Aqui e ali, as notícias surgem, dando conta de uma novidade. Muitas pessoas estão escolhendo brindar sem álcool ou, se não totalmente “zero”, com muito mais moderação. E, segundo indicam novos estudos, a motivação para isso não vem de pressão moral, mas da inclinação por um estilo de vida mais saudável. Segundo uma pesquisa recém-publicada, 64% dos brasileiros não ingeriram uma gota de álcool neste ano. Os que mais restringiram o consumo foram os jovens. Logo eles, que são sempre mais associados à quebra de regras. Quem diria? Bom, na verdade, os tempos diriam. As novas gerações cresceram expostas a uma quantidade de informação nunca antes vista. A saúde como um todo, e em especial a mental, adquiriu grande relevância para os jovens, e, com isso, cresceu a consciência de que os efeitos do álcool são mais duradouros do que o mal-estar de uma ressaca. Saber disso pesa na hora de escolher a forma de diversão. Não só para esse grupo, mas também para os mais velhos, o apreço por uma vida mais saudável se manifesta. Até porque o corpo impõe.

Conforme passam os anos, o metabolismo fica mais sensível ao álcool. Não importando a idade, beber menos significa priorizar o bem-estar. É importante dormir bem e ter clareza mental para aproveitar a vida de maneira íntegra, nos momentos de festa e fora deles. Há anos campanhas vêm advogando pelos benefícios dessa atitude. Al-

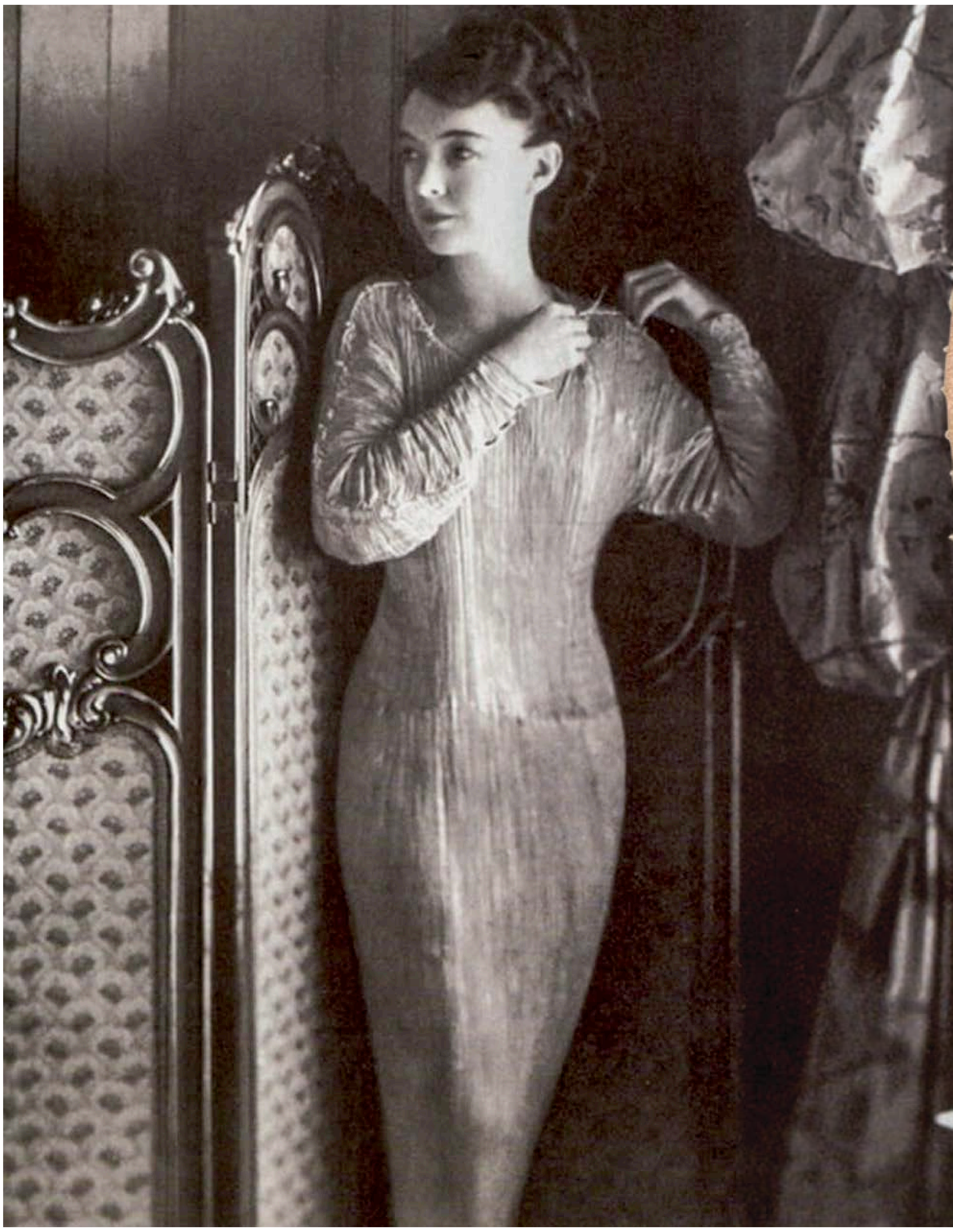
“Cada vez mais
a coquetelaria
vem propondo drinques
abstêmios sofisticados”

gumas nasceram justamente como uma espécie de compensação pelos excessos da época de festas. É o caso do Drynuary, apelido de Dry January, “janeiro seco”, invenção britânica que se popularizou em outros países. Como o nome indica, consiste em passar o mês inteiro sem bebidas alcoólicas.

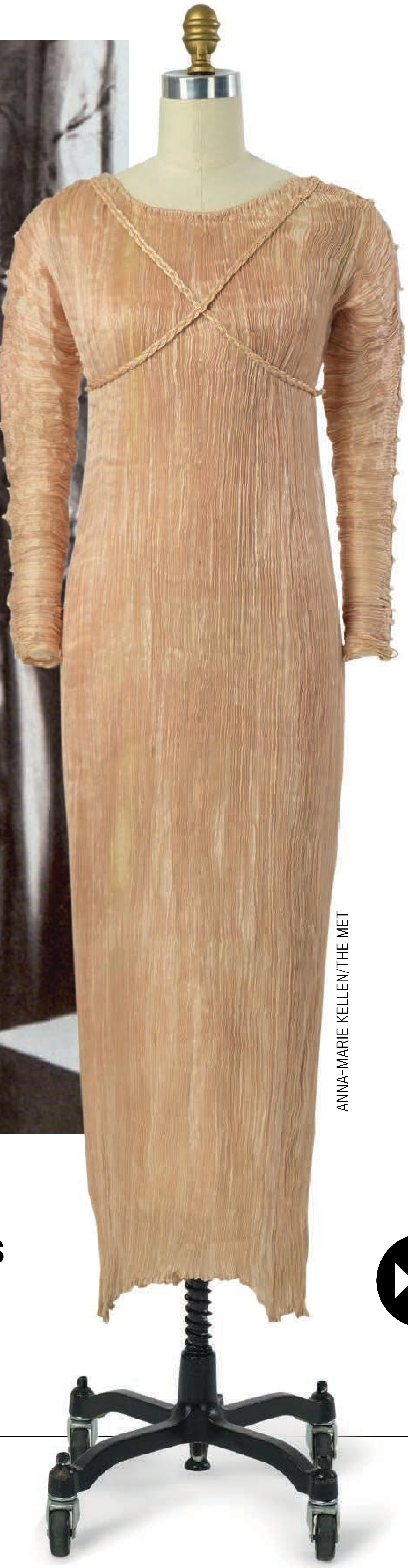
Outros movimentos se alinham com as novas pesquisas, segundo as quais é impossível determinar uma dose segura de álcool. Nessa linha, o melhor seria entender a celebração, a alegria e o relaxamento de forma dissociada dos efeitos da bebida ou, ao menos, deixar os drinques para ocasiões isoladas. Não significa que seja preciso passar a água. Atento à tendência, o mercado se ajusta. Cada vez mais a coquetelaria vem propondo drinques abstêmios sofisticados. Em países como o Canadá, bares “zero” já não são mais tão raros. E, em vários lugares, eventos como festas dançantes e festivais de música promovem encontros diurnos e livres de álcool. Esta época do ano é propícia a buscar propósitos e renovação. É quando nos propomos desafios e metas. Sabemos que o que é radical dificilmente funciona, mas que tal se pensarmos que, neste dezembro, podemos ao menos buscar um ou outro encontro movido apenas pela alegria de estar junto? De minha parte, ergo um brinde à ideia! ■

DESFILE DE GALA

O Metropolitan Museum, em Nova York, decide criar um espaço permanente para sua coleção de figurinos e peças da indústria fashion incorporados ao acervo técnico **SIMONE BLANES**



ACERVO MARIANO FORTUNY



ANNA-MARIE KELLEN/THE MET

VINTAGE O vestido Delphos, de Fortuny, um clássico dos anos 1920, ontem e hoje: os contornos do corpo ganharam vida

ELA FOI DIRETO ao ponto, com a elegância e firmeza com que desenhava. "A moda é como arquitetura, trata-se de proporções", definiu Coco Chanel (1883-1971), e muito mais não precisaria ser dito sobre as duas atividades. Demorou, contudo, para que os cortes a vestir mulheres e homens conquistassem o devido respeito. Com a honrosa exceção de algumas poucas exibições em endereços americanos e europeus, poucas mesmo, foi apenas no início deste ano que o lendário Louvre abrigou a pioneira mostra *Louvre Couture — Objets d'Art, Objets de Mode,* em passo celebrado. Houve aplausos, é ideia que fez história, mas era preciso uma costura a mais, e ela finalmente foi anunciada.

Em 2026, o Metropolitan de Nova York inaugurará as galerias Condé M. Nast, espaço que eleva, enfim, o estilo ao status de obra-prima, tirando o pó dos acervos técnicos subterrâneos, onde até agora ficavam peças escondidas. A exposição inaugural, intitulada *Costume Art,* foi concebida pelo curador Andrew Bolton, incentivado por Anna Wintour, a ex-todo-poderosa e todo-influente diretora de redação da revista *Vogue* americana, eternizada nas telas, como diaba a vestir Prada, pela inigualável Meryl Streep. Cerca de 200 peças selecionadas dialogarão com duas centenas de obras de arte, abrangendo um arco temporal de cinco milênios. Bolton organizou o percurso alinhavando, com rara inteligência, o modo como os corpos femininos foram sendo vistos ao longo dos tempos, desde a Anti-

ines249

guidade clássica aos dias de hoje, incluindo gestantes e anatomias que, por preconceito, nunca foram o cânone.

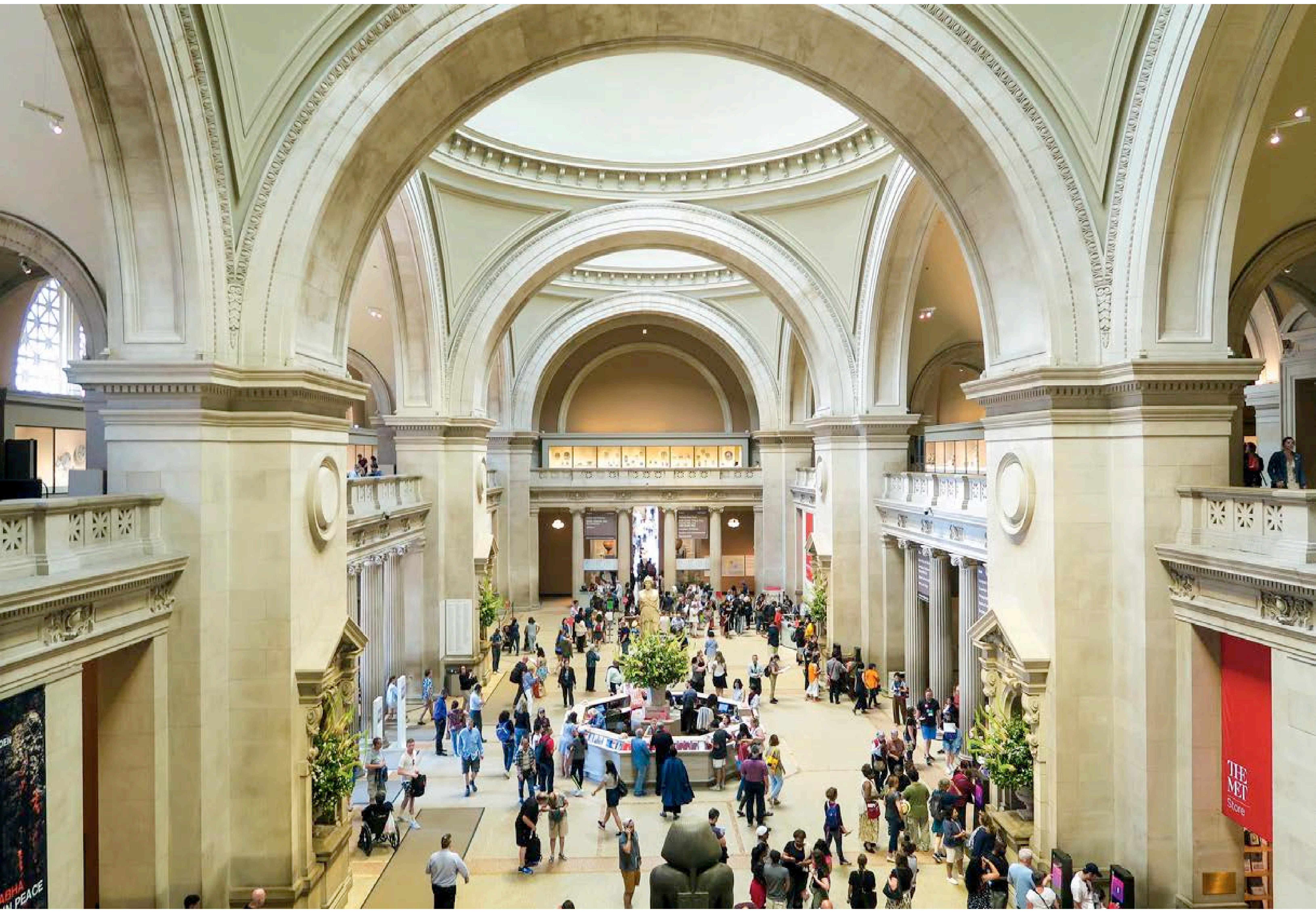
O reconhecimento institucional, o desembarque no Met, é um poderoso marco cultural. “A saída do porão para uma galeria com o mesmo peso de outras artes é um movimento necessário”, diz Brunno Almeida Maia, pesquisador da USP. A mudança de status é também impulsionada pelo imenso poder de sedução cultural que a moda exerce, amplificado globalmente pelo espetáculo do Met Gala, liderado por Wintour, que transformou o evento em vitrine de influência incontestável. “A visibilidade dos desfiles

CORTESIA GIVENCHY

CORTESIA GIVENCHY

ALTA-COSTURA Vestidos Givenchy de 2010 e do século passado: nas ruas e nos desfiles

PATTI MCCONVILLE/ALAMY/FOTOARENA



ESPAÇO NOBRE O salão principal do Met: o acervo técnico de peças de estilo enfim deixará a poeira dos porões

da noite de gala é a porta de entrada para o museu, atalho para um espaço permanente”, disse ela.

O que se verá é forte e bonito, revelaram os croquis anunciados na semana passada. Um vestido Delphos de Fortuny, dos anos 1920, será vizinho de uma estatueta de Nike grega, explorando o drapeado e a ideia de movimento congelado. Uma criação bulbosa e arquitetônica da Comme des Garçons de 2017 conversa com a perturbadora escultura *La Poupée,* de Hans Bellmer, desafiando noções convencionais de forma e anatomia. Um vestido nude estruturado de alta-costura, da Givenchy, por Riccardo Tisci, de 2010, que sugere uma segunda pele, flerta deliberadamente com as representações da nudez no quadro *The Naked Body*, de Albrecht Dürer. As justaposições revelam uma longa e rica genealogia estética, demonstrando como a alta-costura pode ser a assinatura inconfundível de um designer, tal como a pincelada é gesto de um mestre pintor.

Estima-se um gasto total de 50 milhões de dólares na empreitada, dinheiro amealhado com leilões e doações, em outro ineditismo — até agora, o material de moda não tinha verba específica e dependia de estratagemas específicos para vir à luz. Agora, não mais. Entrará no orçamento anual do Met, com a devida pompa e circunstância. Não parece haver dúvida, moda é arte, ponto. Ter exibições de trajes durante períodos muito curtos foi sempre uma pena. As novas galerias mudarão o tom da prosa. “Era como ter uma temporada curta na Broadway quando se tem um grande sucesso”, disse Wintour. Não será mais assim, em justíssima ode à beleza. ■

INSTAGRAM @MAIKELARAUJOSANTOS

REPENSEI A VIDA TODA

O empresário Maikel Araujo, 41, fala dos dias à deriva no mar, onde gravou até vídeo de despedida para a mulher

FICAR À DERIVA NO MAR em meio ao nada e sem saber se sairia vivo dali mudou minha forma de ver o mundo. Era um domingo de setembro e o dia estava amanhecendo quando eu e um amigo, Ronald, fomos pescar no litoral sul do Espírito Santo, como tantas vezes já fizemos. Às 7 da manhã, entramos na água. A ideia era retornar perto da hora do almoço. Sou mergulhador profissional e tenho experiência com pescaria desde a adolescência. Pelo menos uma vez por semana, lá ia eu, a bordo do meu barco, me dedicar a esta atividade que tanto me traz aquela sensação boa de liberdade. O céu estava limpo, o mar calmo, e logo lotamos a lancha de peixes. O imprevisível veio na viagem de volta. De repente, deu uma pane elétrica, e o motor parou. Estávamos muito longe da terra firme e não havia sinal de celular. Lancei a âncora e usei o rádio para tentar uma chamada de

ines249

socorro, mas ninguém ouviu, e a bateria acabou. Ficamos incomunicáveis. E assim começou o sufoco da espera.

Do céu azul, passamos ao breu. O vento batia e a ondulação aumentava. Acendi a lanterna na esperança de alguma embarcação nos avistar. Nada. É curioso como a cabeça se adapta numa situação-limite como essa: aceitei que ninguém viria durante a noite, era impossível, e resolvi descansar. Tínhamos medo de colidir com um navio, então nos revezamos no sono. Quando acordei, o cenário havia mudado. As ondas alcançavam 7 metros de altura e os ventos, 70 quilômetros por hora. Com esforço, Ronald conseguiu improvisar uma vela. E renovei as esperanças — o GPS sinalizava que íamos cruzar uma região de alto movimento. Eis que, já em tensão máxima, esbarramos com uma baleia, que estacionou bem embaixo da lancha. O perigo era ela saltar e nos derrubar. Acabou indo embora e, após dez horas, enxergamos os tão desejados barcos. Fizemos todo tipo de sinal, mas ou não nos viam, ou não entendiam que precisávamos de ajuda.

Para sobreviver, começamos a comer os peixes crus que conseguíamos pegar. Tinha levado apenas três pães, um pouco de queijo e uma garrafa de água. Sem hidratação, meu corpo passou a dar aos poucos sinais de esgotamento. Após a segunda noite, me bateu uma desesperança. A única saída era pular e tentar nadar até o continente, com chances remotas de chegar com vida. Foi aí que tomei a dura decisão de gravar no celular um vídeo de despedida para a minha esposa, que está grávida de oito meses da nossa primeira filha. Pensava em como seria o rosto desse bebê que eu nem conheceria. Refletia sobre todas as vezes que poderia ter aberto mais minhas emoções e não o fiz. Àquela altura, trabalhava com a ideia da morte, que, de distante, ficou tão próxima. Mas, quando menos esperava, um navio se aproximou. Usei toda a minha força para gritar por ajuda com uma garrafa vazia na mão. Um homem ouviu e pegou um binóculo. Por minutos, ele sumiu, e achei que passariam direto. Até que soltaram uma fumaça preta, sinal de que iam nos ajudar. Já haviam se passado cinquenta horas e estávamos em Campos, no Rio de Janeiro, a 200 quilômetros de onde partimos.

O resgate foi difícil, o mar estava ruim. Ao chegar ao convés, desabei em choro. E pedi um telefone para ligar para meu pai, o único número que lembrava de cor. Ele atendeu e começou a soluçar. Era a primeira vez que o via desse jeito. Só depois fui tomar banho, beber água e comer. Tinha o impulso de gritar: estou vivo! Ao abrir a porta de casa, encontrei minha mulher acordada, com aquele barrigão. Nossa filha nasce em poucos dias e vem a um mundo que ganhou novo sentido para mim. No barco, me doía demais pensar que ia morrer brigado com meu irmão, com quem já fiz as pazes. Passei uns tempos longe da água, com receio. A primeira vez que tentei sair para pescar, entrei em pânico. Mas já superei isso e, agora, estou também mais cuidadoso. Para mim, mar é vida. ■

Depoimento a Duda Monteiro de Barros

LEAH GALLO/A24

TRÊS É DEMAIS *Eternidade:* livre escolha de onde e com quem passar a pós-existência

TRAMAS DE OUTRO MUNDO

Na comédia *Eternidade*, um triângulo amoroso subverte ideias comuns sobre a vida após a morte, tema que sempre fascinou a humanidade e rende visões criativas no cinema e na TV

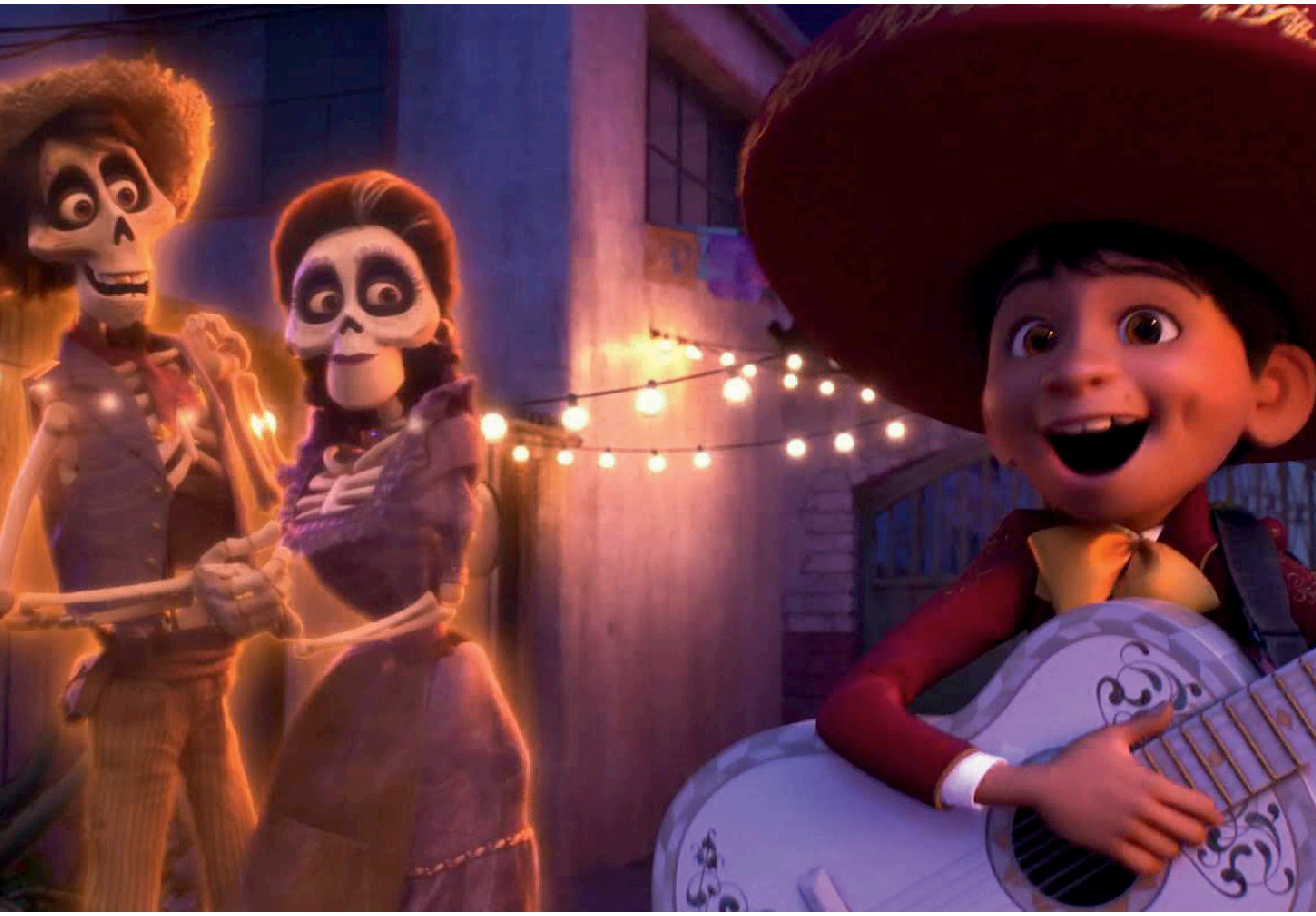
RAQUEL CARNEIRO

RON BATZDORFF/NBC

AFIADA *The Good Place*: série ironiza ideias sobre o paraíso e o inferno

A surpresa de Larry é grande quando, após um engasgo, o idoso desperta em um trem e vê na janela seu reflexo, com a aparência que tinha aos 30 e poucos anos de idade. Na estação caótica onde todos desembarcam, ele é recebido por uma consultora do Além que lhe dá a notícia: "Você está morto". Agora, o rapaz interpretado por Miles Teller deve escolher a Eternidade que melhor o atenda. As opções são inúmeras: há desde cenários de época com detalhes específicos, como a Alemanha da dé-

DISNEY/PIXAR



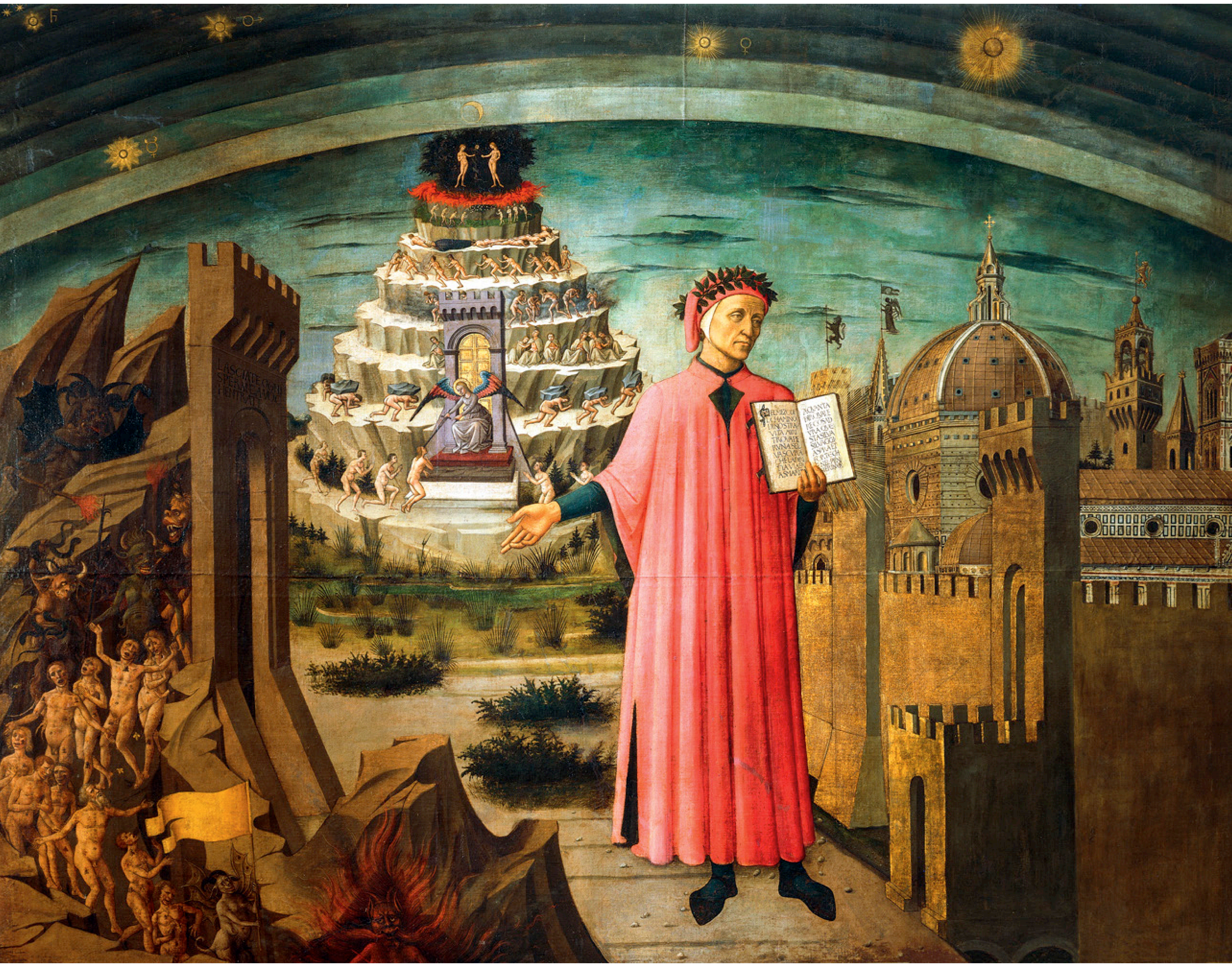
TRADIÇÃO *Viva – A Vida É uma Festa:* a relação dos mexicanos com a morte

cada de 1930 (mas sem nazistas, lembra a consultora), ou um mundo de nudismo — até outro no espaço sideral. Larry quer que a esposa, Joan (Elizabeth Olsen), vá junto para o local escolhido — provavelmente uma praia. Mas quando ela chega, dias depois dele, Joan reencontra seu primeiro amor, Luke (Callum Turner), que a espera nesse limbo há 67 anos. Assim se estabelece o triângulo amoroso de ***Eternidade*** *(Eternity*, Estados Unidos, 2025), já em cartaz nos cinemas. Joan precisa escolher entre um e outro — ou nenhum dos dois.

A comédia romântica espirituosa retoma uma tradição prolífica do cinema — e que tem raízes antiquíssimas na história da arte e da literatura. Trata-se da especulação criativa sobre como é a vida após a morte, subvertendo a ideia dominante de paraíso versus inferno. No Brasil, o cinema e a TV exploram com frequência o viés espírita, caso do sucesso de bilheteria *Nosso Lar* — que ganhará um terceiro filme em janeiro de 2027. Sem compromisso com conceitos religiosos, a leva hollywoodiana oferece vislumbres mais irônicos, filosóficos e saborosos sobre o mistério do que vem depois. Em comum, esses roteiros enfatizam a autonomia humana de escolher e de defender seus desejos mesmo após a morte — e a descoberta agridoce de que o lado de lá é um tanto parecido com o de cá. Romances, intrigas e sentimentos comezinhos se repetem em ambas as pontas.

A afiada série *The Good Place,* por exemplo, observa os protagonistas em um Além que lembra um condomínio de classe média comum, onde todos se reúnem para tomar frozen yogurt em tardes de calor. Ao longo de quatro temporadas, a trama cômica alfineta o conceito cristão de que os bons vão para o céu e os maus, para o inferno: aqui, um esquema de pontuação comportamental em vida aponta para onde vão os que morreram. Existe o lugar bom e o ruim — um médio foi criado para atender uma única mulher que teve empate. Isso até os protagonistas contestarem o sistema desatualizado e um tanto injusto. Em uma

DEAGOSTINI/GETTY IMAGES



PIONEIRO Quadro de Di Michelino: o inferno, o purgatório e o céu de Dante

esfera mais lúdica, a animação *Viva: A Vida É uma Festa* mergulha na cultura mexicana, que tem a morte como um capítulo conectado à vida e à memória. “Eu admiro quem tem uma relação cultural com a vida após a morte. Fui obrigada a aceitar o que me ensinaram na igreja”, disse Elizabeth Olsen, protagonista de *Eternidade*, a VEJA. Hoje, ela prefere ser cética sobre o que vem depois.

Esse subgênero da fantasia teve período fértil nos anos 1940, quando os horrores da Segunda Guerra pairavam sobre o mundo. Curiosamente, os cineastas da época verteram o medo da morte em comédias adoráveis, oferecendo entretenimento em contraponto às dificuldades. É o caso do clássico *O Diabo Disse Não* (1943), sobre um homem que acredita merecer o inferno, mas antes deve convencer o chefão de lá. Outro título valoroso é *Neste Mundo e no Outro* (1946), no qual um piloto de guerra sobrevive porque o funcionário encarregado de levá-lo ao Além, um nobre decapitado na Revolução Francesa, estava distraído. O piloto, então, convoca um tribunal entre as almas na tentativa de se manter vivo. “Desde que eu vi estes filmes, sonhava em criar minha própria vida após a morte”, disse a VEJA o diretor de *Eternidade,* David Freyne.

Todas essas visões da vida após a morte têm uma raiz clássica: a obra do italiano Dante Alighieri (1265-1321). Poeta pioneiro e essencial, o autor de *A Divina Comédia* estabeleceu o imaginário cristão de como seriam o céu, o purgatório e o inferno — descrições que pautaram diversas obras de arte, como um quadro magnífico do artista florentino Domenico di Michelino (1417-1491). Os conceitos sobre pecadores e santos se dissiparam um tanto desde a Idade Média até os dias de hoje, claro. Logo, o pós-vida oferece opções mais gentis aos meros mortais.

Eternidade resume essa visão mais leve do tema. Quando desembarca do trem no filme, Larry pede para

CARLTON INTERNATIONAL

CLÁSSICO *Neste Mundo e no Outro:* almas decidem se um homem deve viver

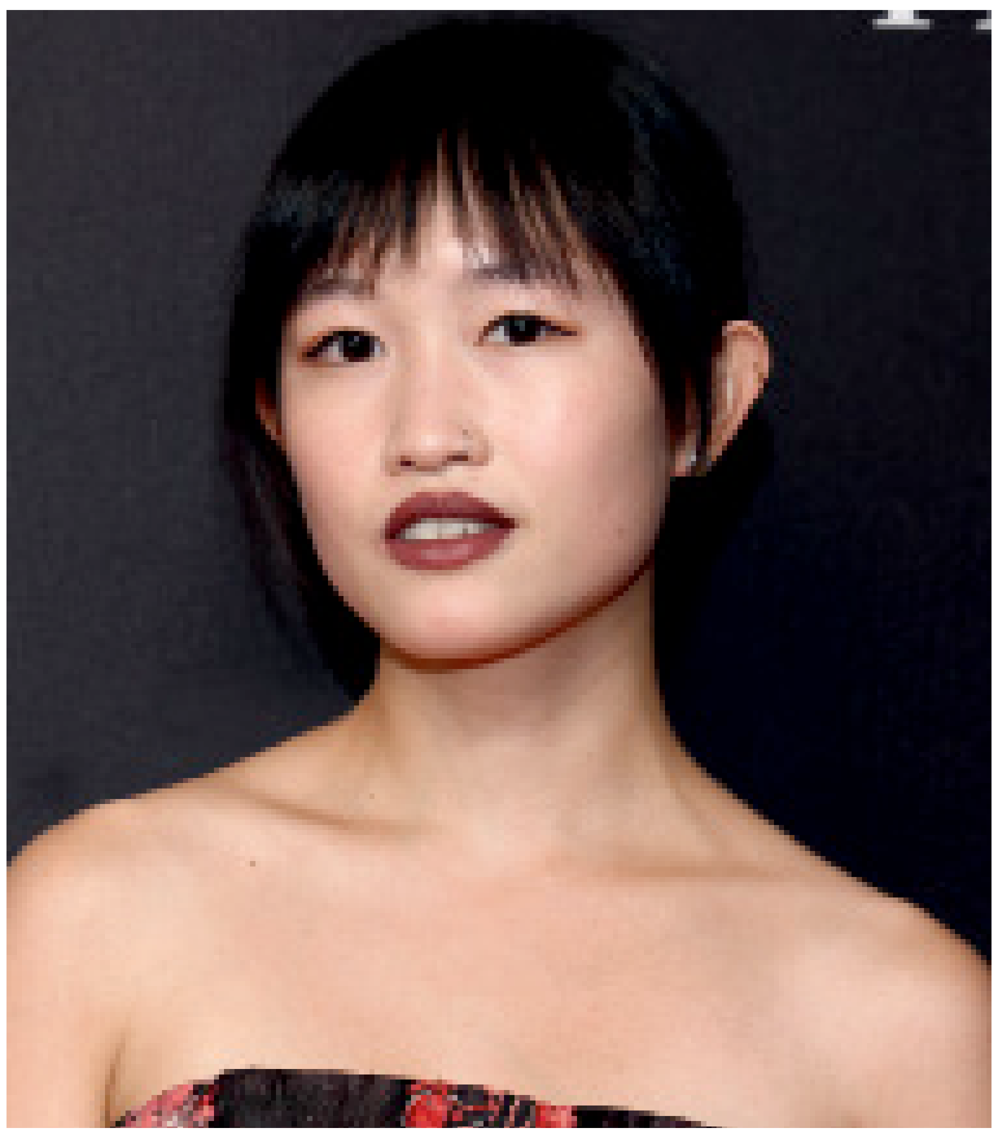
falar com Deus. A consultora que o recepciona (a ótima Da'Vine Joy Randolph) questiona: "Então você é desses?", e lhe entrega um panfleto sobre um paraíso moldado para os que creem em Deus. "Para mim, o paraíso é o amor em suas várias formas. Espero que os espectadores reflitam não sobre a morte, mas sobre o que vale a pena em suas vidas", diz Freyne. Que essas tramas de outro mundo nos tragam bons ensinamentos assim. ■

LEITURA DA PESADA

Nas quase 1000 páginas do best-seller *Alchemised*, a autora nipo-americana SenLinYu demonstra a força da *dark fantasy*, tendência que mistura fantasia com terror — e temas chocantes

KATY WEAVER

DAMA SOMBRIA SenLinYu: mergulho em temas como canibalismo e violência



MIKE COPPOLA/GETTY IMAGES

COMPLEXA R.F. Kuang: uma jovem autora com ideias muito peculiares

UMA ALQUIMISTA é capturada por necromantes malignos que tomam o poder na cidade-estado fictícia de Paladia e iniciam uma guerra. Mas sua força se revela singular: após meses de tortura, ela permanece resistente e viva. Essa é a história narrada nas quase 1 000 páginas de *Alchemised*, romance da estreante SenLinYu e um dos principais lançamentos de ficção em 2025. O enredo cheio de tensões e reviravoltas é antecedido por um aviso peculiar, que deixa claro ao leitor que aquela não será uma leitura comum: ali ele encontrará relatos de violência religiosa, ideação suicida, automutilação, canibalismo, eugenia e outros assuntos para lá de pesados. A escolha dos temas, ainda que extrema, funcionou: nos Estados Unidos, o livro vendeu 1 milhão de cópias apenas em seu mês de lançamento, e no Brasil, onde foi lançado pela Intrínseca, já soma 50 000 unidades comercializadas, além de seis semanas entre os mais vendidos de VEJA.

Vários elementos de *Alchemised* chamam a atenção do público, da lista infindável de temas desconfortáveis a seu tamanho portentoso. O livro reforça uma tendência editorial curiosa: a *dark fantasy,* ou fantasia sombria. Desde que as histórias fantásticas de teor adulto invadiram as livrarias e as telas na esteira do sucesso de *Game of Thrones,* do americano George

R.R. Martin, o segmento se diversificou — e radicalizou na abordagem de temas impactantes. Na *dark fantasy*, os assuntos espinhosos embalam um verdadeiro mergulho no terror.

Curiosamente, duas jovens autoras de origem oriental se destacam nessa seara. Além da americana de ascendência japonesa SenLinYu, de 34 anos, a sino-americana R.F. Kuang, de 29, vem construindo uma carreira bem-sucedida mesclando fantasia e puro horror humano. No best-seller *Babel: ou a Necessidade de Violência* (2024), Kuang tece a história de um estudante acadêmico chinês do século XIX que descobre o suposto segredo mágico por trás das conquistas coloniais do Império Britânico — no desenrolar do enredo intrincado, a autora não economiza em elementos como tortura, abuso sexual, racismo e violência colonial.

A tática de choque, no fundo, é usada pela *dark fantasy* para expor as facetas mais sinistras da natureza humana — que podem se manifestar em qualquer espaço, por mais irreal que seja. “Essas escritoras reinterpretam arquétipos clássicos do fantástico sob um olhar mais contemporâneo”, analisa Antonio Castro, editor da Intrínseca. Para a própria SenLinYu, a ascensão da *dark fantasy* é produto de um modo de vida acelerado e vertiginoso. “A vida se tornou assustadora para muitas pessoas. Não fomos preparados para analisar a quantidade de informações que recebemos”, disse a VEJA. A literatura revela nossos medos e nos ajuda a lidar com eles. ■

Bárbara Bigas

ines249

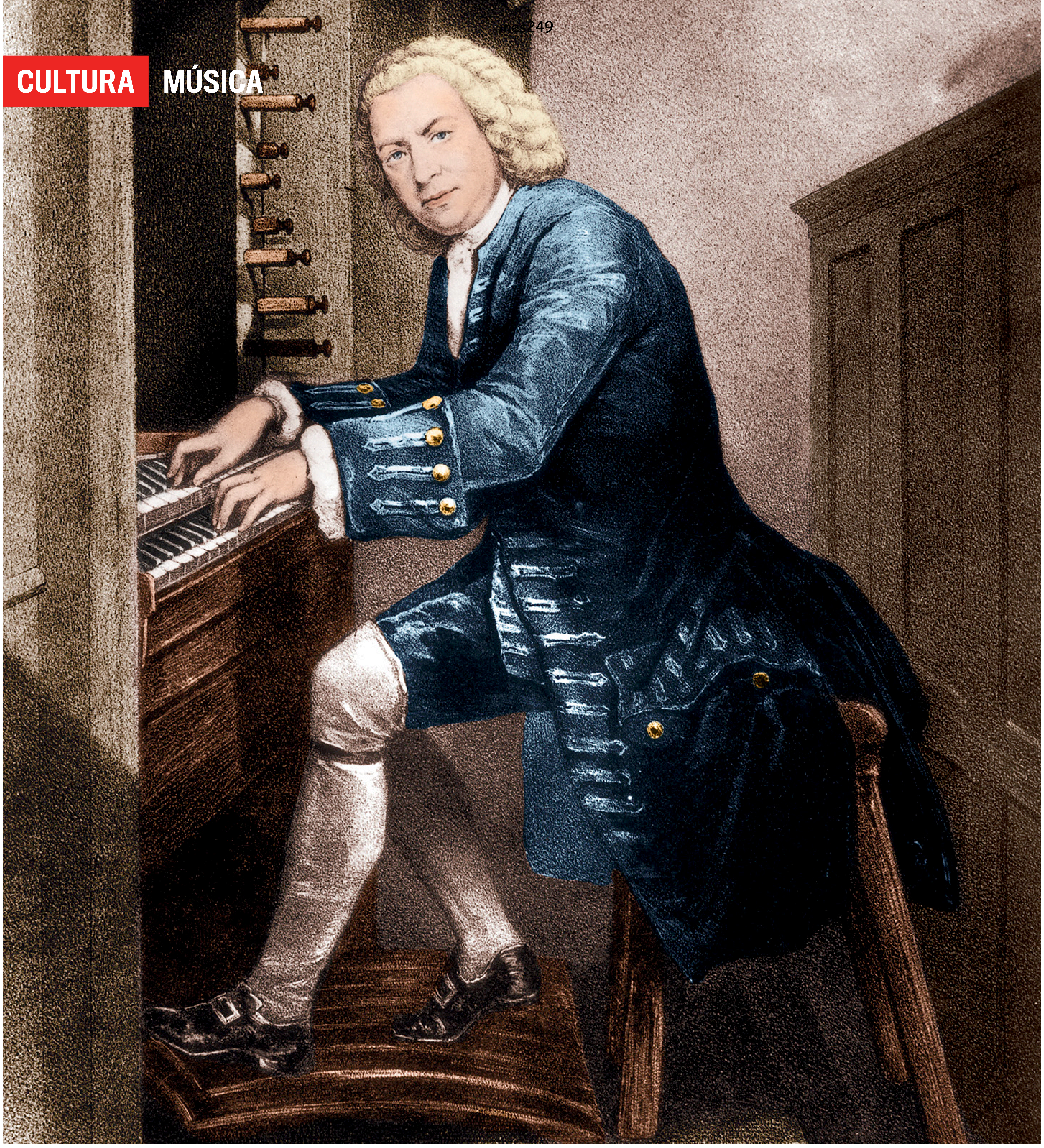


PHOTO RESEARCHERS HISTORY/GETTY IMAGES

MAGISTRAL O compositor junto ao órgão: instrumento pautou sua estética e os trabalhos redescobertos

DESCOBERTA SUBLIME

Perdidas há mais de três séculos, duas partituras do gênio barroco Johann Sebastian Bach ressurgiram, graças aos esforços detetivescos de um estudioso da música **THIAGO GELLI**

EM 1992, o musicólogo alemão Peter Wollny, então aos 31 anos, encontrou duas misteriosas partituras para órgão na Biblioteca Real de Bruxelas, na Bélgica. Ele não sabia ao certo de onde vinha seu fascínio pelo material, nem imaginava quem poderia ter composto tais obras, mas ficou maravilhado pela caligrafia e impressionado com a antiguidade dos papéis: eram de cerca de 1700, achado incomum mesmo em se tratando de manuscritos em bibliotecas da Europa. Acometido pela curiosidade incansável de um arqueólogo musical, encomendou cópias daqueles documentos e as carregou consigo por 33 anos, reunindo pistas aqui e ali conforme o tempo passava. No dia 17 de novembro, pôde enfim testemunhar a grandeza que ali se escondia. Wollny assistiu à primeira apresentação das obras em 320 anos na Igreja de São Tomás, em Leipzig, já com a certeza de quem as havia criado: o maior compositor barroco da história, Johann Sebastian Bach (1685-1750).

A descoberta mudou a rotina do pesquisador. É sua maior vitória desde 1993, quando assumiu a direção do Bach-Archiv Leipzig, instituição voltada para a preservação do legado do gênio. O feito lhe rendeu honrarias do Ministério da Cultura alemão, que o qualificou como “um grande momento para o mundo da música”. A escolha do lugar do concerto, na mesma igreja onde Bach trabalhou por anos e foi sepultado, ampliou o simbolismo da façanha. Em entrevista a VEJA, ele admite estar surpreso com a repercussão: “Não é todo dia que um musicólogo como eu é procurado pela imprensa”.

JENS SCHLUETER/BACH ARCHIVE/AFP

Ciacona ex d

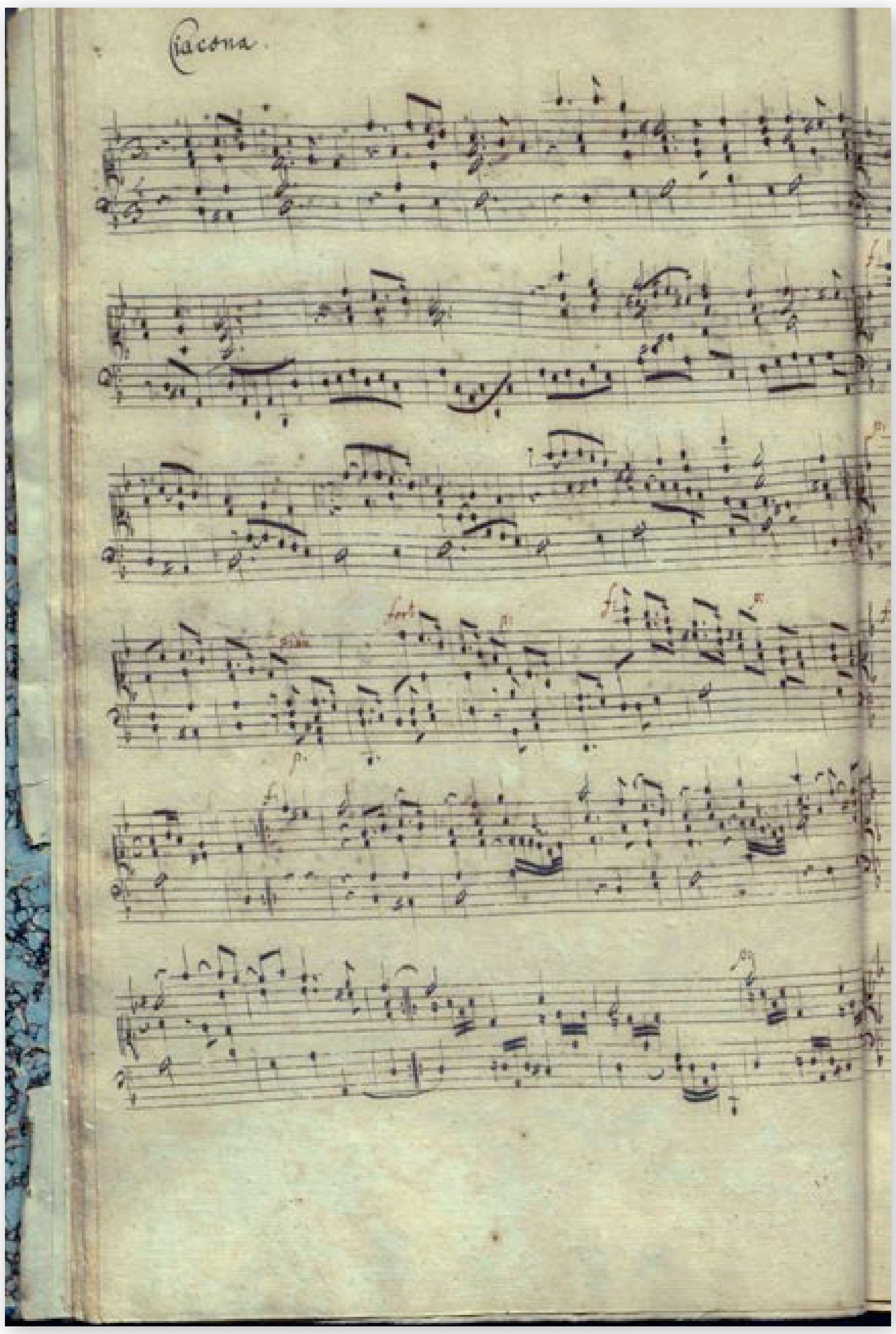
ORGULHO Wollny *(ao centro)* no concerto: peças de qualidade excepcional

Para solucionar o mistério digno de Dan Brown, uma peça foi chave: em 2024, Wollny enfim identificou quem havia escrito a partitura. Não se tratava do próprio Bach, mas do primeiro jovem a quem ele deu aulas de órgão na cidade de Arnstad, Salomon Günther John, cuja caligrafia foi encontrada num documento judicial da mesma época e coincidia com as anotações sem autoria. No papel de pupilo, copiou o trabalho do mestre a fim de absorver aprendizados. Para além disso, as similaridades musicais estavam claras ao especialista: “As obras se encaixam perfeitamente na fase inicial de Bach, entre 1700 e 1710. Apresentam, por exemplo, influências exercidas nele pelo organista Georg Böhm (1661-1733), seu ídolo”, aponta.

As duas peças também demonstram técnicas utilizadas por Bach em outros trabalhos, mas incomuns no começo do século XVIII. A junção de ostinatos — padrões musicais repetitivos — e fugas — expediente em que diferentes vozes melódicas conversam entre si — ocorre tanto em uma das composições como em *Passacaglia e Fuga em Dó Menor*, escrita por Bach em algum ponto entre 1706 e 1713.

Ambas as obras ressurgidas são do gênero barroco conhecido como chacona — uma em ré menor, outra em sol menor —, popularizado na Espanha a partir do século XVI e marcado pela variação de uma progressão harmônica que se repete. O primeiro músico a tocá-las após o anúncio da descoberta foi o holandês Ton Koopman, que assegurou ao jornal inglês *The Guardian* que são de qualidade excepcional e serão úteis para futuros estudantes de órgão, já que podem ser tocadas até em versões menores do instrumento.

Essa versatilidade é uma marca de Bach, compositor capaz de se adaptar a qualquer limitação formal desde a infância. Prodígio único, estudou toda a música europeia que o precedeu e se destacou ao dominar a matemática da teoria musical, a profundidade emocional do ofício e, especialmente, os contrapontos, nos quais múltiplas linhas independentes formam outras harmonias. Foi prolífico e criou mais de 1 000 trabalhos, que continuam a guiar músicos ao redor do globo. De tão significativo para a estética do período barroco, também o encerrou: historiadores consideram sua morte o ponto de transição para o clássico.

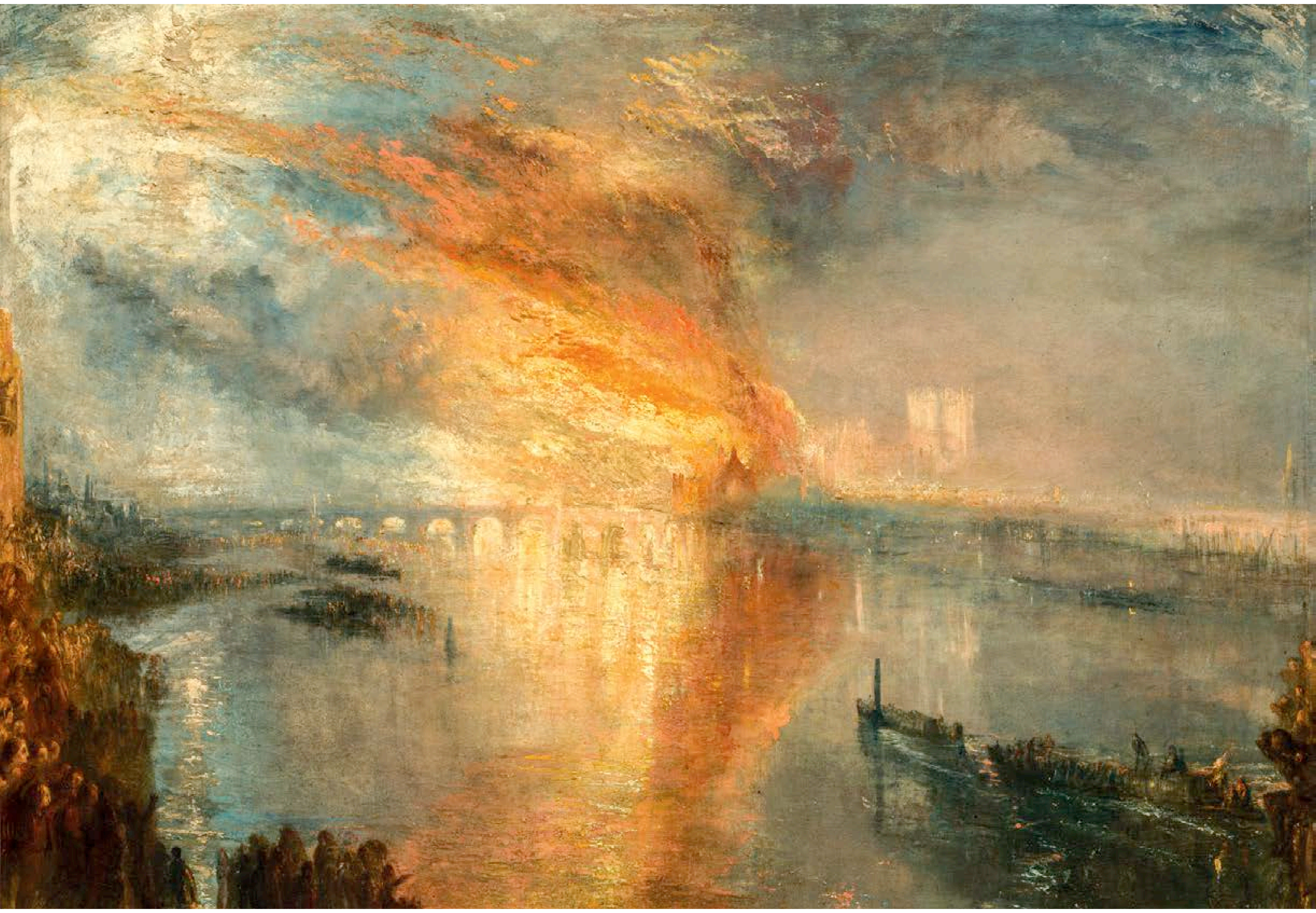


ROYAL LIBRARY OF BELGIUM/AFP

320 ANOS DEPOIS
A *Chacona em Ré Menor BWV 1178:* autoria só foi confirmada após teste de caligrafia

Para além disso, Wollny argumenta a favor de Bach com sentimentalismo: “As músicas dele nunca envelhecem. Eu as ouvi por toda minha vida, mas sempre encontro algo novo. É diferente daquilo que se ouve na rádio e se cansa após uma semana. Tamanha beleza e longevidade são aspectos raríssimos hoje”. É incerto quanto do cânone de Bach ainda resta ser escavado, mas o estudioso espera que outras de suas contribuições inestimáveis estejam espalhadas pela Europa. “Talvez não sejam reveladas por mim, mas o que mais quero é ouvi-las”, diz. A descoberta reafirma aquilo que os ouvidos do mundo sabem há séculos: apreciar a música de Bach é uma experiência sublime — e inconfundível. ■

HOWARD AGRIESTI/CLEVELAND MUSEUM OF ART



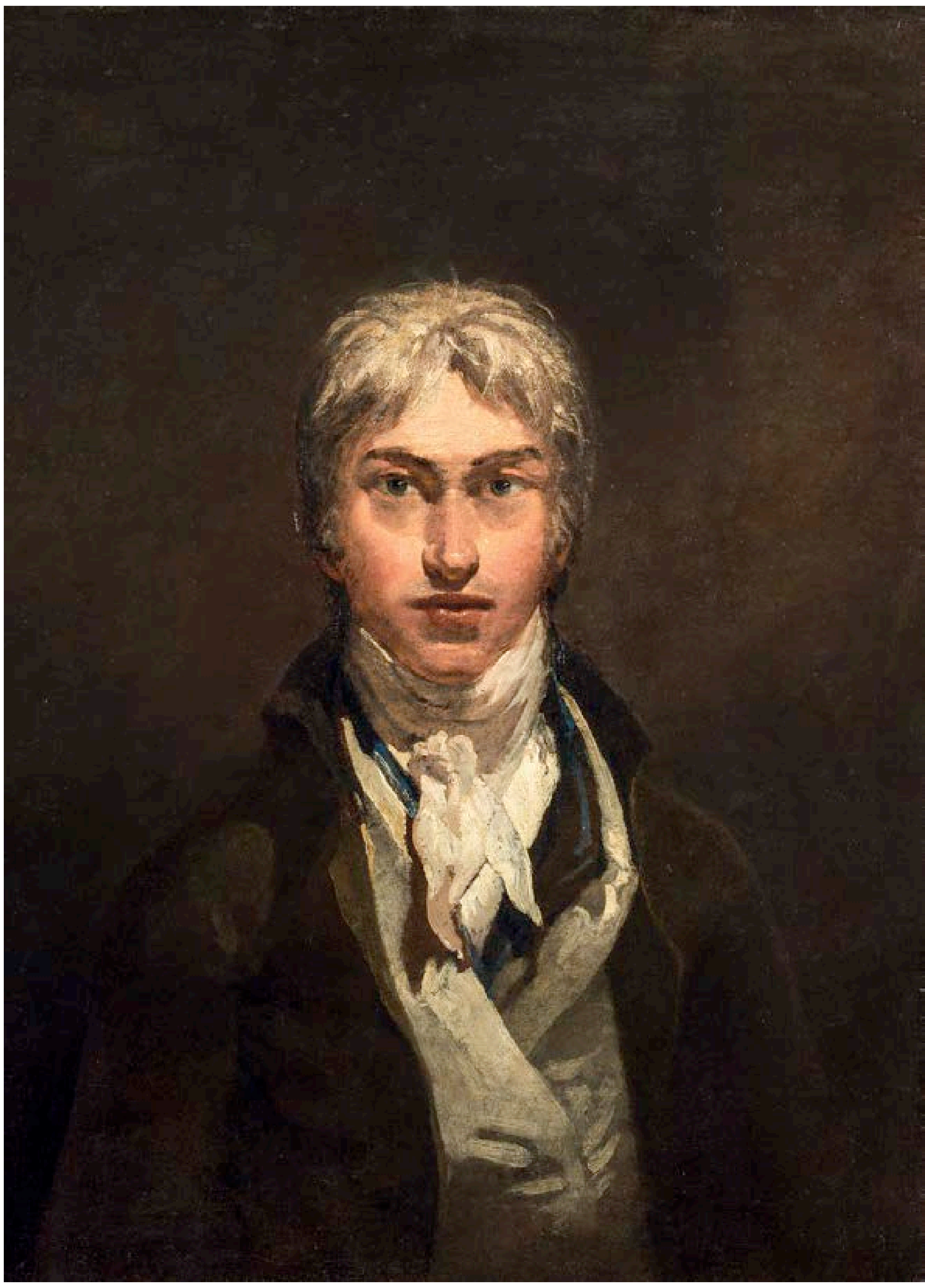
PAISAGEM *O Incêndio das Câmaras dos Lordes e dos Comuns:* as cores e a fumaça se mesclam com virtuosismo

UM MESTRE SINGULAR

Nos 250 anos de JMW Turner, o pintor é celebrado em exposição e documentário com uma tese curiosa: sua obra grandiosa pode ter sido moldada pelo autismo ou TDAH **AMANDA CAPUANO**

AOS 14 ANOS, o jovem Joseph Mallord William Turner (1775-1851) ingressou na prestigiada Royal Academy of Arts, expondo seu primeiro quadro na concorrida instituição um ano depois, ainda na adolescência. Rebatizado nos livros de história da arte com a alcunha de JMW Turner, ele se tornou um dos maiores pintores da Inglaterra, reconhecido pelo talento esplendoroso no retrato das paisagens de uma Europa transformada pela chegada da Revolução Industrial, com a névoa habitual se mesclando à fumaça das fábricas e às cores da atmosfera. Agora, completados 250 anos de seu nascimento, o mestre ganha destaque merecido em seu país de origem: a Tate Britain, em Londres, acaba de abrir uma exposição especial onde célebres trabalhos do artista, como *O Incêndio das Câmaras dos Lordes e dos Comuns* e *Palácio e Ponte de Calígula* são exibidos ao lado de obras do conterrâneo e rival John Constable (1776-1837), iluminando as contribuições da dupla para a arte e a relação tortuosa entre eles.

O retrato mais revelador, no entanto, é exposto no documentário ***Turner: The Secret Sketchbooks,*** lançado recentemente pela emissora BBC, ainda sem tradução no Brasil. Com cerca de uma hora de duração, a produção se debruça de maneira inédita sobre 37 000 esboços do pintor inglês na tentativa de preencher lacunas até hoje desconhecidas sobre sua personalidade. Entre as revelações feitas há uma possibilidade intrigante: a hipótese de que a visão única de Turner tenha sido influenciada por traumas de infância e por algum tipo de neurodivergência, como TDAH (transtorno de déficit de atenção com hiperatividade) ou autismo. “As aquarelas dele são extremamente meticulosas. Cada pedra, tijolo e janela precisam estar no lugar. Ele tinha um hiperfoco nisso. Claramente, Turner tinha um olhar obsessivo para os detalhes que pode indicar uma possível neurodivergência”, cogita na produção o embaixador da Sociedade Nacional do Autismo, Chris Packham, destacando também a obsessão angustiante do artista por esboçar cenários à exaustão.



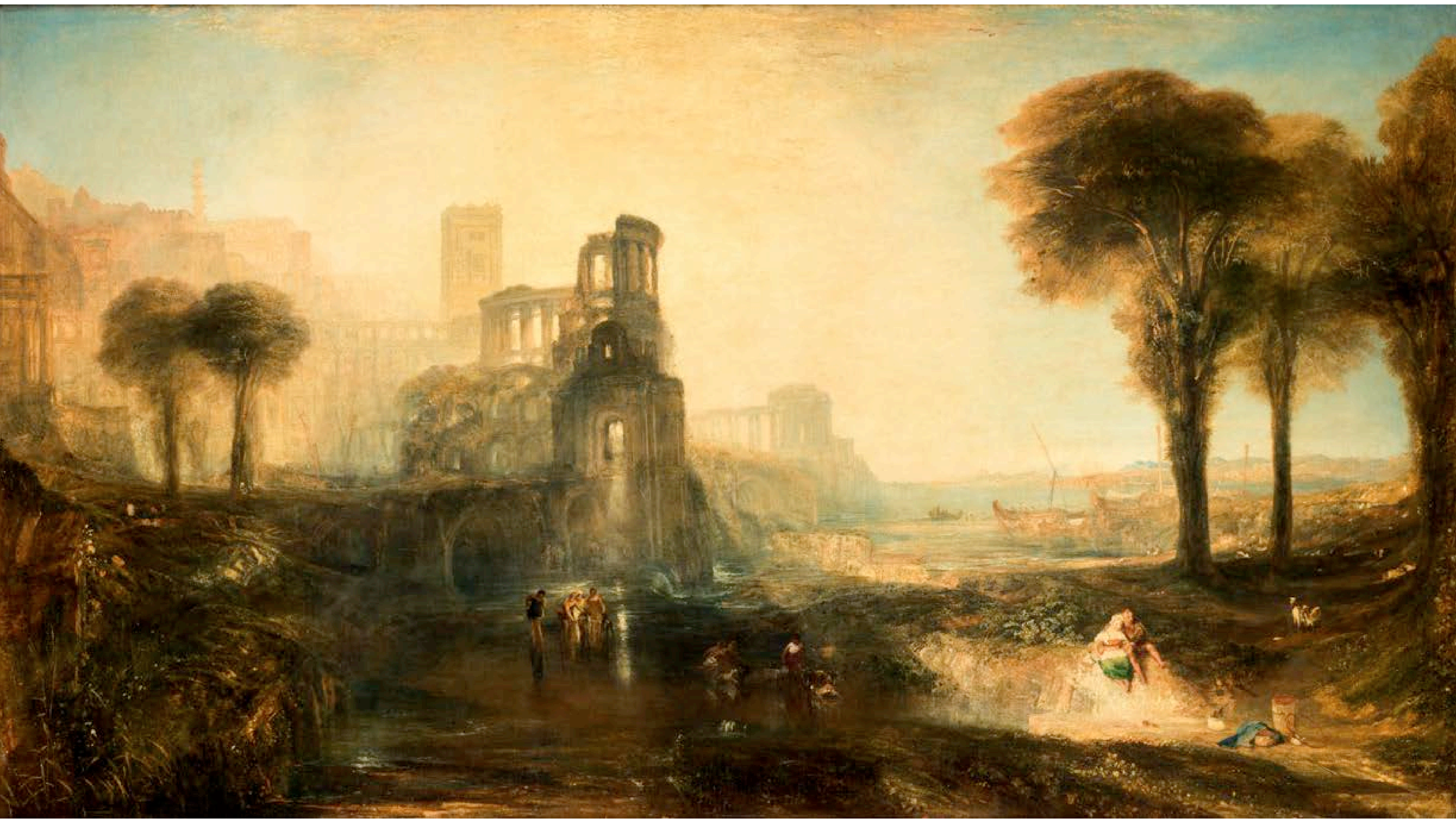
SAM DAY/TATE

INSTABILIDADE Turner em autorretrato: ele sofreu com luto e culpa na vida

Nos últimos anos, rever a obra de grandes artistas sob a ótica das questões mentais tornou-se uma fonte de estudos e descobertas fascinante. Inúmeros mestres da pintura tinham talentos sabidamente acima do ser humano médio e hábitos que apontam um funcionamento cerebral singular — em alguns casos, não apenas de maneira positiva. A produção da BBC engorda a lista de possíveis nomes que

ines249

EUGENIO FALCONI/TATE



MAGISTRAL *Palácio e Ponte de Calígula:* a obra está exposta na Tate

teriam lidado com condições neuroatípicas durante a vida. Além de Turner, Da Vinci já foi apontado como alguém com características vistas em pessoas com TDAH, enquanto Van Gogh, para vários especialistas, teria traços de um transtorno bipolar. Em 2004, um estudo da Trinity College, em Dublin, também sugeriu que Michelangelo talvez tivesse autismo. Nenhum desses termos, é claro, era usado no passado, e os testes hoje aplicados para o diagnóstico não existiam. Justamente por isso, é impossível cravar qualquer coisa. Embora os indícios estejam presentes, outro fator óbvio também não pode ser descartado: a simples genialidade artística.

No caso de Turner, o pintor não deixou diários, aumentando as especulações sobre sua biografia. Sabe-se que ele lidou, ao longo da vida, com traumas psicológicos. Aos 8 anos, perdeu a irmã mais nova e passou a sofrer com o luto. A situação se complicou em face dos problemas de sua mãe, Mary Turner, que tinha acessos de raiva constantes. Hoje, cogita-se que ela tivesse um quadro mental severo, como esquizofrenia ou algum tipo de psicose ou bipolaridade. "É uma situação muito vulnerável para uma criança ter um dos pais com problemas. Transforma o mundo dela em algo imprevisível e inseguro", explica a psicóloga Orna Guralnik na produção.

A situação não melhorou para Turner com a chegada da vida adulta. Sua mãe acabou internada em um sanatório não apenas em razão das crises, mas também porque sua saúde mental se converteu em ameaça para a reputação e a carreira do filho, fazendo com que a família a mantivesse em segredo. "Viver com o fardo de ter banido a própria mãe é um peso enorme de culpa, miséria, perda e tristeza. A maneira que ele encontrou para lidar com isso foi pintar", analisa a psicóloga. A instabilidade ao longo da vida, no entanto, não impediu que as paisagens de Turner se eternizassem. Sua bagagem, decerto, moldou seu modo peculiar e genial de ver o mundo. Eis um mestre de fato singular. ■

ines249

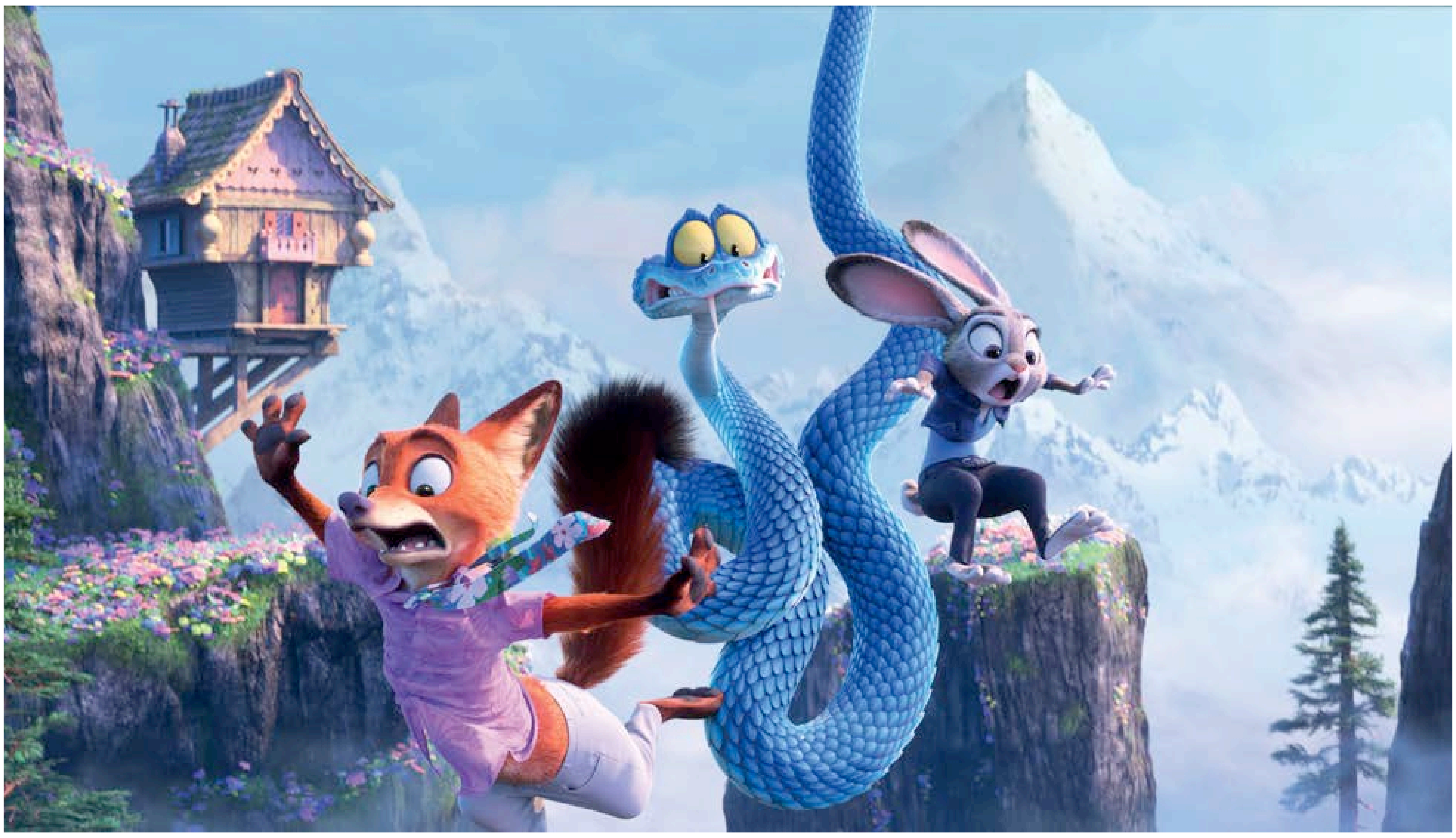
JOHN WILSON/NETFLIX

MISTÉRIO POP Daniel Craig *(à dir.)* como o detetive Benoit Blanc: mais um crime deliciosamente divertido

CINEMA

VIVO OU MORTO: UM MISTÉRIO KNIVES OUT ***(Wake Up Dead Man: A Knives Out Mystery,* Estados Unidos, 2025. Em cartaz nos cinemas e disponível na Netflix a partir de 12 de dezembro)**

A franquia *Entre Facas e Segredos* lança o mais novo capítulo da saga criminal protagonizada pelo detetive Benoit Blanc, interpretado por um sempre inspirado Daniel Craig. Além dele, esse terceiro filme é reforçado por várias estrelas de Hollywood: a lista inclui Glenn Close, Josh O'Connor e Kerry Washington. Em novo enredo na linha *whodunnit* (o célebre "quem matou"), a vítima é o controverso padre Jefferson Wicks (Josh Brolin), que morre dentro da sacristia da igreja durante uma missa, para choque dos fiéis presentes à cerimônia. Cabe ao detetive Blanc chegar à verdade mais uma vez por trilhas tortuosamente divertidas — provando que *Knives Out* é o melhor herdeiro atual da tradição dos mistérios à la Agatha Christie.

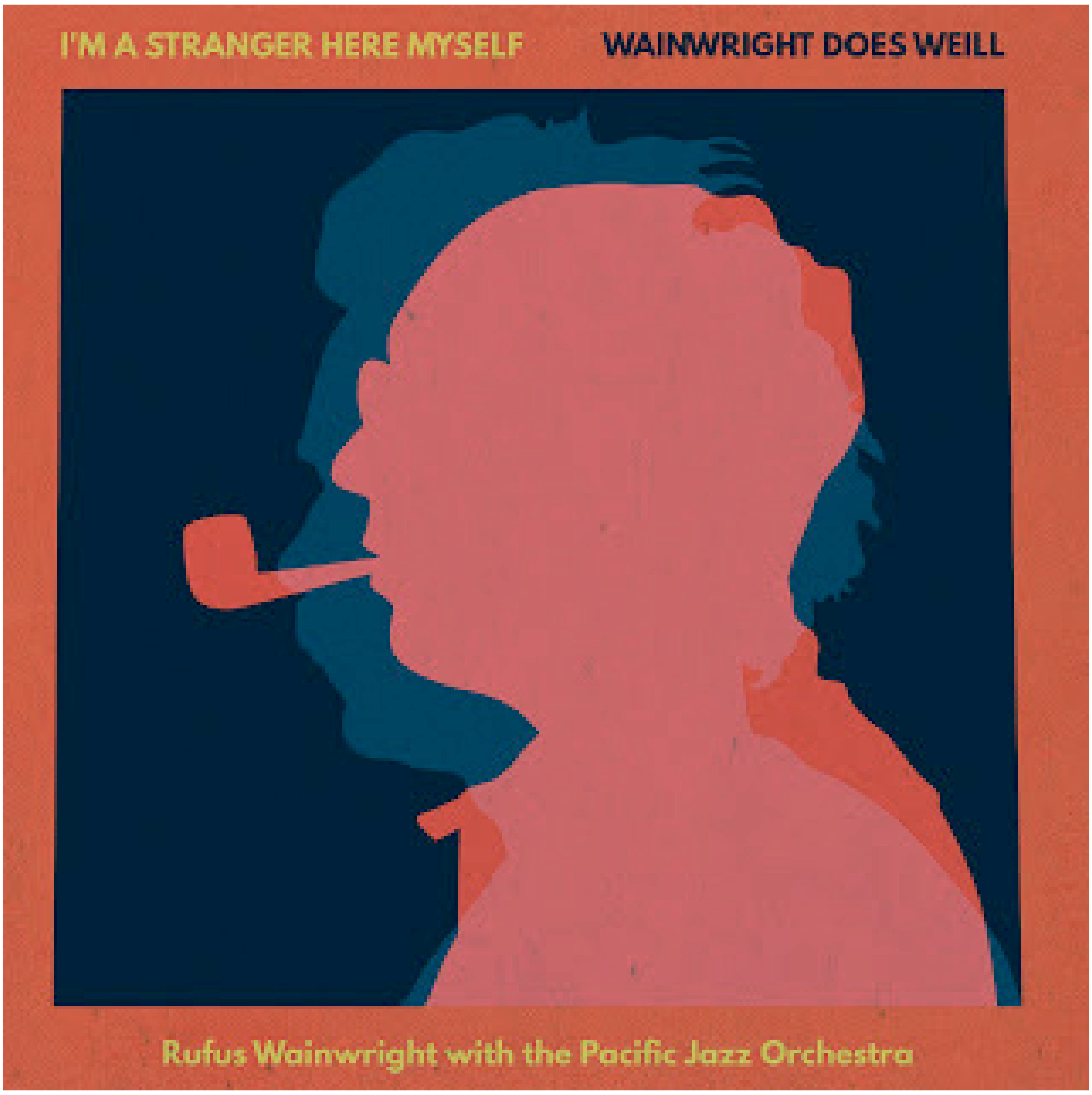

DISNEY

OLHA A COBRA *Zootopia 2*: reflexões sobre preconceito contra as diferenças

ZOOTOPIA 2

(Estados Unidos, 2025. Em cartaz nos cinemas)

A cidade de Zootopia se orgulha em dizer que, ali, animais de diversas espécies convivem pacificamente. No primeiro filme, de 2016, esse lema foi posto em xeque quando alguns predadores voltaram ao seu comportamento primitivo. Graças à coelha policial Judy e seu amigo malandro, a raposa Nick, o mistério foi resolvido e a paz, restaurada. No novo filme, a dupla se depara com uma injustiça: em Zootopia, nem todo bicho é bem-vindo — sobretudo, os répteis. Uma cobra, então, tenta limpar a imagem de sua galera e cai no radar da dupla protagonista. Com mais um roteiro afiado sobre tolerância, a animação da Disney retorna com graciosidade e tutano.


I'M A STRANGER HERE MYSELF
WAINWRIGHT DOES WEILL
Rufus Wainwright with the Pacific Jazz Orchestra

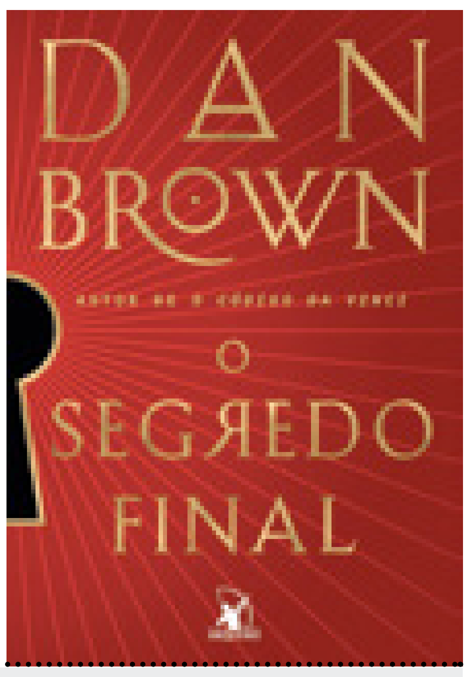
DISCO

I'M A STRANGER HERE MYSELF – WAINWRIGHT DOES WEILL,

de Rufus Wainwright (disponível nas plataformas de streaming)

Músico com passagem pelo pop, folk e até óperas, o canadense-americano Rufus Wainwright amplia seu leque ao reinterpretar clássicos compostos pelo alemão Kurt Weill para diversos espetáculos na primeira metade do século XX. Com acompanhamento suntuoso dos quarenta músicos da Pacific Jazz Orchestra, o disco ao vivo dosa teatralidade, humor e o romantismo ocasional das letras com primor — enquanto Wainwright ainda canta em francês, inglês e alemão. ■

FICÇÃO



1 **O SEGREDO FINAL**
Dan Brown [7 | 11] ARQUEIRO

2 **A HORA DA ESTRELA**
Clarice Lispector [10 | 46#] ROCCO

3 **A HIPÓTESE DO AMOR**
Ali Hazelwood [9 | 50#] ARQUEIRO

4 **A EMPREGADA**
Freida McFadden [0 | 79#] ARQUEIRO

5 **VERITY**
Colleen Hoover [8 | 184#] GALERA RECORD

6 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [0 | 159#] BERTRAND BRASIL

7 **JANTAR SECRETO**
Raphael Montes [0 | 32#] COMPANHIA DAS LETRAS

8 **NOITES BRANCAS**
Fiódor Dostoiévski [3 | 9#] VÁRIAS EDITORAS

9 **ALCHEMISED**
SenLinYu [0 | 7#] INTRÍNSECA

10 **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [0| 178#] GALERA RECORD

ines249

NÃO FICÇÃO

BYU
HAN
BYUNG-CHUL HAN
Sociedade do Cansaço
SOCIE
DADE
DO
CANS

1 **SOCIEDADE DO CANSAÇO**
Byung-Chul Han [4 | 97#] VOZES

2 **COISA DE RICO**
Michel Alcoforado [1 | 16] TODAVIA

3 **TREMEMBÉ**
Ullisses Campbell [2| 12] MATRIX

4 **MEDITAÇÕES**
Marco Aurélio [8 | 65#] VÁRIAS EDITORAS

5 **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
Clarissa Pinkola Estés [0 | 224#] ROCCO

6 **O PRÍNCIPE**
Nicolau Maquiavel [3 | 105#] VÁRIAS EDITORAS

7 **CEZAR**
Alessandro Greco [0 |1] BEST BUSINESS

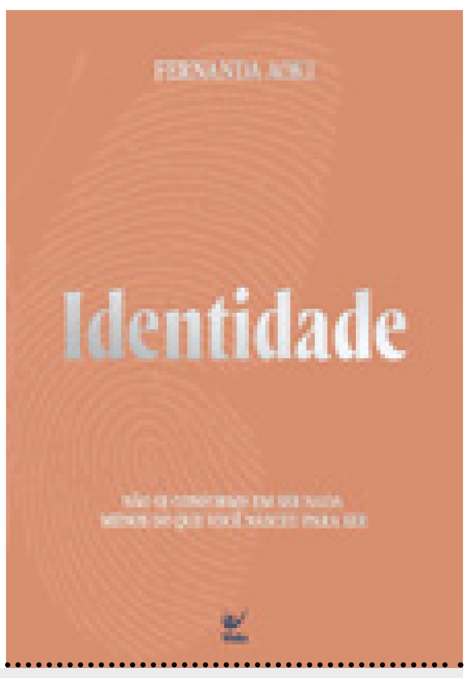
8 **MANO A MANO**
Mano Brown [0 | 1] COMPANHIA DAS LETRAS

9 **O DIÁRIO DE ANNE FRANK**
Anne Frank [0 | 333#] VÁRIAS EDITORAS

10 **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA**
Djamila Ribeiro [0 | 145#] COMPANHIA DAS LETRAS

ines249

AUTOAJUDA E ESOTERISMO



1	**IDENTIDADE**	Fernanda Aoki [0 | 1] VIDA
2	**A PSICOLOGIA FINANCEIRA**	Morgan Housel [1 | 112#] HARPERCOLLINS BRASIL
3	**CAFÉ COM DEUS PAI 2026**	Junior Rostirola [3 | 6#] VÉLOS
4	**O PODER DO SUBCONSCIENTE**	Joseph Murphy [0 | 6] BESTSELLER
5	**O CÓDIGO DOS NEGÓCIOS EXTRAORDINÁRIOS**	Marcos Alexandre [0| 1] GENTE
6	**AS 48 LEIS DO PODER**	Robert Greene [0 | 84#] ROCCO
7	**MINUTOS DE SABEDORIA**	Carlos Torres Pastorino [0 | 47#] VOZES
8	**OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**	T. Harv Eker [8 | 479#] SEXTANTE
9	**O PODER DA AUTORRESPONSABILIDADE**	Paulo Vieira [0 | 114#] GENTE
10	**O DIREITO DE SER EU**	Ana Lisboa [0| 1] GENTE

INFANTOJUVENIL

1 **DIÁRIO DE UM BANANA 20 – FESTA INSANA** Jeff Kinney [2 | 4] VR

2 **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [1 | 492#] VÁRIAS EDITORAS

3 **ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS**
Lewis Carroll [4| 8#] VÁRIAS EDITORAS

4 **AS AVENTURAS DE MIKE 5 – PÉ NA ESTRADA**
Gabriel Dearo e Manu Digilio [7 | 8] OUTRO PLANETA

5 **O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA**
Maidy Lacerda [9 | 63#] OUTRO PLANETA

6 **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [6 | 487#] ROCCO

7 **DIÁRIO DE UM BANANA**
Jeff Kinney [0 | 62#] VR

8 **CORALINE**
Neil Gaiman [8 | 103#] INTRÍNSECA

9 **MELHOR DO QUE NOS FILMES**
Lynn Painter [0 | 72#] INTRÍNSECA

10 **O CADERNO DE MALDADES DO SCORPIO 2 – O SEGREDO DO FLOREANTE** Maidy Lacerda [0 | 13#] OUTRO PLANETA

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Bookinfo /** Fontes: **Ananindeua:** Leitura; **Aparecida:** Paulus; **Aracaju:** Escariz, Paulus; **Balneário Camboriú:** Curitiba; **Barueri:** Travessa; **Belém:** Leitura, Paulus, SBS, Travessia; **Belo Horizonte:** Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, Paulus, SBS, Vozes; **Bento Gonçalves:** Santos; **Betim:** Leitura; **Blumenau:** Curitiba; **Boa Vista:** Paulus; **Brasília:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Cabedelo:** Leitura; **Cachoeirinha:** Santos; **Campina Grande:** Leitura, Paulus; **Campinas:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Paulus, Vozes; **Campos do Jordão:** História sem Fim; **Campos dos Goytacazes:** Leitura; **Canoas:** Mania de Ler, Santos; **Capão da Canoa:** Santos; **Caruaru:** Leitura; **Cascavel:** A Página; **Cássia:** Livraria da Praça; **Caxias do Sul:** Paulus; **Colombo:** A Página; **Confins:** Leitura; **Contagem:** Leitura; **Cotia:** Paulus, Prime, Sapiências, Um Livro; **Criciúma:** Curitiba; **Cuiabá:** Paulus, Vozes; **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Embu das Artes:** Livra Livros; **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Paulus; **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Paulus, Vozes; **Foz do Iguaçu:** A Página; **Frederico Westphalen:** Vitrola; **Garopaba:** Navegar; **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Paulus, SBS; **Governador Valadares:** Leitura; **Gramado:** Mania de Ler; **Guaíba:** Santos; **Guarapuava:** A Página, Paulus; **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS; **Ilhabela:** Canoa; **Ipatinga:** Leitura; **Itajaí:** Curitiba; **João Pessoa:** Leitura, Paulus; **Joinville:** A Página, Curitiba; **Juiz de Fora:** Leitura, Paulus, Vozes; **Jundiaí:** Leitura; **Lins:** Koinonia; **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila; **Macapá:** Leitura; **Maceió:** Leitura, Paulus; **Manaus:** Paulus; **Maringá:** Curitiba; **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura; **Natal:** Leitura, Paulus; **Niterói:** Blooks, Ponte; **Palmas:** Leitura; **Paranaguá:** A Página; **Pelotas:** Vanguarda; **Petrópolis:** Vozes; **Poços de Caldas:** Livruz; **Ponta Grossa:** Curitiba; **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Paisagem, Paulus, Taverna, Santos, SBS; **Porto Velho:** Leitura; **Recife:** Disal, Leitura, Paulus, SBS, Vozes; **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, Paulus; **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, Paisagem, SBS; **Rio Grande:** Vanguarda; **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Paulus, SBS; **Santa Maria:** Santos; **Santo André:** Disal, Leitura, Paulus; **Santos:** Loyola; **São Bernardo do Campo:** Leitura; **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila; **São João de Meriti:** Leitura;
São José: A Página, Curitiba; **São José do Rio Preto:** Leitura, Paulus; **São José dos Campos:** Amo Ler, Curitiba, Leitura; **São José dos Pinhais:** Curitiba; **São Luís:** Hélio Books, Leitura, Paulus; **São Paulo:** Aigo Livros, A Página, B307, Círculo, CULT Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Paisagem, Paulus, Perdizes, Santuário, SBS, Selecta, Simples, Vida, Vozes, WMF Martins Fontes; **Serra:** Leitura; **Sete Lagoas:** Leitura; **Sorocaba:** Paulus; **Taboão da Serra:** Curitiba; **Taguatinga:** Leitura; **Taubaté:** Leitura; **Teresina:** Leitura; **Uberlândia:** Leitura, Paulus, SBS; **Umuarama:** A Página; **Vila Velha:** Leitura; **Vitória:** Leitura, Paulus, SBS; **internet:** A Página, Amazon, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Travessa, Vanguarda, WMF Martins Fontes

JOSÉ CASADO

AUMENTOU A CONTA

JÁ ESTAVA RUIM, ficou muito pior. E a perspectiva para a temporada eleitoral de 2026 é de aumento na sangria de dinheiro dos impostos para tapar buracos abertos no caixa de companhias estatais, que o governo federal classifica como "não dependentes" de recursos do Orçamento.

Nove empresas públicas, por exemplo, estão perdendo 1 bilhão de reais por mês, na média de janeiro a agosto. Isso representa uma vazão de 35 milhões de reais por dia, na estimativa do Tesouro Nacional e da Instituição Fiscal Independente, vinculada ao Senado. Na vida real, o prejuízo é bem maior, mas está parcialmente encoberto por manobras gerenciais. Uma das táticas é aumentar as dívidas com fornecedores. Os Correios faturam 20 bilhões de reais por ano e, pelo balanço, gastam 20% a mais para manter as portas abertas de segunda a sexta no atendimento a 5 570 municípios.

Durante o primeiro semestre, seus dirigentes conseguiram conter as perdas mensais no patamar de 700 milhões. Agora, a maquiagem está derretendo: a empresa vai fechar 2025 com uma dívida represada acima de 15 bilhões de reais, contou em audiência no Senado na semana passada o ex-diretor financeiro Heglehyschynton Valério Marçal. Ou seja, no réveillon o endividamento com fornecedores terá a dimensão do seu patrimônio.

Esse é somente um pedaço da dívida total, cujo tamanho permanece desconhecido. A única certeza é a de que a incerteza sobre os débitos deriva de má gestão e corrupção. Num exemplo, o governo não sabe sequer se é realista a estimativa de 4,5 bilhões de reais em débitos judiciais acumulados até junho.

Em agosto, uma auditoria independente advertiu sobre as "fragilidades" internas que resultaram em "inconsistências" no controle das dívidas na Justiça. A companhia possui uma equipe de advogados, mas mantém contratos milionários com dezenas de escritórios de advocacia. Ainda assim, nos tribunais tem renunciado à preservação dos próprios direitos — jogou a toalha em 3700 processos.

É caso simbólico de liquefação de uma corporação singular pela longevidade (362 anos de monopólio) e pela atividade espraiada por todo o país, o que dá dimensão nacional à crise.

Os Correios derretem em consequência de uma obstinada resistência política e sindical a mudanças na gestão das estatais em sintonia com o interesse público.

É alegoria de uma degradação institucional progressiva, exposta ao público nos escândalos do mensalão e da Lava-Jato. De certa forma, foi agravada em 2023 quando o então juiz do Supremo Tribunal Federal Ricardo Lewandowski, hoje ministro da Justiça, suspendeu parcialmente a Lei das Estatais. Funcionou como senha para a expansão do loteamento político.

“Cenário para temporada eleitoral de 2026 é de sangria de impostos para tapar buracos nas estatais”

Entre as companhias controladas pela União e classificadas como “não dependentes” do Tesouro, algumas sobressaem pelo custo crescente da ineficiência.

É o caso da empresa federal com 2 700 empregados que opera o sistema de trens urbanos no Recife, em Maceió e João Pessoa. A CBTU transporta passageiros a um custo quase oito vezes maior do que a receita que efetivamente obtém nessas três regiões metropolitanas do Nordeste. Essa proporção de gasto operacional em relação à receita (líquida) dobrou nos últimos cinco anos.

Outra estatal de trilhos urbanos é a Trensurb, com 1 000 empregados, que atende à região metropolitana de Porto Alegre. Seu custo de atividade na operação e manutenção dos trens, na média, é três vezes e meia maior do que a receita, depois de descontados os impostos. No primeiro semestre recebeu 47,6 milhões de reais, mas precisou gastar 173,3 milhões para manter o serviço.

Casa da Moeda e as Companhias Docas do Rio de Janeiro, do Ceará, do Pará, da Bahia e do Rio Grande do Norte também devem pedir socorro financeiro, prevê o Tesouro Nacional no seu mais recente relatório sobre as empresas estatais.

Em alguns casos é possível alegar excepcionalidade até pelas peculiaridades de mercado. No entanto, em geral, o que acontece é ineficácia mesmo, decorrente da prevalência de interesses privados, políticos e sindicais, sob um quase inexistente sistema de fiscalização.

O debate sobre as estatais é rarefeito no Brasil. Quando ocorre, acaba aprisionado na esgrima retórica sobre estatização ou privatização, principalmente durante as campanhas eleitorais, que acontecem a cada dois anos. Por conveniência política, a discussão se distancia dos aspectos relevantes da vida das empresas públicas e da sociedade que as mantêm. Sobra uma conta a pagar, cada vez mais cara. ■

■ **Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de** VEJA

NOVIDADE

ACQUA AROMA
CASACLAUDIA

Acqua Aroma e Casa Claudia criaram uma coleção exclusiva de aromatizadores de ambientes, com uma fragrância sofisticada que traduz o estilo e bom gosto: *velvet cherry*

Escaneie o
QR Code e
compre agora

www.acquaaroma.com.br
@acquaaroma

1 *Difusor de aromas 350mL.* **2** *Difusor Cristal 200g.* **3** *Essência Concentrada 20mL.*

Se tem agro inteligente, tem ***Banco do Nordeste.***

Por trás do crescimento do agro na região, tem investimento em tecnologia, irrigação eficiente, energia limpa e práticas sustentáveis. ***E, acima de tudo, um banco que acredita na força de quem cultiva o futuro.***

Banco do Nordeste

GOVERNO DO BRASIL

DO LADO DO POVO BRASILEIRO